



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Erasmio José Pereira de Oliveira

**Um curso sem sentido? Estratégias institucionais versus estratégias individuais dos estudantes do curso de Apicultura do Campus Pau dos Ferros, IFRN (Brasil)**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Erasmu José Pereira de Oliveira

**Um curso sem sentido? Estratégias institucionais *versus* estratégias individuais dos estudantes do curso de Apicultura do *Campus Pau dos Ferros*, IFRN (Brasil)**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Ciências da Educação  
Área de Especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas

Trabalho efetuado sob a orientação do  
**Professor Doutor Carlos Alberto Gomes**

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



**Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações**  
**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por cuidar de mim e ajudar todo o tempo.

À minha esposa, Priscila Sampaio, pelo amor, companheirismo, incentivo e justas cobranças para que esse trabalho fosse concluído.

À minha mãe, Maria de Fátima, pelo apoio e pelo exemplo que é de disposição, retidão e coragem.

Ao meu pai, Francisco Ezequiel, pelo carinho e cuidado.

Ao meu padrasto, José Fernandes, pela ajuda e incentivo.

Aos meus irmãos, Fernanda e Emanuel, por todo carinho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Alberto Gomes, pelo empenho, compreensão, paciência, generosidade, presença sempre constante e inestimável contribuição para a conclusão deste estudo.

À professora Antonia Francimar, pela amizade, incentivo e por estar sempre disposta a ajudar.

Aos colegas de mestrado na Universidade do Minho, em especial Carlos Júnior, pelo companheirismo e incentivo.

Aos amigos Felipe Morais e Wigna Guerra pela imprescindível ajuda.

Aos professores do Instituto de Educação da Universidade do Minho, em especial ao Professor Doutor José Augusto Branco Palhares, por estarem sempre dispostos a ajudar e pelo aprendizado proporcionado.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## **STATEMENT OF INTEGRITY**

I hereby declare having conducted this academic work with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of undue use of information or falsification of results along the process leading to its elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged the Code of Ethical Conduct of the University of Minho.

## **Um curso sem sentido? Estratégias institucionais *versus* estratégias individuais dos estudantes do curso de Apicultura do *Campus* Pau dos Ferros, IFRN (Brasil)**

### **RESUMO**

O Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura ofertado pelo Campus Pau dos Ferros do IFRN é o único nessa modalidade em todo o Brasil. Esse curso foi criado para atender aos arranjos produtivos locais, possibilitando o desenvolvimento regional, no contexto da expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica, que ampliou consideravelmente a quantidade de instituições de educação profissional no Brasil. O presente trabalho dispõe-se a realizar uma análise sociológica (e política) da experiência acadêmica, dos objetivos e estratégias individuais dos estudantes do curso de Apicultura e da sua relação com os objetivos e estratégias da instituição responsável por essa oferta formativa. Procura-se conhecer os documentos institucionais que tratam do tema, assim como realizar um resgate histórico da educação profissional no Brasil enquanto política pública de Estado. Pode-se afirmar que se trata de uma investigação qualitativa, de caráter exploratório, baseada no estudo de caso e que está situada no campo das Políticas Educativas, com abordagem sociológica. Busca-se analisar os impactos decorrentes das situações de convergência ou divergência estratégica entre a orientação institucional e os objetivos individuais de ascensão social dos estudantes. Para realização da pesquisa, foram empregues diversas técnicas, como pesquisa bibliográfica; análise documental; recolha de opinião escrita, por meio de questionários; entrevistas. Ressalte-se que foram respeitados todos os princípios éticos e deontológicos, a exemplo da autorização para coleta de dados, para gravação das entrevistas, assim como para a divulgação do nome da instituição em que o estudo é desenvolvido. Os resultados obtidos colocam em dúvida a efetividade dessa oferta formativa e revelam a necessidade de o IFRN refletir sobre que medidas institucionais podem ser adotadas de modo a atender aos objetivos estabelecidos no Projeto Pedagógico do Curso.

**Palavras-chave:** Apicultura. Ascensão social. Desenvolvimento regional. Educação profissional. Políticas públicas.

**A pointless course? Institutional Strategies *versus* Individual strategies of Beekeeping course's students of IFRN, Pau dos Ferros *Campus* (Brazil)**

**ABSTRACT**

The Secondary Technical Education Course in Beekeeping offered on IFRN's Pau dos Ferros *campus* is the only one of its kind in Brazil. The course was created to meet the local productive arrangements, making regional development possible on the context of the Federal Network of Technological Education expansion, what consisted of the creation of several professional education federal institutes in Brazil. This research intends to carry out a sociological (and political) analysis of Beekeeping Course students' academic experience, individual objectives, and strategies, and how these are related to IFRN's objectives and strategies. The institutional documents that address the topic are analyzed, leading to a historical review of Brazil's professional education as a State's public policy. This is a qualitative and exploratory research, based on the case study method and situated in the field of Educational Policies, with a sociological approach. The study aims to analyze the impacts that result from the strategical convergence or divergence between the institution's guidelines and the students' social ascension Individual objectives. In order to perform this research, several techniques were used, such as bibliographical research; documental analysis; gathering of written opinions through questionnaires; Interviews. It is important to make it clear that all the deontological and ethical principles were respected, with the authorization given by the participants to collect the data, record Interviews, as well as the disclosure of the name of the institution where the study was conducted. The results obtained lead to a doubt that questions the efficiency of this educational offer and reveal that the institution needs to reflect upon which institutional measures must be taken in order to meet the objectives established on the Course's Pedagogical Project.

**Keywords:** Beekeeping. Social ascension. Regional Development. Professional Education. Public Policies.

## ÍNDICE GERAL

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	iii
<b>RESUMO</b> .....	v
<b>ABSTRACT</b> .....	vi
<b>ÍNDICE GERAL</b> .....	vii
<b>ÍNDICE DE FIGURAS E GRÁFICOS</b> .....	ix
<b>ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS</b> .....	xi
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>Capítulo I - EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COMO POLÍTICA PÚBLICA DE ESTADO</b> .....	6
1. Das Escolas de Aprendizes Artífices à Reforma Capanema .....	8
2. Do período militar aos Institutos Federais .....	17
<b>Capítulo II - CONTEXTO INSTITUCIONAL E ORGANIZACIONAL DO ESTUDO</b> .....	26
1. O IFRN: de Escola de Aprendizes Artífices ao Instituto Federal .....	27
2. Oferta educacional: dos cursos de formação inicial ao doutorado .....	31
3. Finalidades e objetivos: estreita ligação com os arranjos produtivos locais .....	32
4. Seleção de estudantes: em busca dos melhores .....	33
5. O <i>Campus</i> Pau dos Ferros .....	34
6. O curso de Apicultura .....	39
<b>Capítulo III - PESQUISA EMPÍRICA E OPÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....	45
1. Seleção dos sujeitos participantes da pesquisa .....	47
2. Análise documental .....	49
3. A entrevista .....	50
4. Recolha de opinião escrita .....	52
5. Dimensões éticas e deontológicas .....	53
<b>Capítulo IV - ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	56
1. Questões iniciais .....	57
2. Apresentação dos dados .....	58
<b>Capítulo V - CONCLUSÃO</b> .....	74
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	80
<b>REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS</b> .....	82
<b>APÊNDICES</b> .....	84

Apêndice 1 - Transcrição das respostas dos estudantes do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura .....	85
Apêndice 2 - Transcrição das respostas dos estudantes dos Cursos Técnicos de Nível Médio Integrado em Informática e Alimentos .....	96
Apêndice 3 - Transcrição das respostas dos docentes .....	107
Apêndice 4 - Transcrição das entrevistas com ex-alunos .....	112
Apêndice 5 - Transcrição da entrevista com o Coordenador do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura .....	119
Apêndice 6 - Transcrição da entrevista com membro da Equipe Técnico-Pedagógica .....	125
Apêndice 7 - Transcrição da entrevista com a Diretora Acadêmica do <i>Campus</i> Pau dos Ferros .....	130
<b>ANEXOS</b> .....	133
Anexo 1 - Autorização da Direção-Geral do <i>Campus</i> Pau dos Ferros .....	134
Anexo 2 - Carta de anuência .....	135
Anexo 3 - Autorização para uso do nome da instituição .....	136

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Articulação entre os níveis de ensino de acordo com a primeira LDB.....	14
<b>Figura 2</b> - Distribuição dos <i>campi</i> dos Institutos Federais pelo Brasil.....	24
<b>Figura 3</b> - Distribuição dos <i>campi</i> do IFRN no Estado do Rio Grande do Norte .....	30
<b>Figura 4</b> - Exemplo de distribuição de vagas no sistema de cotas (Lei 12.711/2012), considerando os percentuais de 53,66% de pretos, pardos e indígenas e 22,62% de pretos, pardos e indígenas com deficiência na unidade da Federação.....	34
<b>Figura 5</b> - Imagem aérea do <i>Campus</i> Pau dos Ferros do IFRN .....	35
<b>Figura 6</b> - Requisitos e formas de ingresso no curso de apicultura .....	39
<b>Figura 7</b> - Aula prática do Curso Técnico em Apicultura .....	40
<b>Figura 8</b> - Representação gráfica do desenho e da organização curricular dos cursos técnicos integrados .....	42

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Distribuição dos estudantes por raça.....	37
<b>Gráfico 2</b> - Renda familiar <i>per capita</i> dos estudantes .....	38
<b>Gráfico 3</b> - Distribuição dos estudantes do <i>Campus</i> Pau dos Ferros por local de residência .....	59
<b>Gráfico 4</b> - Razões pela escolha do IFRN.....	60
<b>Gráfico 5</b> - Percepção da imagem do curso de Apicultura.....	64

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Datas de inaugurações das Escolas de Aprendizes Artífices nas unidades da Federação ....	9
<b>Tabela 2</b> - Leis Orgânicas do Ensino .....	12
<b>Tabela 3</b> - Tipologia das escolas de educação profissional em 1942 .....	15
<b>Tabela 4</b> - Quantitativo das instituições da Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em 2005 .....	22
<b>Tabela 5</b> - Histórico de denominações do IFRN .....	28
<b>Tabela 6</b> - Distribuição dos <i>campi</i> do IFRN por fase de expansão da Rede Federal .....	29
<b>Tabela 7</b> - Distribuição quantitativa das ofertas formativas do IFRN em 2019 .....	31

<b>Tabela 8</b> - Quantidade de alunos por curso em 2019 .....	36
<b>Tabela 9</b> - Recorte da caracterização social e económica dos estudantes dos cursos técnicos de nível médio integrado em 2019 .....	39
<b>Tabela 10</b> - Detalhamento de disciplinas e carga horária dos núcleos.....	43
<b>Tabela 11</b> - Escolas anteriores dos estudantes concluintes do curso de Apicultura.....	60
<b>Tabela 12</b> - Razões pela escolha do curso de Apicultura.....	61
<b>Tabela 13</b> - Perspetivas dos estudantes ao final do curso de Apicultura .....	67
<b>Tabela 14</b> - Perceções dos estudantes dos cursos de Informática e Alimentos sobre o curso de Apicultura.....	70
<b>Tabela 15</b> - Perceções dos estudantes dos cursos de Informática e Alimentos sobre os estudantes do curso de Apicultura .....	71

## **ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APL	Arranjos Produtivos Locais
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CONIF	Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
CONSUP	Conselho Superior
EAA	Escola de Aprendizizes Artífices
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ETFRN	Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte
FIC	Formação Inicial e Continuada
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF	Instituto Federal
IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
PcD	Pessoa com Deficiência
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PISA	Programme for International Student Assessment
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PPP	Projeto Político Pedagógico
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SUAP	Sistema Unificado de Administração Pública
TADS	Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas
UNED	Unidade de Ensino Descentralizada
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## **INTRODUÇÃO**

O Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura, por ser o único curso de Apicultura nessa modalidade ofertado em todo país, já se desenha como relevante para a presente investigação. Conhecer os pormenores dessa iniciativa pioneira e, sobretudo, saber se os objetivos pensados para essa oferta formativa estão sendo alcançados parece ser o ponto de partida do presente estudo. Destaque-se que não seria possível compreender tais questões sem conhecer, minimamente, a Instituição Federal de Educação responsável por essa oferta. Compreender as bases dessa política educativa, desde as primeiras iniciativas da educação profissional no Brasil, é fundamental para que se compreenda o contexto em que foi implementada a recente expansão, à nível nacional, dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, distribuídos em todo território nacional, compondo a Rede Federal de Educação Tecnológica com um quantitativo de 600 *campi*.

Essa expansão da Rede Federal de escolas (instituições) de educação profissional tem, certamente, propiciado a oferta de educação de qualidade, com excelente estrutura e profissionais extremamente qualificados, nos mais diversos recantos do Brasil. Em razão disso, contribui seguramente para a redução das desigualdades sociais e para o desenvolvimento regional, pela via da oferta de uma educação emancipatória, já que a implantação das ofertas dos cursos está ligada a uma análise dos Arranjos Produtivos Locais (APL) de cada região.

É nessa perspectiva de desenvolvimento regional que o curso de Apicultura chama tanta atenção, porque em tese pode possibilitar o incremento de emprego e renda local, fixando pessoas na sua região, dada a nova possibilidade de sucesso profissional.

Nessa perspectiva, ainda que de forma limitada, descobrir se essas políticas públicas de expansão da educação profissional estão cumprindo com suas finalidades, ou seja, alcançando os resultados esperados nos cursos e na região em que são efetivamente implementadas são algumas das motivações do presente trabalho de investigação.

Ademais, essa iniciativa está diretamente relacionada com o nosso fazer institucional. O dia a dia de trabalho na instituição em que se desenrola o estudo levou-nos a observar, especialmente em relação aos estudantes do Curso Técnico de Nível Médio em Apicultura, um aparente desinteresse ou descontentamento com sua formação técnica. Relatos e depoimentos ouvidos no cotidiano de colegas gestores e de professores também colocaram a questão em evidência, construindo uma imagem negativa desses estudantes.

A ideia inicial - que surgiu a partir dessa observação, ainda que, de algum modo, superficial - é que essa possível imagem negativa poderia, em maior ou menor grau, ser determinante para uma eventual falta de alinhamento entre os interesses estratégicos institucionais e as estratégias dos próprios estudantes. A possibilidade de que as expectativas negativas da comunidade escolar acabassem por influenciar e até determinar resultados negativos dos estudantes de Apicultura também foi inicialmente levantada. Restava saber se, de fato, existiria uma imagem negativa associada ao curso de Apicultura e seus estudantes e até que ponto isso seria percebido e interiorizado por esses discentes.

De outro lado, antes da análise e/ou verificação de qualquer imagem, negativa ou positiva, feita sobre ou por esses alunos, foi necessário conhecer seus anseios, escolhas, desejos, expectativas e estratégias que determinaram, inclusive, sua opção pelo ingresso na instituição. Será que, desde logo, os interesses desses estudantes estavam alinhados com os interesses institucionais? É uma pergunta a que se pretende responder.

O problema de investigação é a análise sociológica (e política) da experiência acadêmica, dos objetivos e das estratégias individuais dos estudantes do curso de Apicultura na sua relação com os objetivos e estratégia institucional do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), especialmente do *Campus* Pau dos Ferros, responsável por essa formação. A problemática sociológica envolve educação, escola e mobilidade social.

Em razão das questões acima expostas, foram definidos como objetivos: a realização de um estudo empírico que permita realizar uma análise sociológica objetiva do projeto de criação do curso de Apicultura no *Campus* Pau dos Ferros; a análise da relação - convergente ou divergente - entre a estratégia institucional do IFRN e as estratégias individuais dos estudantes do curso de Apicultura, além da análise dos impactos decorrentes das situações de convergência ou divergência estratégica entre a orientação institucional e os objetivos individuais dos educandos.

Para definição das dimensões de análise foram, inicialmente, definidas algumas questões de investigação. São elas:

1. Qual é a relevância econômica e social do curso de Apicultura na região?
2. Que relevância (importância) tem o curso de Apicultura na estratégia de afirmação e projeção acadêmica e social do IFRN?
3. Quais serão as representações (imagens) sobre o curso de Apicultura identificáveis no *Campus* Pau dos Ferros?

4. Quais serão as representações (imagens) sobre os estudantes do curso?
5. Quais serão as origens sociais e as trajetórias acadêmicas dos estudantes do curso?
6. Quais serão as expectativas acadêmicas dos estudantes do curso?
7. Quais serão as expectativas profissionais (pós formação acadêmica) dos estudantes do curso?
8. Que fatores (ou conjugação/articulação de fatores) condicionam e permitem compreender/explicar as estratégias de realização profissional dos alunos do curso de Apicultura?

É evidente que essas questões não colocam fim à investigação, mas servem de referência inicial para o seu desenvolvimento. Por isso, outros eventuais questionamentos podem ter surgido no decorrer do trabalho.

No que se refere à sua estrutura, a presente dissertação foi organizada em 5 (cinco) capítulos. O primeiro, intitulado "Educação profissional como política pública de Estado", busca compreender a gênese da educação profissional no Brasil, caracterizando-a, sobretudo, como uma política pública de Estado. Apresentamos uma retrospectiva histórica do tema, desde as primeiras iniciativas até os dias atuais, com destaque para a atuação dos agentes políticos enquanto promotores das políticas educacionais para formação profissional.

Já o segundo capítulo, cujo título é "Contexto institucional e organizacional do estudo", apresenta uma caracterização institucional do IFRN, do *Campus* Pau dos Ferros e, especialmente, do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura. São apresentados os objetivos institucionais do IFRN e, de modo particular, do curso de Apicultura, assim como são abordadas questões sobre forma de acesso, perfil dos estudantes, dentre outras. Também é feito um breve resgate histórico do IFRN, suas denominações anteriores e sua oferta formativa que vai desde os cursos mais básicos de formação inicial e continuada até o doutorado.

O capítulo seguinte trata da "Pesquisa empírica e opções metodológicas", apresentando as técnicas escolhidas e as opções metodológicas adotadas para responder às questões inicialmente estabelecidas. Procura-se abordar, de forma não exaustiva, os fatores que determinaram e, de algum modo, limitaram a realização da investigação de campo. Ressalte-se a especial atenção que foi dada aos aspectos éticos e deontológicos na investigação. Toda a recolha de dados, desde a aplicação de questionários até a realização das entrevistas, foi devidamente autorizada pela Direção-Geral do *campus*, assim como pelos próprios atores participantes.

O quarto capítulo, por sua vez, trata especificamente do tratamento e análise dos dados. Corresponde à apresentação da informação recolhida por entrevistas e questionários abertos, aplicados aos professores, gestores e estudantes da instituição.

O quinto e último capítulo apresenta as conclusões ou considerações finais do estudo, expondo também um balanço da experiência de investigação, dificuldades e condicionalismos que rodearam a elaboração da dissertação. Coloca ainda algumas implicações institucionais e pistas para investigações futuras.

**Capítulo I**  
**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COMO POLÍTICA PÚBLICA DE ESTADO**

No presente capítulo apresentamos um breve histórico da educação profissional no Brasil, tomando como base os diplomas normativos legais e referências bibliográficas. É evidente que não há a intenção de pormenorizar cada detalhe, avanço ou retrocesso histórico, desse importante processo. Há, em outra via, que se abordar as questões históricas e normativas centrais, sobretudo para situar o presente estudo no campo das políticas educativas.

Ao tratar da evolução histórica da educação profissional do Brasil, enquanto política pública de Estado, podemos afirmar que o objetivo principal dessa modalidade de ensino, desde os seus primeiros passos até os dias atuais, é o preparo para o trabalho. A opção por esclarecer essa questão desde logo e sem rodeios parece-nos mais acertada, já que a construção teórica que se segue está baseada nessa premissa, fundamentada, claramente, nos dados coletados no percurso investigativo.

Os primeiros passos da educação profissional no Brasil remontam a 1809 com a criação do Colégio das Fábricas, também conhecido como Casa do Antigo Guindaste pelo então príncipe regente, futuro D. João VI. Esse colégio foi criado em decorrência da autorização, por meio do Alvará de 1º de abril de 1808<sup>1</sup>, para o estabelecimento de fábricas e manufaturas no país e teve como primeira regulamentação o decreto do príncipe regente em 23 de março de 1809, que estabelecia:

Attendendo a acharem-se trabalhando e aprendendo à custa da minha Real Fazenda na Casa denominada Collegio das Fábricas debaixo da direcção de Sebastião Fabregas Surigué, meu Criado, vários artifices, manufactureiros, aprendizes vindos de Portugal, e isso em virtude das providencias que fui servido a dar para a sua subsistência em utilidade do commercio e indústria, que pelo meu Alvará de 1º de Abril do anno próximo passado de 1808 fui servido a promover no Brazil: e tendo consideração ao arranjo e economia, com que o sobredito Sebastião Fabregas tem promovido o trabalho dos officiaes do tito Collegio, ou Casa do antigo Guindaste, já estabelecidas: hei por bem, pelo meu Real Erario, na forma até agora praticada, em observância das minhas Reaes Ordens, se continuem a pagar as folhas dos jornaleiros alli empregados, e as despesas dos reparos da Casa do sobredito Collegio. (Brasil, 1809, p. 35)

O objetivo era essencialmente assistencialista, atendendo preferencialmente jovens menos favorecidos, abandonados, afastando-os da marginalidade e ensinando-lhes um ofício. Segundo estudos realizados por Moura (2007, p. 6) sobre a natureza da "educação" ofertada nesses colégios, ela tinha o objetivo de “amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte, ou seja, de atender àqueles que não tinham condições sociais satisfatórias, para que não continuassem a praticar ações que estavam na contra-ordem dos bons costumes”.

---

<sup>1</sup> O Alvará de 1º de abril de 1808 revogou o de 1785, que proibia a instalação de manufaturas do Brasil.

Nesse contexto, Cunha (1979, p. 16) afirma que “o Estado procurava desenvolver um tipo de ensino diferente do secundário/superior, com o objetivo de promover a formação da força de trabalho diretamente ligada à produção: os artífices para as oficinas, fábricas e arsenais”.

## **1. Das Escolas de Aprendizes Artífices à Reforma Capanema**

Decorridos mais de cem anos da primeira iniciativa de profissionalização de mão-de-obra, a Câmara dos Deputados, por intermédio da Proposição 195, editou em 1906 o primeiro documento oficial, na República, destinando recursos financeiros para viabilizar a instalação de escolas profissionais no âmbito federal. Essa proposição, de acordo com Fonseca (1961, p. 157), autorizou o presidente da República a se entender com os governadores estaduais para instituir as escolas técnicas.

Nesse contexto, em 23 de setembro de 1909, o então presidente dos Estados Unidos do Brasil, Nilo Procópio Peçanha, por meio do Decreto 7.566, criou 19 Escolas de Aprendizes e Artífices (EAA), uma em cada capital dos estados da república, com o objetivo de ofertar o ensino profissional primário gratuito. O próprio texto do decreto de criação das escolas deixa claro o público que pretende formar nessas instituições ao afirmar que:

o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da lucta pela existência: que para isso se torna necessario, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensavel preparo technico e intelectual, como faze-los adquirir habitos de trabalho proficuo, que os afastara da ociosidade ignorante, escola do vicio e do crime. (Brasil, 1909a).

No início de 1910, as primeiras escolas já entraram em funcionamento e, no decorrer do ano, foram inauguradas em 19 das 20 capitais. Não foi instituída a escola do Rio Grande do Sul por já estar em funcionamento naquele estado o Instituto Técnico Profissional da Escola de Engenharia de Porto Alegre. O Decreto 7.763<sup>2</sup>, de 23 de dezembro de 1909, em seu artigo 17 previa que:

Uma vez que em um Estado da Republica exista um estabelecimento, do typo das escolas de que trata o presente decreto, custeado ou subvencionado pelo respectivo Estado, o Governo Federal poderá deixar de installar ahi a escola de apprendizes artífices, auxiliando o estabelecimento estadual com uma subvenção igual á quota destinada á installação e custeio de cada escola. (Brasil, 1909b).

---

<sup>2</sup> O Decreto 7.763 alterou os decretos 7.566 e 7.649, de 23 de setembro e 11 de novembro do mesmo ano, referentes à criação de EAA nas capitais dos estados e à nomeação de professores para os respectivos cursos noturnos - Primário e de Desenho

**Tabela 1** - Datas de inaugurações das EAA nas unidades da Federação

<b>ESCOLAS DE APRENDÍZES ARTÍFICES</b>	<b>DATAS DE INAUGURAÇÃO</b>
Do Piauí	1º de janeiro de 1910
De Goiás	1º de janeiro de 1910
Do Mato Grosso	1º de janeiro de 1910
Do Rio Grande do Norte	3 de janeiro de 1910
Da Paraíba	6 de janeiro de 1910
Do Maranhão	16 de janeiro de 1910
Do Paraná	16 de janeiro de 1910
De Alagoas	21 de janeiro de 1910
De Campos (RJ) <sup>3</sup>	23 de janeiro de 1910
De Pernambuco	16 de fevereiro de 1910
Do Espírito Santo	24 de fevereiro de 1910
De São Paulo	24 de fevereiro de 1910
De Sergipe	1º de maio de 1910
Do Ceará	24 de maio de 1910
Da Bahia	2 de junho de 1910
Do Pará	1º de agosto de 1910
De Santa Catarina	1º de setembro de 1910
De Minas Gerais	8 de setembro de 1910
Do Amazonas	1º de outubro de 1910

Fonte: Fonseca (1961, p. 167)

Ressalte-se que, até então, sequer existia no Brasil o Ministério da Educação, conforme assegura Moura (2007, p. 6): “em 1906, o ensino profissional passou a ser atribuição do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, mediante a busca da consolidação de uma política de incentivo para preparação de ofícios dentro destes três ramos da economia”.

Os cursos ofertados nas escolas eram eminentemente práticos e estavam relacionados com as necessidades de mão de obra operária da região em que estavam instaladas. Conforme atesta Soares (1982, p. 61), “a natureza e o número de ofícios a serem ministrados variavam, de acordo com as exigências locais, ou seja, conforme as condições industriais do estado em que a escola funcionar”.

Inicialmente também não havia maiores preocupações com a preparação dos professores para atuar nesses estabelecimentos. Muitos não tinham formação pedagógica e vinham diretamente das fábricas para, de algum modo, repassar os seus conhecimentos para os jovens menos afortunados que frequentavam essas escolas. Silva (2019, p. 45) informa que “não havia uma preocupação com a

<sup>3</sup> De acordo com Soares (1982, p. 60), a escola do Rio de Janeiro não foi instalada em sua capital, “mas em Campos, cidade natal de Nilo Peçanha. Frente a recusa do Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Oliveira Botelho, em prestar auxílio pedido para a instalação da escola”.

organização formal dos professores que atuavam nessas escolas. Bastavam-lhes apenas os conhecimentos práticos que eram transferidos aos jovens oriundos das classes menos favorecidas”.

Há que se destacar que, desde os primórdios da educação brasileira, existe uma dualidade estrutural. De um lado, o ensino profissionalizante politécnico, ou simplesmente ensino técnico, essencialmente pensado para fornecer formação para a classe trabalhadora, para o operariado e para os menos favorecidos socialmente; de outro, o ensino propedêutico, voltado para a formação das elites, nas áreas das ciências, letras e artes. De acordo com Cunha (1979, p. 5), foi com a criação da Academia de (Belas) Artes, no Rio de Janeiro, que “se definiram as posições em torno da estrutura dualista do aparelho educacional escolar”.

Nessa perspectiva, Fernandes (2015, p. 46), ao tratar das concepções iniciais do ensino profissionalizante no Brasil, afirma que

Normativamente, a Escola deveria ser conservadora, não estruturada para todos, destinada aos pobres, visando à qualificação de mão de obra necessária ao atendimento do processo de industrialização capitalista que se implantava, ou seja, uma educação voltada para o saber mais prático, em nível primário, enquanto, para as elites, era reservada uma formação educacional acadêmica secundária e superior.

Historicamente, e não somente no contexto da criação do ensino técnico, a educação sempre cumpriu um papel de reprodução do *status quo*. No caso brasileiro em especial, desde os jesuítas, sempre foi utilizada como instrumento mantenedor de uma sociedade de classes.

Na mesma linha, Fonseca (1961, p. 18) destaca:

O fato de, entre nós, terem sido índios e escravos os primeiros aprendizes de ofício marcou com um estigma de servidão o início do ensino industrial em nosso país. É que, desde então, habituou-se o povo de nossa terra a ver aquela forma de ensino como destinada somente a elementos das mais baixas categorias sociais.

Para além dessa evidente dualidade, interessa aqui a clara destinação dessa oferta educacional, desde a sua gênese, qual seja, a qualificação de trabalhadores para o mercado de trabalho, sobretudo para atender as demandas regionais nos passos iniciais do processo de industrialização brasileiro.

Importa salientar que até 1926 ainda não havia legislação que determinasse o currículo a ser seguido nas EAA. Sua dinâmica de funcionamento estava diretamente ligada às figuras de seus diretores que, na maioria das vezes, sem a formação adequada, determinavam as regras a serem seguidas. No entanto, com a Consolidação dos Dispositivos Concernentes às Escolas de Aprendizes Artífices, editada

por meio da Portaria de 13 de novembro de 1926, do Ministro da Agricultura, Miguel Calmon du Pin e Almeida, é que se definiu um currículo básico para aprendizagem básica nessas escolas.

Ressalta-se que, nesse período, o ensino profissional era considerado primário e, conforme Fonseca (1961, p. 193)

O currículo passava a ser constituído das seguintes disciplinas: Português, Aritmética, Geometria Prática, Lições de Coisas, Desenho e Trabalhos Manuais, Caligrafia, Ginástica e Canto Coral, Corografia e História do Brasil, Instrução Moral e Cívica, Elementos de Álgebra, noções de Trigonometria, rudimentos de Física e Química, Desenho Industrial e Tecnologia de cada ofício.

Ao passo que o Brasil deixava de ser eminentemente agrícola, com a visível mudança do eixo económico (agrícola-exportador, baseado no cultivo do café, para o urbano-industrial) e a conseqüente transferência populacional das áreas rurais para as urbanas, era necessário dar atenção especial, sobretudo, ao processo de formação de trabalhadores para as indústrias, que inicialmente funcionavam com mão de obra dos imigrantes europeus. Até aquele momento, a educação era entendida como algo destinado às elites que podiam pagar por ela. É esse crescimento do processo industrial que determina a cobrança da nova burguesia por educação gratuita, capaz de preparar a força de trabalho. Ao se referir às escolas profissionalizantes no contexto de fortalecimento do processo de industrialização, Fernandes (2015, p. 45) afirma que “ficou claramente identificado o objetivo de qualificação de mão de obra para atender às necessidades do processo produtivo, em correlação, inclusive, com o aumento da população nas cidades.”

É apenas em 1930, no governo de Getúlio Vargas, que o Brasil passa a ter um Ministério da Educação e Saúde Pública, que seria responsável por todos os estabelecimentos educacionais federais do país, inclusive as EAA.

Mais tarde, no contexto de reformas empreendidas no então Ministério da Educação e Saúde Pública, por intermédio da Lei 378, de 13 de janeiro de 1937, as EAA passaram a ser denominadas de Liceus Industriais, “efetivando o objetivo do projeto nacional de expansão da educação, visando atender às mudanças das exigências de formação de mão de obra do padrão artesanal para uma produção mais especializada” (Fernandes, 2015, p. 50). Essa lei também apontava para uma relativa expansão dessa modalidade de ensino, destinando recursos e afirmando que novas escolas seriam construídas:

Art. 37. A Escola Normal de Artes e Offícios Wenceslão Braz<sup>4</sup> e as escolas de aprendizes artífices, mantidas pela União, serão transformadas em lyceus, destinados ao ensino profissional, de todos os ramos e grãos. Paragrapho unico. Novos lyceus serão instituídos, para propagação do ensino profissional, dos varios ramos e grãos, por todo o territorio do Paiz (Brasil, 1937a).

A Constituição Brasileira de 1937, outorgada por Getúlio Vargas, apesar de retirar as obrigações do Estado de garantir o ensino primário gratuito, foi a primeira a abordar o ensino profissionalizante no Brasil. O Artigo 129 assegurava que “o ensino pré-vocacional profissional destinado às classes menos favorecidas é em matéria de educação o primeiro dever de Estado” (Brasil, 1937b).

No período de 1942 a 1946, foi empreendida uma série de reformas no ensino, num processo conhecido como Reforma Capanema<sup>5</sup>. Essas reformas foram instituídas por decretos-leis do poder executivo, as chamadas Leis Orgânicas do Ensino.

**Tabela 2** - Leis Orgânicas do Ensino

<b>LEIS ORGÂNICAS DO ENSINO</b>	<b>NORMATIVO LEGAL</b>
Lei Orgânica do Ensino Industrial	Decreto-Lei 4073 de 30/01/1942
Lei Orgânica do Ensino Secundário	Decreto-Lei 4244 de 09/04/1942
Lei Orgânica do Ensino Comercial	Decreto-Lei 6141 de 28/12/1943

Fonte: Autoria própria (2020)

Há que se fazer o registro de que, por meio do Decreto-Lei 4048, de 22 de janeiro 1942, foi criado o SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários. Sua condução, no entanto, não era pública, ficando a cargo da CNI – Confederação Nacional da Industria, entidade administrada pela classe empresarial. De acordo com Fernandes (2015, p. 54), a partir de então,

fica estabelecido, no país, um sistema duplo de ensino profissional: um organizado e sob a responsabilidade do Estado; o outro, constituído como Sistema S (pela soma, então, ao Senai, do Senac - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, criado em 1946), financiado e gerido pelo segmento empresarial, através da respectiva Confederação Nacional de filiação.

<sup>4</sup> A Escola Normal de Artes e Offícios Wenceslão Braz foi criada em 1917 pela Prefeitura Municipal do Distrito Federal. Pouco tempo depois da sua criação, sua jurisdição passou para a União, tendo sido a única no Brasil, de 1917 a 1937, voltada para a formação de professores (somente homens) para as EAA.

<sup>5</sup> Gustavo Capanema Filho, entre outros cargos, ocupou o Ministério da Educação de julho de 1934 a outubro de 1945, durante o Governo de Getúlio Vargas. Os últimos decretos-lei da Reforma Capanema foram publicados em 1946, quando Raul Leitão da Cunha ocupava o Ministério da Educação.

Apesar da gestão pela classe empresarial, o financiamento desse sistema contava com incentivos e subsídios do poder público. Nessa perspectiva, cumpre-se o que havia sido estabelecido na Constituição Brasileira de 1937 que, em seu Artigo 129, também assegurou que era

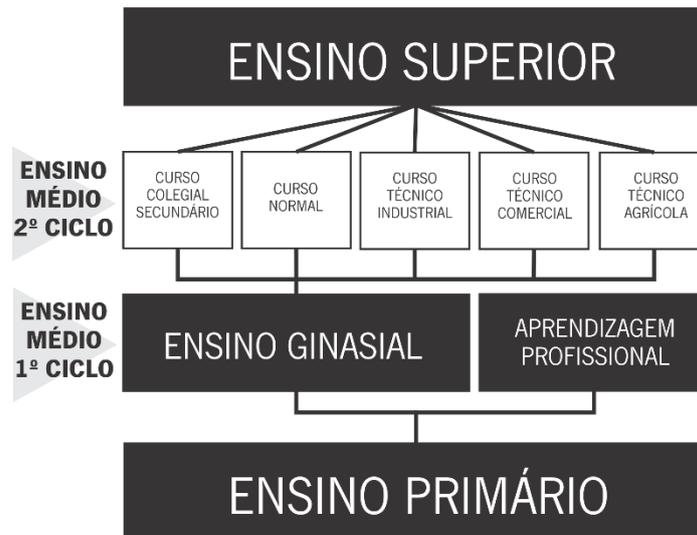
dever das indústrias e dos sindicatos económicos criar, na esfera da sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado, sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo Poder Público (Brasil, 1937b).

A Lei Orgânica do Ensino Industrial (Decreto-Lei 4073/42) determinou a unidade de organização dessa modalidade educacional em todo país, definindo desde as bases pedagógicas até as normas de funcionamento das escolas. Além disso, possibilitou a integração do ensino profissional com os outros graus de ensino ao permitir que estudantes oriundos dessa modalidade de ensino pudessem prosseguir para o ensino superior. Nesse sentido, o Artigo 1º do referido decreto-lei já trazia uma importante mudança ao estabelecer que o ensino industrial passaria a ser considerado de segundo grau:

Art. 1º Esta lei estabelece as bases de organização e de regime do ensino industrial, que é o ramo de ensino, de grau secundário, destinado à preparação profissional dos trabalhadores da indústria e das atividades artesanais, e ainda dos trabalhadores dos transportes, das comunicações e da pesca (Brasil, 1942a).

Essa alteração é sobremaneira importante, porque um estudante dessa modalidade educacional estava limitado à sua atuação como técnico, não podendo prosseguir com os estudos em um curso superior. As bases para integração do ensino profissional com as demais modalidades de ensino foram inicialmente definidas com as Leis da Equivalência: Lei 1.076, de 31 de março de 1950; Lei 1.821, de 12 de março de 1953; e a Lei 3.552, de 16 de fevereiro de 1959. A equivalência completa entre os cursos técnicos e o curso secundário regular só viria a ser estabelecida por meio da Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que estabeleceu a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil (LDB).

**Figura 1** - Articulação entre os níveis de ensino de acordo com a primeira LDB



Fonte: Adaptado de Cunha (2000, p.166)

A possibilidade de prosseguir (sobretudo nas escolas de engenharia) nos estudos para o ensino superior - modalidade que, aliás, só era acessível aos filhos das classes mais favorecidas, que frequentavam as escolas de ensino secundário propedêutico - acabou por atrair jovens das classes com maior poder aquisitivo para as escolas profissionalizantes, alterando, de certo modo, o perfil inicial dos estudantes que se matriculavam nesses estabelecimentos.

Discorrendo sobre essa importante mudança, Fonseca (1961, p. 266) ressalta:

O ensino industrial existira até então como um compartimento estanque, no conjunto da organização escolar do País. Um jovem que se matriculasse em uma escola profissional não teria o direito de prosseguir seus estudos, ao terminar o curso inicial. Sua vida ficaria adstrita a ser a de um mecânico, um marceneiro, ou um eletricitista, conforme o curso que escolhesse. Agora, não. Abria-se, alargava-se o horizonte. O rapaz que começasse em uma escola industrial poderia chegar a ser um engenheiro, um arquiteto, ou um químico. Ato de profundo alcance social, verdadeira democratização do ensino.

Já começava a existir também alguma seleção dos alunos, de modo que só fossem aceitos os que apresentassem aptidão necessária, não sendo mais determinante para o ingresso dos estudantes, destarte, o critério meramente assistencialista. De acordo com Cunha (2000, p. 36), “a aptidão para um ofício, incluindo aí as atitudes consideradas adequadas para o desempenho de uma atividade industrial qualquer, passava a ser um fator prioritário na admissão”.

A partir de então, o ensino industrial deveria atender os interesses dos trabalhadores, das empresas e da nação<sup>6</sup>, passando a ser ministrado em dois ciclos<sup>7</sup>. O primeiro estava dividido em quatro ordens de ensino: industrial básico, de mestria, artesanal e a aprendizagem; já o segundo compreendia o ensino técnico e o ensino pedagógico. Para cada uma dessas ordens, haveria um curso respectivo mais ou menos complexo. Os cursos técnicos, por exemplo, eram mais valorizados pela indústria se comparados aos cursos de mestria, que eram cursos mais aprofundados e de maior duração. Destaque-se que, até aquele momento, não existia no país a figura do técnico, que passa a ser, de algum modo, uma categoria intermediária entre mestres e engenheiros.

Apesar de a Lei Orgânica do Ensino Industrial já estabelecer a tipologia dessas escolas, dividindo-as em escolas técnicas, industriais, artesanais e de aprendizagem, é o Decreto-Lei 4.127, de 25 de fevereiro de 1942, que estabelece as diretrizes da Rede Federal para estabelecimentos de ensino industrial, tratando, inclusive, de cursos a serem ministrados nas instituições. Os liceus passaram a ser denominados de escolas técnicas ou escolas industriais, instituídas nos estados conforme tabela abaixo.

**Tabela 3** - Tipologia das escolas de educação profissional em 1942

<b>TIPOLOGIA</b>	<b>INSTITUIÇÕES</b>	<b>ESTADO</b>
Escolas Técnicas	Escola Técnica Nacional	Rio de Janeiro
	Escola Técnica de Química	Rio de Janeiro
	Escola Técnica de Manaus	Amazonas
	Escola Técnica de São Luiz	Maranhão
	Escola Técnica do Recife	Pernambuco
	Escola Técnica de Salvador	Baía <sup>8</sup>
	Escola Técnica de Vitória	Espírito Santo
	Escola Técnica de Niterói <sup>9</sup>	Rio de Janeiro
	Escola Técnica de São Paulo	São Paulo
	Escola Técnica de Curitiba	Paraná
	Escola Técnica de Pelotas	Rio Grande do Sul
	Escola Técnica de Belo Horizonte	Minas Gerais
	Escola Técnica de Goiânia	Goiaz <sup>10</sup>
Escolas Industriais	Escola Industrial de Belem	Pará
	Escola Industrial de Teresina	Piauí
	Escola Industrial de Fortaleza	Ceará

<sup>6</sup> Art. 3º da Lei Orgânica do Ensino Industrial.

<sup>7</sup> Art. 6º da Lei Orgânica do Ensino Industrial.

<sup>8</sup> Forma como estava escrito o nome do hoje Estado da Bahia no Decreto-Lei 4.127, de 25 de fevereiro de 1942.

<sup>9</sup> A Escola Técnica de Niterói nunca chegou a funcionar, tendo sido transferida, por meio do Decreto 7.121, de 4 de dezembro de 1944, para a cidade de Campos e incorporada à Escola Industrial de Campos, que passou a Escola Técnica.

<sup>10</sup> Forma como estava escrito o nome do hoje Estado de Goiás no Decreto-Lei 4.127, de 25 de fevereiro de 1942.

Escolas Industriais <sup>11</sup>	Escola Industrial de Natal	Rio Grande do Norte
	Escola Industrial de João Pessoa	Paraíba
	Escola Industrial de Maceió	Alagoas
	Escola Industrial de Aracajú	Sergipe
	Escola Industrial de Salvador	Baía
	Escola Industrial de Campos	Rio de Janeiro
	Escola Industrial de São Paulo	São Paulo
	Escola Industrial de Florianópolis	Santa Catarina
	Escola Industrial de Belo Horizonte	Minas Gerais
	Escola Industrial de Cuiabá	Mato Grosso

Fonte: Decreto-Lei 4.127, de 25 de fevereiro de 1942.

A definição sobre se a instituição seria industrial ou técnica estava relacionada com a sua oferta de formação. Se ofertasse apenas o primeiro ciclo (industrial básico, de mestria, artesanal e a aprendizagem), seria chamada de escola industrial. Se, além do primeiro ciclo, a instituição também ofertasse o segundo (ensino técnico e o ensino pedagógico), recebia a denominação de escola técnica.

Ainda no contexto da Reforma Capanema (já que foram elaboradas na sua gestão), mas já em 1946, quando respondia pelo Ministério da Educação Raul Leitão da Cunha, foram aprovadas mais três leis orgânicas: Lei Orgânica do Ensino Primário<sup>12</sup>, Lei Orgânica do Ensino Normal<sup>13</sup> e Lei Orgânica do Ensino Agrícola<sup>14</sup>.

A partir das reformas empreendidas por Capanema, “a designação ensino profissional passou a ter significado para os setores industrial, comercial e agrícola” (Fernandes, 2015, p. 58). Nessa perspectiva, com estreita ligação ao setor econômico e produtivo, Cunha (2000, p. 41) ressalta que o ensino agrícola preparava trabalhadores para o setor primário; o industrial, para o secundário; e o comercial, para os serviços do setor terciário.

Com os grandes incentivos à industrialização nacional durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), a educação profissional também mereceu especial atenção estatal. Nessa época, o presidente apresentou, ainda na campanha, um ambicioso plano que prometia desenvolver o Brasil “cinquenta anos em cinco”. Denominado Plano de Metas, o programa pretendia destinar grande volume

<sup>11</sup> O parágrafo 2º do Artigo 9º do Decreto-Lei 4.127, de 25 de fevereiro de 1942, estabeleceu que as escolas industriais de Salvador, de Campos, de São Paulo e de Belo Horizonte seriam transferidas à administração estadual ou extintas quando iniciassem as escolas técnicas de Salvador, de Niterói, de São Paulo e de Belo Horizonte.

<sup>12</sup> Decreto-Lei nº 8 529, de 2 de janeiro de 1946.

<sup>13</sup> Decreto-Lei nº 8 530, de 2 de janeiro de 1946.

<sup>14</sup> Decreto-Lei nº 9 613, de 20 de agosto de 1946

de investimentos para impulsionar a economia, a infraestrutura e as indústrias, sobretudo com a abertura econômica para o capital internacional. De acordo com Oliveira (2001, p. 103),

para melhor conduzir a reestruturação que vinha ocorrendo também no setor econômico, apresentou o Plano de Metas, que continha 30 metas direcionadas aos diferentes setores da sociedade, dentre elas um programa para formação de profissionais da área técnica, para orientar e controlar a política econômica governamental; foi lançado o Plano de Metas, que ao todo listava trinta metas, uma das quais o programa de formação de pessoal técnico, para atender as novas necessidades surgidas com a expansão industrial.

Em 1959, por meio da Lei 3.552, de 16 de fevereiro daquele ano, foi empreendida uma importante mudança que ajuda a compreender o perfil das escolas técnicas/profissionalizantes federais. Essa lei estabeleceu novas regras de organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de ensino industrial vinculados ao então Ministério da Educação e Cultura. A alteração fundamental está relacionada com a autonomia que as instituições passaram a ter. A referida lei, em seu Artigo 16, determinava que “os atuais estabelecimentos de ensino industrial, mantidos pelo Ministério da Educação e Cultura, terão personalidade jurídica própria e autonomia didática, administrativa, técnica e financeira, regendo-se nos termos da presente lei” (Brasil, 1959).

De acordo com Cunha (2000, p. 135),

A repercussão da autonomia das escolas técnicas federais foi muito grande, tanto pelo grande crescimento nas matrículas, pela melhoria da qualidade dos cursos, pelo aumento da produtividade dos recursos e pela maior capacidade de resposta às necessidades locais e regionais. Uma das primeiras consequências da autonomia das escolas técnicas federais foi a progressiva eliminação dos cursos básicos, fazendo com que a quase totalidade das escolas se restringissem aos cursos técnicos que as caracterizavam.

Essa autonomia, no entanto, não era absoluta, já que na mesma lei havia previsão da possibilidade, em casos excepcionais, de o Ministério da Educação intervir nas instituições, propondo, inclusive, a destituição dos administradores.

## **2. Do período militar aos Institutos Federais**

Com crescimento da esquerda na América Latina, sobretudo com a ascensão de Fidel Castro em Cuba, a atenção dos Estados Unidos da América para os países do continente americano intensificou-se. A influência norte-americana, aliada à pressão dos setores mais conservadores da sociedade

brasileira, foram determinantes para o golpe de 1964, que derrubou o então presidente João Goulart e instaurou um regime militar, ditatorial, que perdurou até 1985.

Os militares promoveram intensas mudanças educacionais, com diversas intencionalidades. De um lado, havia o claro interesse na formação de mão de obra para responder às demandas do setor produtivo; de outro, não menos importante, estava o interesse em formar indivíduos para reprodução da nova ordem social conservadora implementada naquele momento. A educação agora, com fundamento na Teoria do Capital Humano<sup>15</sup>, era entendida como um meio para o desenvolvimento da economia nacional.

Nesse contexto de clara submissão da educação à produção, de entrada massiva de capital internacional no Brasil com instalação de novas indústrias, de forte influência dos Estados Unidos<sup>16</sup>, é sancionada a Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, nossa segunda LDB para o ensino de 1º e 2º graus. A lei estabelecia que o objetivo geral dessa oferta formativa era "proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho" (Brasil, 1971).

Consolidando a ideia de uma educação voltada inteiramente para o mundo do trabalho, essa lei instituiu a profissionalização compulsória no ensino secundário. Todo o ensino secundário do país, e não somente a Rede Federal, passaria obrigatoriamente a ofertar a educação profissional no ensino de 2º grau. Não se tratava mais de equivalência entre o ensino propedêutico e o ensino técnico-profissional, mas de integração obrigatória para dar uma resposta ao sistema produtivo.

De acordo com Giorgi e Almeida (2014, p. 272),

A profissionalização compulsória se justifica devido à urgência em suprir a carência de técnicos de nível médio, e à oferta de formação profissional aos jovens que não podiam ou almejavam frequentar a universidade, visando o seu ingresso imediato no mercado de trabalho. Este discurso claramente dialoga com a visão da escola como instituição que serve às demandas do setor produtivo, formando a mão de obra que a ele interessa.

Havia ainda outras intencionalidades nessa decisão governamental. O contexto político e social de resistência ao regime militar e de diversas reivindicações, dentre elas a luta por mais vagas nas

---

<sup>15</sup> A Teoria do Capital Humano tem início com as ideias de Adam Smith, tendo sido estruturada na Escola de Chicago por teóricos como Becker, Mincer e Schultz. Segundo essa teoria, através de ações específicas, seria possível aumentar o enriquecimento intelectual. O aumento desse conhecimento elevaria as taxas de produtividade dos trabalhadores e, por consequência, criaria condições para o desenvolvimento econômico.

<sup>16</sup> Apesar da influência dos Estados Unidos na educação brasileira, nem mesmo os americanos defendiam a profissionalização compulsória. Seu modelo privilegiava a oferta de capacitação no próprio ambiente de trabalho ou em escolas especializadas.

universidades, também foi determinante. O governo entendia que, oferecendo uma formação profissional de nível médio, possibilitando o acesso direto dos técnicos ao mercado de trabalho, estaria diminuindo naturalmente a demanda pelo ensino superior. Na perspectiva educacional do regime militar, o ensino secundário (2º grau) passava a ter um caráter de terminalidade. O estudante encerraria ali sua jornada formativa e passaria a atuar no mercado de trabalho exatamente na sua área de formação técnico-profissional.

Cunha (2014, p. 142) assegura que

A concepção de ensino profissionalizante estava baseada na necessidade de organizar o ensino médio de modo que proporcionasse aos concluintes uma habilitação profissional. Essa necessidade derivaria do imperativo de combater a frustração dos alunos, resultante de seu despreparo para o mercado de trabalho ao fim do nível médio, o que os estaria forçando a procurar as escolas superiores como único meio de obter algum tipo de habilitação profissional.

Evidentemente uma mudança tão radical no sistema de ensino não seria facilmente exitosa. Ademais, as escolas estaduais de ensino propedêutico não dispunham de pessoal e infraestrutura adequada para a oferta de cursos técnicos. O que se viu, de fato, nesses estabelecimentos foi a oferta de cursos genéricos com severas dificuldades, com baixíssima qualidade e empregabilidade.

Essa regra de precariedade não se aplicou às escolas técnicas da Rede Federal. Com mais estrutura, professores e experiência nesse tipo de formação, as escolas reuniam as condições ideais para essa oferta. De acordo com Moura (2007, p. 13), as escolas da Rede Federal se consolidaram “ainda mais como referência de qualidade na formação de técnicos de nível médio”, já que tinham “financiamento adequado e corpo docente especializado”.

Destaque-se que a elite brasileira, por meio das escolas privadas, permaneceu propiciando aos seus filhos uma educação propedêutica de qualidade. Na grande maioria das escolas particulares, o ensino profissionalizante não chegou a ser implementado. Esse fato ampliou ainda mais a dualidade educacional brasileira, criando mais uma dificuldade de acesso ao ensino superior para as classes menos favorecidas.

Na prática, o ensino profissionalizante compulsório foi perdendo força e deixando de existir, sobretudo após a Lei 7.044, de 18 de outubro de 1982, que deixou a oferta de habilitação profissional nos cursos de 2º grau a critério das instituições de ensino. De acordo com Assis e Medeiros Neta (2015, p. 201), “progressivamente a profissionalização compulsória foi desaparecendo no decorrer dos anos

1980 e primeira metade dos anos 1990, o ensino técnico profissionalizante ficou restrito às escolas da rede federal, e às escolas do Sistema S, com algumas exceções”.

Nesse contexto de aumento da demanda social por educação e de alinhamento do sistema educacional ao econômico, sob forte influência dos acordos MEC-USAID<sup>17</sup>, o então presidente Ernesto Geisel sancionou, em 30 de junho de 1978, a Lei 6.545. Essa lei transformou as escolas técnicas federais do Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), dando início ao que ficou conhecido como processo de “cefetização”. No bojo dessa transformação estava a tentativa de mudança de perfil dessas instituições para oferta de cursos superiores de curta duração<sup>18</sup>, com a clara estratégia de reduzir as pressões por mais vagas nas universidades. Os CEFETs também estavam autorizados a ofertar cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, cursos de licenciatura, para formar professores especializados em disciplinas do ensino técnico e tecnológico; cursos técnicos; e cursos de educação continuada.

Essas novas modalidades de oferta transformam os CEFETs em instituições híbridas, muito particulares. Passam a ofertar, ao mesmo tempo, desde os cursos de qualificação profissional (educação continuada), passando pelo ensino médio-técnico até os cursos de pós-graduação. No mesmo espaço institucional, mas com outra nomenclatura, funcionam escola e faculdade (universidade). Nesse sentido Campello (2007, p. 29) afirma que

Na prática, no interior desses CEFET passam a conviver duas escolas: uma escola técnica com seus cursos integrados ao ensino médio e que, entre outros, forma técnicos em eletrônica, eletrotécnica, mecânica e construção civil, e uma faculdade de engenharia que oferece cursos de engenharia mecânica e elétrica e cursos de pós-graduação, também na área das engenharias. Em outras palavras, no que diz respeito à oferta educativa, a característica da “cefetização” dos anos 1970 é de acréscimo nas atribuições das escolas técnicas, que passam também a oferecer cursos de nível superior.

Com o fim do regime militar brasileiro, esse processo de cefetização, ainda que com outras características, só seria retomado efetivamente no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), mais precisamente a partir de 1999. Ressalta-se que, nesse novo modelo, havia uma maior preocupação em ofertar uma “educação mais concreta e mais próxima do mercado de trabalho” (Campello, 2007, p. 31). O foco não era somente para os cursos com viés industrial ou de áreas específicas, mas na oferta de cursos intimamente ligados aos arranjos produtivos locais. Sob esse olhar,

---

<sup>17</sup> Tratam-se de diversos acordos envolvendo o governo brasileiro, por meio do Ministério da Educação (MEC), e a United States Agency for International Development (USAID) e marcam a intensa interferência norte-americana, também na educação do Brasil, durante o período de ditadura militar.

<sup>18</sup> Esses cursos superiores de curta duração já haviam sido previstos por meio do Decreto-Lei 547, de 18 de abril de 1969, e eram destinados a proporcionar formação profissional básica de nível superior e alinhadas às necessidades do mercado de trabalho regional e nacional.

Campello (2007, p.31) também afirma que “o critério geográfico significa, portanto muito mais do que simplesmente localização. Por esse critério se constrói também a identidade político-pedagógica de cada CEFET”. Essa afirmação merece especial destaque nesta dissertação, já que, de algum modo, se discute a efetividade, viabilidade e justificação de uma oferta formativa.

Outro marco importante na educação profissional na década de 1990 diz respeito à edição do Decreto 2.208, de 17 de abril de 1997. Se, durante o regime militar, foi instituído o ensino profissionalizante compulsório, esse decreto fazia exatamente o contrário: proibia a formação integrada, instituindo a separação compulsória do ensino propedêutico do ensino técnico nas escolas técnicas federais (ou CEFETs). Ressalte-se que, inicialmente, esse tema estava sendo tratado no Congresso Nacional, através do Projeto de Lei 1603/96, mas sofreu forte resistência entre os parlamentares, e no meio acadêmico, o que levou o governo a regulamentar a matéria por meio de decreto presidencial. O decreto potencializou e materializou uma visão fragmentada do processo educacional, segundo a qual bastava o domínio dos conhecimentos técnicos e práticos para garantir o acesso ao mercado de trabalho. A ideia de que as instituições federais de educação profissional e tecnológica seriam muito caras e que seus estudantes estavam em condições privilegiadas nos vestibulares para ingresso no ensino superior, deixando de lado sua atuação como técnicos de nível médio, também serviram como justificativa para essa nova política educacional.

Registre-se que, mesmo com essa separação compulsória, o ensino médio permaneceu sendo ofertado nas instituições federais de educação profissional, embora em número reduzido e devidamente separado do ensino técnico-profissionalizante. Desse modo era possível cursar o ensino médio e técnico de forma concomitante (interna) na mesma instituição, mas os currículos e matrículas não eram integrados. Os estudantes também poderiam cursar apenas a formação profissional nas escolas técnicas e o ensino médio em escolas da rede “regular” de ensino (concomitância externa). Para quem já havia concluído o ensino médio, existia (ainda existe) os cursos técnicos subsequentes, em regra com duração menor.

Com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a Presidência da República (2003-2010), houve uma radical transformação no ensino profissional brasileiro primeiramente pela revogação do Decreto 2.208/97 e depois pela grande expansão da Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, sobretudo por meio dos Institutos Federais (IFs).

O Decreto 2.208/97 foi efetivamente revogado por meio do Decreto 5.154 de 23, de julho de 2004. O novo decreto não acabou com o ensino técnico concomitante e subsequente, mas reabriu a possibilidade de integração, mais uma vez, do ensino médio ao técnico. Essa mudança possibilitou significativo avanço na busca por uma educação ampla, integral, humanística, capaz de propiciar a formação de um cidadão crítico-reflexivo que possa compreender o mundo do trabalho e atuar criticamente na sociedade, consciente dos seus direitos e obrigações. Não se pretendia formar apenas os “apertadores de parafusos”<sup>19</sup>, mas profissionais que fossem capazes de compreender todo o processo produtivo e as questões sociais e políticas nele implicadas.

Até 2005, 144 instituições integravam a Rede Federal de educação Ciência e Tecnologia, divididas entre universidade, CEFETs, escolas técnicas e agrotécnicas, conforme tabela abaixo.

**Tabela 4** - Quantitativo das instituições da Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em 2005

<b>QUANTIDADE</b>	<b>TIPOLOGIA</b>	<b>UNIDADES VINCULADAS</b>	<b>TOTAL</b>
01	Universidade Tecnológica	06	07
33	CEFET	37	70
01	Escola Técnica Federal	-	01
36	Escola Agrotécnica Federal	-	36
30	Escola Técnica vinculada às universidades	-	30

Fonte: SETEC/MEC

Buscando ampliar essa oferta educacional, o governo brasileiro inicia o processo de expansão, dividida em três fases, dessa Rede Federal. Na fase I, a ideia era construir escolas técnicas (5) e agrotécnicas (4), sobretudo nas unidades da Federação que ainda não contavam com instituições desse tipo. Também se planejava a construção de novas Unidades de Ensino Descentralizadas (UNED) vinculadas às escolas técnicas, totalizando 42 novas unidades. O plano de expansão da fase I incluía ainda a ampliação de vagas de pessoal para as unidades já existentes com a criação de cargos efetivos de docentes e técnicos-administrativos.

A fase II, mais ambiciosa, previu a construção de mais 150 novas unidades. No Rio Grande do Norte, previam-se 6, distribuídas nas cidades de Apodi, Caicó, João Câmara, Macau, Pau dos Ferros e

<sup>19</sup> Termo faz referência às críticas sociais ao Decreto 2.208/97 no meio acadêmico e no movimento estudantil, sobretudo por meio da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES)

Santa Cruz. Ao final das três fases de expansão, a Rede Federal já contava, em 2018, com 659 unidades, 643 das quais em funcionamento.

No que se refere especificamente à criação ou transformação das instituições existentes (CEFETs, Agrotécnicas) em Institutos Federais, as diretrizes para esse processo foram definidas por meio do Decreto 6.095, de 24 de abril de 2007. No âmbito do presente estudo, merecem especial destaque os incisos I, II e III, do §1º, art. 4º do referido decreto, pois, ao tratar da vocação dos Institutos Federais, estabelece:

§ 1º A vocação institucional expressa no projeto de PDI integrado deverá se orientar para as seguintes ações:

I - Ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando profissionais para os diversos setores da economia, em estreita articulação com os setores produtivos e a sociedade;

II - Desenvolver a educação profissional e tecnológica, como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;

III - Orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico no âmbito de atuação do IFET (Brasil, 2007, grifo nosso).

Os IFs foram efetivamente criados por meio da Lei 11.892/2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Os IFs são instituições híbridas, pluricurriculares, multicampi, que ofertam educação superior, básica e profissional. A lei de criação também consolidou, em seu artigo 6º, como finalidades dos Institutos Federais uma vocação que praticamente estava estabelecida no Decreto 6.095/2007, a saber:

Art. 6º Os Institutos Federais têm por finalidades e características:

I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;

II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;

[...]

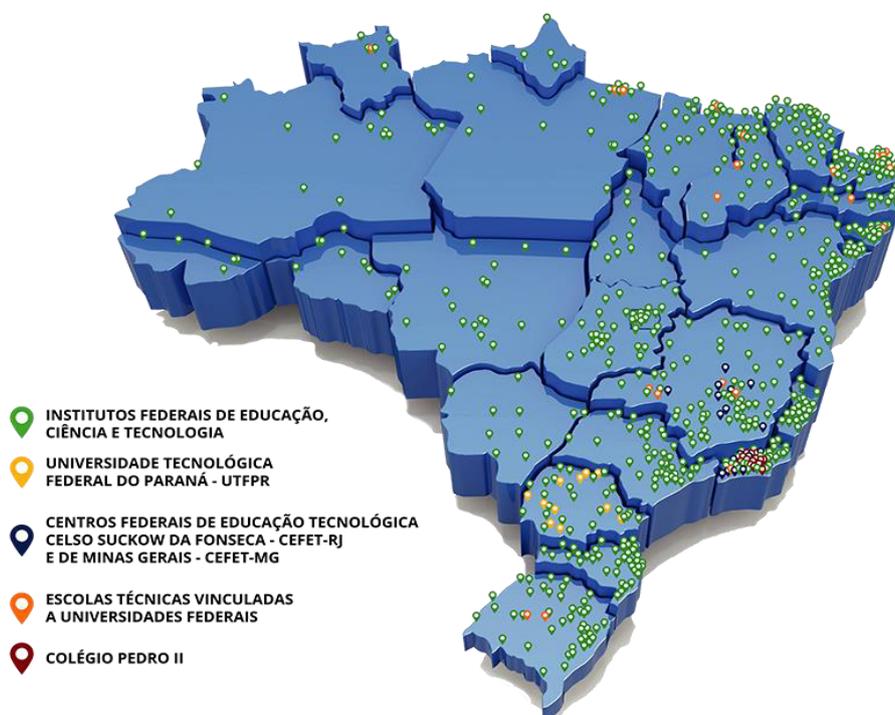
IV - orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das

potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal; (Brasil, 2008, grifo nosso)

Como se vê, a educação profissional no Brasil passou por diversas mudanças e, recentemente, um imenso processo de expansão. Os novos institutos federais, agora distribuídos em todas as regiões do Brasil (conforme ilustra a figura abaixo), têm como finalidade e desafio a vinculação de suas ofertas formativas com vistas ao desenvolvimento regional, em sintonia com os setores produtivos e para o benefício dos Arranjos Produtivos Locais (APL).

De acordo com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC/Ministério da Educação, em 2019, já são mais de 661 unidades, sendo estas vinculadas a 38 Institutos Federais, 2 Centros Federais de Educação Tecnológica, à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), ao Colégio Pedro II e a 22 escolas técnicas vinculadas às universidades federais.

**Figura 2** - Distribuição dos *campi* dos IFs pelo Brasil



Fonte: SETEC/MEC

Assim, incluído nesse desafio de promoção do desenvolvimento regional e de expansão da educação profissional, está o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, que hoje é constituído por 21 unidades, conforme trataremos, de forma mais detalhada, no capítulo seguinte.

**Capítulo II**  
**CONTEXTO INSTITUCIONAL E ORGANIZACIONAL DO ESTUDO**

Feitos os registros históricos das políticas públicas voltadas para educação profissional do Brasil, é necessário realizar um pontual recorte para a instituição objeto da presente investigação. Nesse aspecto, optamos primeiro por apresentar o IFRN, desde a sua criação, quando possuía outra denominação, até os dias atuais. Mais adiante, no contexto da expansão da Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, há especial destaque para o *Campus* Pau dos Ferros. Em seguida, em escala menor ainda, apresentamos o Curso Técnico de Nível Médio em Apicultura, sem separá-lo, necessariamente, das demais ofertas formativas do referido *campus*.

Não há como compreender as lógicas institucionais, avanços e retrocessos na implementação das políticas públicas, em especial na educação, sem ao menos tomar nota das variáveis históricas, sociais e políticas envolvidas. Desse modo, ainda que de modo não exaustivo, procura-se apresentar o contexto institucional de realização desta investigação.

## **1. O IFRN: de Escola de Aprendizes Artífices ao Instituto Federal**

No Estado do Rio Grande do Norte, a Escola de Aprendizes e Artífices de Natal foi instalada em 3 de janeiro de 1910, funcionando em regime de semi-internato, das 10 às 16 horas, com cursos de marcenaria, sapataria, alfaiataria, serralheria e funilaria.

Durante toda a sua história, essa centenária instituição teve diversas denominações, até se chamar IFRN. Com as crescentes mudanças, a desvalorização das atividades artesanais e a demanda por mão-de-obra cada vez mais especializada, surge a necessidade de expansão da educação profissional. É nessa perspectiva que a Lei 378/1937 transforma as EAA, de responsabilidade da União, em “lyceus, destinados ao ensino profissional de todos os ramos e grãos” (Brasil, 1937). De Escola de Aprendizes Artífices, a instituição passa a se chamar Liceu Industrial de Natal.

No governo de Getúlio Vargas (1930-1945), empreendeu-se uma política industrial-desenvolvimentista que demandava ainda mais trabalhadores qualificados. É nesse período, com o advento do Decreto-Lei 4073/1942, que foi instituída a Lei Orgânica do Ensino Industrial. A partir daí, as instituições de ensino industrial passaram a ser classificadas em escolas técnicas, escolas industriais, escolas artesanais e escolas de aprendizagem.

Há de destacar que é por meio dessa lei orgânica que essa modalidade de ensino passa a ser equivalente ao ensino secundário, “viabilizando sua integração com outros graus de ensino, assegurando, assim, aos concluintes de cursos técnicos, a alternativa de ingresso no ensino superior” (Fernandes, 2015, p. 55).

Nesse contexto, em 1942, o então Liceu Industrial recebe o nome de Escola Industrial de Natal, podendo ofertar um ou mais cursos industriais, além de ministrar cursos de mestria e pedagógicos nos termos do §2º do já citado Decreto-Lei 4073/1942.

Já no período da Ditadura Militar (1964-1985), com o advento da Lei 4759/1965, a instituição passa a chamar-se Escola Industrial Federal. Em 1968, recebe um de seus nomes mais emblemáticos e passa a chamar-se Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN). De acordo com Fernandes (2015, p. 72) “em decorrência da reforma administrativa realizada na Administração Federal pelo Decreto-lei nº 200/1967, teve a qualificação Industrial substituída por Técnica”.

Nessa época, para ingressar na Escola Técnica, era necessário que o estudante já tivesse concluído o que hoje chamamos de ensino fundamental. É interessante destacar que, de acordo com Pegado (2006, p. 36), já naquela época havia um processo de seleção para novos estudantes: “o aluno fazia um exame que constava de uma prova de português, matemática, conhecimentos gerais e uma prova de nível mental (semelhante a um psicotécnico)”. Ressalte-se que, até então, todos os estudantes matriculados na instituição eram apenas do sexo masculino, tendo sido matriculada a primeira aluna apenas no ano de 1975.

Em 29 de dezembro de 1994, a ETFRN inaugura a Unidade de Ensino Descentralizada de Mossoró (UNED-Mossoró), atendendo inicialmente 200 estudantes na área de eletromecânica. Já em 18 de janeiro de 1999, a ETFRN transforma-se em Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (CEFET-RN), passando a ofertar cursos nos níveis básico, técnico e tecnológico. Na tabela 5 abaixo, encontram-se listadas as diversas denominações da instituição

**Tabela 5** - Histórico de denominações do IFRN

<b>ANO</b>	<b>DENOMINAÇÃO</b>
1909	Escola de Aprendizes e Artífices
1937	Liceu Industrial de Natal
1942	Escola Industrial de Natal
1965	Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte

1968	Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte
1999	Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte
2008	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Fonte: Autoria própria.

Para além das alterações na nomenclatura, de 1909 até 2002, foram construídas 140 escolas técnicas no país. No entanto, somente a partir de 2003 com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para presidência, é que se dá o início de um grande processo de expansão da oferta de educação profissional em todo país. De 2003 a 2016, foram construídas mais de 500 novas unidades e, de acordo com dados do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF), estão em funcionamento 643 *campi*, que contam com cerca de 80 mil servidores, entre técnicos e docentes, além de mais de 500 mil estudantes entre os diversos níveis de oferta. Essas informações dão ideia da dimensão e da importância das instituições que integram essa rede em todo o Brasil.

Especificamente no Rio Grande do Norte, a expansão tem início efetivamente em 2006 com a inauguração das Unidades Descentralizadas (UNEDs) de Currais Novos, Ipanguaçu e da Zona Norte de Natal. Já em 2008, por meio da Lei 11.892, os CEFETs são transformados em IFs. Nesse contexto, o CEFET-RN passa a ser chamado de IFRN, dando início à construção de diversos novos *campi*, espalhados por todo o estado, dentro das fases de expansão da Rede Federal, conforme tabela abaixo.

**Tabela 6** - Distribuição dos *campi* do IFRN por fase de expansão da Rede Federal

<b>Fase</b>	<b><i>Campi</i> ou Unidades</b>	<b>Total de campus</b>
Pré-expansão	Natal e Mossoró	2
1ª fase	Currais Novos, Ipanguaçu e Natal-Zona Norte	5
2ª fase	Apodi, Pau dos Ferros, Macau, João Câmara, Santa Cruz, Caicó, Natal-Cidade Alta, Nova Cruz, Parnamirim e São Gonçalo do Amarante, Campus de Educação à Distância (Natal-Zona Leste) <sup>20</sup>	16
3ª fase	Ceará Mirim, Canguaretama, São Paulo do Potengi, Lajes, Parelhas	21

Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos na instituição

<sup>20</sup> O Campus Natal-Zona Leste durante muito tempo funcionou com a denominação de Campus EAD, com instalações dentro do Campus Natal-Central.

É importante destacar que as fases de expansão da Rede Federal não foram uniformes e lineares em todo o Brasil. Nesse aspecto, o IFRN mereceu destaque, já que conseguiu avançar com maior rapidez na construção dos novos *campi*, o que possibilitou a ampliação de sua área de atuação, além da consequente ampliação das ofertas. Enquanto outras instituições ainda estavam com dificuldade para finalizar a primeira fase, o IFRN já estava implementando a fase três.

A figura abaixo, extraída do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2019-2026, dá-nos uma dimensão da distribuição dos *campi* pelo Rio Grande do Norte, informando também o número de alunos, a quantidade de servidores e o quantitativo de municípios atendidos por cada um dos *campi*.

**Figura 3** - Distribuição dos *campi* do IFRN no Estado do Rio Grande do Norte



Fonte: Plano de Desenvolvimento Institucional (2019-2026) do IFRN

Em breve o IFRN colocará em funcionamento o *Campus* Jucurutu, que será o seu 22º, intensificando sua política de interiorização, levando educação profissional pública e, reconhecidamente, de qualidade para as diversas regiões do Rio Grande do Norte.

## 2. Oferta educacional: dos cursos de formação inicial ao doutorado

O IFRN atualmente oferta cursos técnicos de nível médio integrado e subsequente; cursos superiores de tecnologia ou de graduação tecnológica; cursos de licenciatura em educação básica; curso de Engenharia Civil (no *Campus* Natal-Central); cursos de pós-graduação *lato sensu* (aperfeiçoamento ou especialização) e *stricto sensu* (mestrado e doutorado). Além disso, também oferta cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), cursos de menor duração, visando principalmente à atualização e ao aperfeiçoamento profissional. A tabela abaixo mostra a distribuição quantitativa dessas ofertas em 2019 com base nos dados extraídos do PDI 2019-2026.

**Tabela 7** - Distribuição quantitativa das ofertas formativas do IFRN em 2019

QUANTIDADE	MODALIDADE
133	Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC)
86	Cursos técnicos integrados; Técnicos integrados na modalidade de EJA (Educação de Jovens e Adultos); Técnicos subsequentes
13	Cursos de licenciatura
20	Cursos superiores de tecnologia
1	Curso de Engenharia
22	Especializações
4	Cursos de mestrado
1	Curso de doutorado

Fonte: Plano de Desenvolvimento Institucional (2019-2026) do IFRN

Essa diversidade de ofertas mostra que o IFRN - assim como as demais instituições que integram a Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - é uma instituição única que assume o desafio de formar profissionais nos mais diversos níveis educacionais, com perfis completamente diferentes. Os docentes dessa instituição rotineiramente lecionam, ao mesmo tempo, para estudantes de 13-14 anos recém-saídos do ensino fundamental, como também para estudantes de cursos de pós-graduação. Essa singularidade de oferta multinível, segundo Fernandes (2015, p. 427), estaria no cerne de uma discussão sobre a própria identidade institucional. De fato, não é simples o fazer institucional em diferentes modalidades de ofertas formativas.

### **3. Finalidades e objetivos: estreita ligação com os arranjos produtivos locais**

Para além da questão da multiplicidade de ofertas formativas, há um outro ponto, relativo às ofertas, que merece especial atenção. Já vimos no primeiro capítulo que a criação dos institutos federais e a grande expansão da rede federal de educação tecnológica está intimamente ligada ao estímulo, ao desenvolvimento regional, reforçando, sobretudo, os arranjos produtivos locais. O IFRN deu especial destaque a essa questão em diversos pontos do seu estatuto.

O artigo 4º do referido estatuto estabelece que são finalidades do IFRN:

- I. ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconómico local, regional e nacional;
- II. desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;
- IV. orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconómico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. (IFRN, 2009a).

Já no artigo 5º do estatuto, dentre outras questões, está estabelecido como objetivo do IFRN:

- V. estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconómico local e regional. (IFRN, 2009a).

Essas finalidades e objetivos também estão explícitos no Projeto Político Pedagógico (PPP) institucional que é o documento norteador de todo o fazer pedagógico do IFRN, por essa razão, será tomado como base quando da análise da efetividade das estratégias e objetivos institucionais.

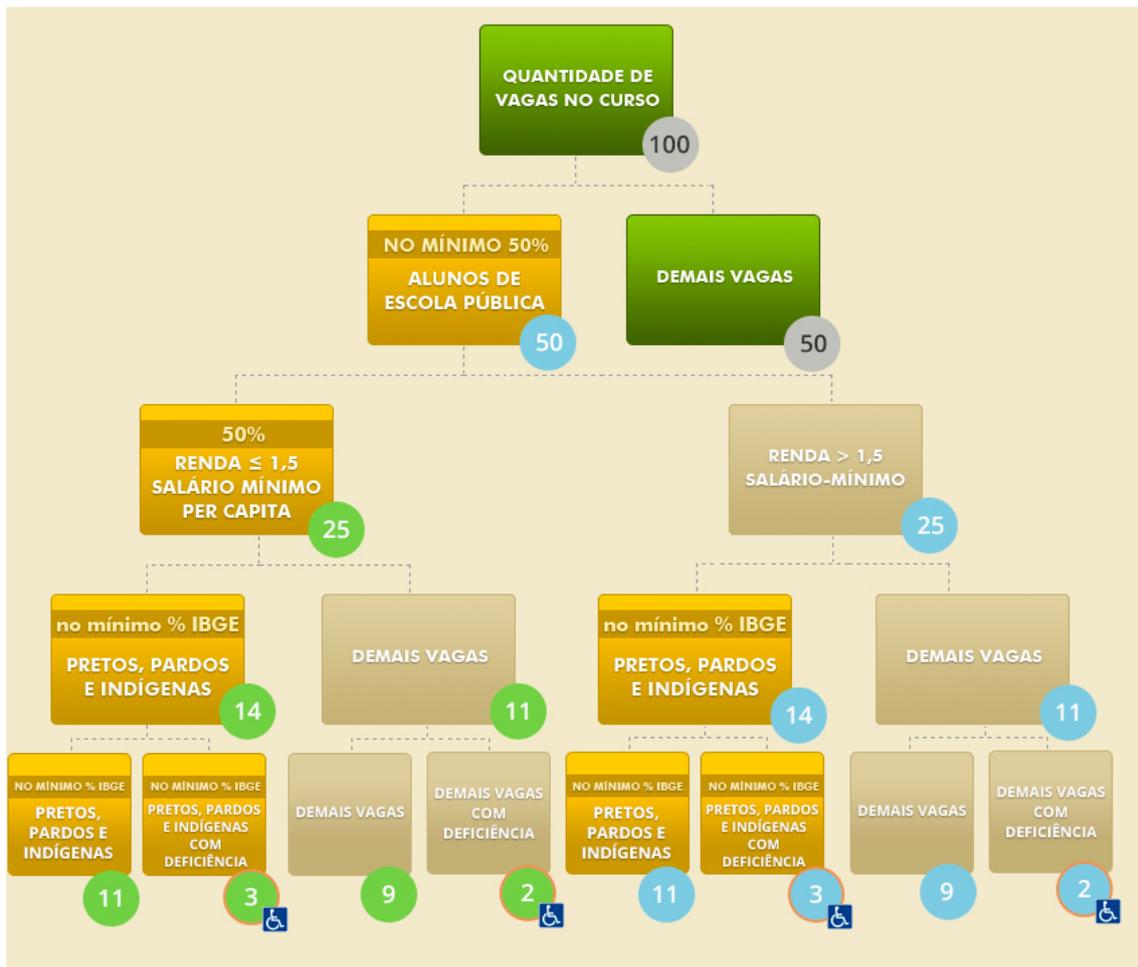
#### **4. Seleção de estudantes: em busca dos melhores**

Pelo fato de possuir uma estrutura diferenciada, se comparada com as demais instituições que integram a educação pública no Rio Grande do Norte, o IFRN sempre atraiu os melhores estudantes, fazendo com que os processos seletivos para ingresso fossem a cada ano mais concorridos. Em contrapartida, de modo contrário ao que se propunha, quando de sua criação em 1909, a instituição passou a receber cada vez mais estudantes oriundos de escolas particulares, com melhor situação financeira. Pegado (2006, p. 44) relata que “o processo de elitização estava se aprofundando, distanciando a escola da clientela para a qual tinha sido criada”. Nessa mesma linha Skeete, Lázaro e Tavares (2013) afirmam que em 1993 o índice de estudantes oriundos da classe média e de escolas particulares chegava a 75%.

Preocupada com essa crescente elitização, a então EFRN, em iniciativa pioneira na Rede Federal, adotou um sistema de cotas para garantir que 50% de suas vagas fossem reservadas para estudantes do Pró-Técnico, uma espécie de curso preparatório ofertado pela própria instituição, que, em função das novas regras, na prática tinha uma “clientela majoritariamente oriunda das escolas públicas” (Skeete, Lázaro & Tavares, 2013, p. 26).

De 1993 para 2019, ocorreram profundas mudanças no IFRN em aspectos pedagógicos e administrativos, como já descrito no capítulo anterior, mas o sistema de reserva de vagas para estudantes oriundos de escolas públicas sempre foi mantido. Com o advento da Lei 12.711/2012, conhecida como a lei das cotas, o IFRN passou a adotar um novo sistema de cotas. Para o ensino médio integrado ao ensino técnico, por exemplo, as cotas determinam que metade das vagas seja destinada a candidatos que cursaram integralmente o ensino fundamental em escolas públicas brasileiras. Desses 50%, são feitas outras subdivisões para garantir a reserva de vagas para Pessoas com Deficiência (PcD), além de negros, pardos e indígenas. Fato é que a atual distribuição de vagas pelo sistema de cotas é complexa, levando em conta também dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o percentual de pretos, pardos e indígenas e de pretos, pardos e indígenas com deficiência na unidade da Federação. Essa distribuição pode ser melhor compreendida no exemplo da figura 4.

**Figura 4** - Exemplo de distribuição de vagas no sistema de cotas (Lei 12.711/2012), considerando os percentuais de 53,66% de pretos, pardos e indígenas e 22,62% de pretos, pardos e indígenas com deficiência na unidade da Federação



Fonte: Ministério da Educação (MEC) do Brasil

Para além da compreensão do modo como se opera o sistema de cotas adotado pelo IFRN, o que se pretende demonstrar é que a instituição recebe estudantes de diversas origens sociais, desde o branco abastado ao preto com deficiência e de baixa renda. Esse complexo universo de estudantes pode ajudar a compreender as estratégias individuais de ascensão acadêmica e profissional adotadas pelos estudantes nos diversos *campi*, sobretudo no *Campus* Pau dos Ferros, objeto do presente estudo.

## 5.0 *Campus* Pau dos Ferros

O *Campus* Pau dos Ferros foi construído, no contexto da segunda fase de expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, em um terreno de 21.820 m<sup>2</sup>, doado pela Prefeitura Municipal de Pau dos Ferros, tendo sido efetivamente inaugurado no ano de 2009.

**Figura 5** - Imagem aérea do *Campus* Pau dos Ferros do IFRN

Fonte: Vicente Gabriel, 2017. Reproduzido com permissão do autor.

Para definição das primeiras ofertas de cursos do *campus*, o IFRN levou em conta estudos preliminares acerca dos arranjos produtivos sociais e culturais locais não só do município de Pau dos Ferros, mas de grande parte das cidades no seu entorno, que seriam potencialmente atendidas pelo *campus*. O PDI 2009-2014 considerou que os arranjos produtivos locais estavam centrados na "caprinocultura, pecuária, comércio e serviços" (IFRN, 2009b). Nessa perspectiva a ideia inicial era a oferta dos cursos técnicos de Informática e Alimentos, como também do Curso Superior de Licenciatura em Química, este último para suprir a demanda local de formação docente, sobretudo na área de ciências, em atendimento ao disposto na alínea "b" do inciso VI do *caput* do artigo 7º da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que criou os IFs.

Com estrutura ainda em fase de implantação, as primeiras ofertas foram de duas turmas de cursos técnicos integrados ao ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foram 40 vagas para o curso de Informática e outras 40 vagas para o curso de Alimentos. Outras duas turmas de cursos técnicos subsequentes, destinadas para estudantes que já haviam concluído o ensino médio, também foram ofertadas. A distribuição das vagas foi idêntica àquela adotada nos cursos técnicos

integrados: duas turmas de 40 alunos, uma para o curso técnico de Informática e outra para o curso técnico de Alimentos. No segundo semestre do ano de 2009, teve início a primeira turma de graduação, tendo sido ofertadas 40 vagas para a Licenciatura em Química.

A partir de 2010, o *campus* passou também a ofertar cursos técnicos de nível médio integrado na modalidade regular, para estudantes recém-saídos do ensino fundamental. Ofertou ainda uma Especialização em Educação Ambiental e Geografia do Semi-Árido. Em 2012, as ofertas foram novamente ampliadas. Foi criado o Curso Superior de Tecnologia em Desenvolvimento de Sistemas e a Segunda Licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática, destinada aos docentes em exercício na rede pública da educação básica, há pelo menos três anos, em área distinta da sua formação inicial. Foi criado igualmente o Curso Técnicos de Nível Médio Integrado em Apicultura. A essa altura, já se avaliava que a área era promissora e poderia consolidar-se como alternativa de geração de emprego e renda para a região. A apicultura, apesar de não ter sido mencionada no PDI 2009-2014, já aparecia como promissora na região, embora com mão de obra pouco capacitada e organizada em pequenas associações de apicultores.

Atualmente, de acordo com dados do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), sistema de gestão desenvolvido pelo IFRN e utilizado por diversas instituições públicas em todo o Brasil, o *Campus* Pau dos Ferros conta com 990 estudantes regulares, excluídas as matrículas em cursos Formação Inicial e Continuada, que em regra são de curta duração, distribuídos nos cursos técnicos de nível médio integrado de Informática, Alimentos e Apicultura; nos cursos de graduação de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (TADS) e Licenciatura em Química; e também no curso de Especialização em Ensino de Ciências Naturais e Matemática. A distribuição do quantitativo de estudantes por curso pode ser vista na tabela 8.

**Tabela 8** - Quantidade de alunos por curso em 2019

<b>CURSO</b>	<b>NÍVEL</b>	<b>NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS</b>
Alimentos	Técnico Integrado	253
Apicultura	Técnico Integrado	250
Informática	Técnico Integrado	243
Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (TADS)	Superior	99
Licenciatura em Química	Superior	106

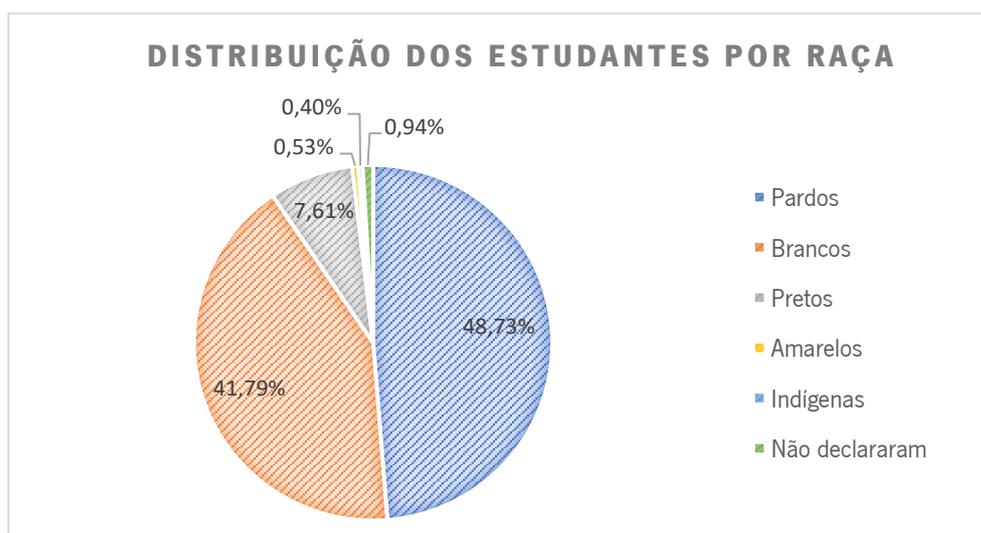
Especialização em Ensino de Ciências Naturais e Matemática	Pós-Graduação	39
--	---------------	----

Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) do IFRN

De acordo com os dados de caracterização social e económica disponíveis no SUAP do IFRN, no *Campus* Pau dos Ferros, dentre os estudantes do ensino técnico de nível médio integrado, 52,74% são do sexo feminino, enquanto 47,26% são do sexo masculino.

No que se refere à raça<sup>21</sup>, eis os resultados conforme gráfico a seguir: 48,73% autodenominam-se pardos; 41,79%, brancos; 7,61%, pretos; 0,53%, amarelos; 0,40%, indígenas; e 0,94% não declarou.

**Gráfico 1** - Distribuição dos estudantes por raça



Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) do IFRN em 2019

Quanto à faixa etária, 0,27% tem até 14 anos; 52,07% têm entre 15 e 17 anos; 47,53% têm entre 18 e 29 anos; e 0,13% tem entre 30 e 40 anos.

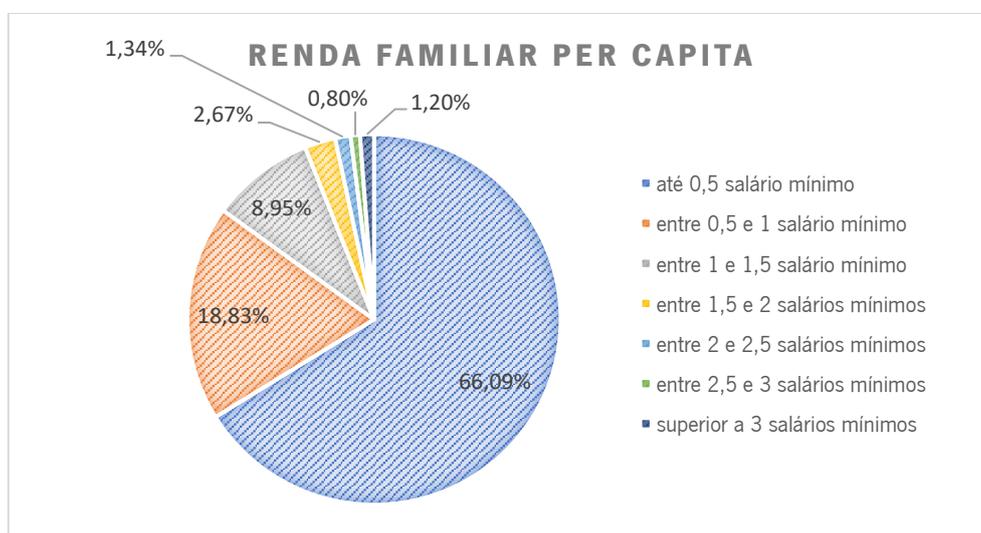
Apenas 28,42% desses estudantes residem na cidade de Pau dos Ferros. Os demais estão distribuídos em outras 41 cidades, enfrentando, por vezes, dificuldades para garantir o transporte até o

<sup>21</sup> Classificação utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

IFRN. Destaque-se que 81,84% residem na zona urbana, enquanto 17,22%, na zona rural. Há ainda um pequeno percentual de 0,13% que informou residir em comunidade indígena.

No que se refere à renda familiar *per capita*, conforme gráfico 2, 66,09% têm renda de até 0,5 (meio) salário mínimo; 18,83%, entre 0,5 e 1 salário mínimo; 8,95%, entre 1 e 1,5 salário mínimo; 2,67%, entre 1,5 e 2 salários mínimos; 1,34%, entre 2 e 2,5 salários mínimos; 0,80%, entre 2,5 e 3 salários mínimos. Somente 1,2% dos estudantes dos cursos técnicos integrados tem renda familiar *per capita* superior a 3 salários mínimos.

**Gráfico 2** - Renda familiar *per capita* dos estudantes



Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) do IFRN em 2019

A partir desses dados, é possível concluir que a maioria dos alunos matriculados nos cursos técnicos integrados do *Campus* Pau dos Ferros do IFRN é de pretos, pardos e de baixa renda. Se analisarmos especificamente os estudantes do curso de Apicultura, encontraremos que 59,24% se autodenominam pretos ou pardos e 71,89% têm renda familiar *per capita* de até 0,5 (meio) salário mínimo. Essas características sociais e econômicas que, notadamente, situam esses estudantes nas classes sociais mais baixas, podem ajudar a compreender suas estratégias individuais de ascensão social.

**Tabela 9** - Recorte da caracterização social e económica dos estudantes dos cursos técnicos de nível médio integrado em 2019

<b>CURSO</b>	<b>AUTODECLARADOS PRETOS E PARDOS (%)</b>	<b>RENDA PER CAPITA ATÉ 0,5 SALÁRIO MÍNIMO (%)</b>
Alimentos	55,30	69,41
Apicultura	59,24	71,89
Informática	53,88	56,73

Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) do IFRN

## 6. O curso de Apicultura

O Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura, assim como os demais cursos técnicos de nível médio ofertados pelo IFRN, é destinado aos estudantes que concluíram o ensino fundamental e, de acordo com a Organização Didática do IFRN, pretendem obter uma habilitação profissional técnica de nível médio de modo a viabilizar sua inserção no mercado de trabalho. Os estudantes em regra participam de um processo seletivo para acesso. Também podem ingressar no curso, por meio de transferência, estudantes de cursos técnicos integrados similares, conforme figura 6. Destaque-se que em razão da equivalência com o ensino médio regular, os estudantes concluintes também estarão habilitados para ingressar na educação superior.

**Figura 6** - Requisitos e formas de ingresso no curso de apicultura

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso de Apicultura

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do Curso Técnico de Nível Médio em Apicultura na forma Integrada, presencial foi aprovado pelo Conselho Superior - CONSUP - do IFRN por meio da Resolução 24/2011-CONSUP/IFRN, de 9 de outubro de 2011. As primeiras turmas ingressaram no ano de 2012, quando o *campus* já ofertava os cursos técnicos de nível médio integrado em de Informática e Alimentos. É importante destacar que essa foi uma iniciativa pioneira do *Campus* Pau dos Ferros do IFRN, já que o curso de Apicultura foi o primeiro e, pelo que se tem registro, até agora, o único nessa modalidade a ser ofertado no Brasil.

A apicultura como atividade econômica no Brasil apresenta-se como promissora. De acordo com dados do Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços, o país exportou cerca de 7,8 milhões de quilos de mel natural em 2018, o que representa cerca de 30 milhões de dólares. Além de ser economicamente viável, a apicultura é socialmente sustentável e desponta como uma interessante alternativa de renda, sobretudo no nordeste brasileiro, em razão das suas condições climáticas. De acordo com Costa (2018, p. 33), “duas regiões do planeta possuem as melhores condições no processo produtivo de mel orgânico, sendo uma delas a região Nordeste brasileira”.

**Figura 7** - Aula prática do Curso Técnico em Apicultura



Fonte: Coordenação do Curso Técnico em Apicultura (IFRN).

A apicultura “é uma atividade muito lucrativa, quando possui um gerenciamento com formato profissional e aplicação de manejo de forma adequada” (Costa, 2018, p. 34). Nessa perspectiva, o Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura do *Campus* Pau dos Ferros do IFRN foi criado com o intuito de preparar mão-de-obra para essa nova e crescente atividade, contribuindo para o desenvolvimento econômico regional de forma sustentável.

Alinhados com esse propósito, entre os objetivos específicos previstos no PPC, estão os de desenvolver a produção de pólen, própolis e cera na região; gerenciar apiários para produção lucrativa; incentivar a agricultura racional; compreender os sistemas de produção apícola, visando a uma exploração racional da apicultura como agronegócio sustentável.

O Projeto Pedagógico do Curso de Apicultura, ao tratar da justificativa pela oferta do curso no Rio Grande do Norte, enfatiza que:

A oferta do Curso Técnico Integrado em Apicultura, presencial, se justifica porque este estado, além de ocupar a sexta posição em exportação do mel no país e já ter conquistado o certificado em comércio justo para o mel, apresenta um mel que é a preferências dos principais mercados consumidores internacionais devido à ausência de defensivos em sua produção e ao padrão de qualidade, um dos melhores do mercado mundial. (IFRN, 2011, pp. 7-8)

O PPC (2011, p. 8) faz questão de ressaltar ainda que os profissionais formados no curso de Apicultura “devem obter informações, construir conhecimentos e desenvolver técnicas que resultem no desenvolvimento da região e contribuam para a melhoria das condições de vida do seu povo”.

Saliente-se que também, entre os objetivos da oferta do curso, estão os seguintes: a redução do êxodo rural; a preservação da caatinga, vegetação nativa da região; a formação de empreendedores; o desenvolvimento econômico regional de forma ambientalmente sustentável.

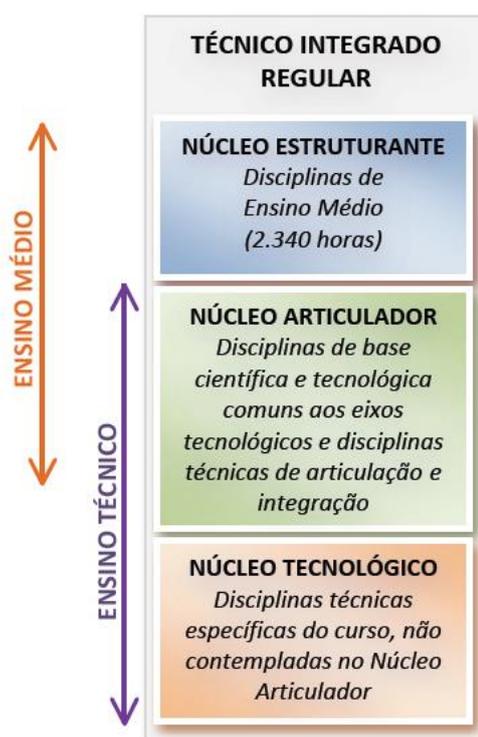
Como se vê, a estratégia institucional na oferta dos cursos técnicos de nível médio é muito clara: formar profissionais para um determinado nicho de mercado, previamente identificado, de forma a possibilitar o desenvolvimento regional e o fortalecimento dos arranjos produtivos e econômicos locais. Essa regra aplica-se para o Curso Técnico em Apicultura, assim como para todos os demais cursos dessa modalidade oferecidos não só pelo IFRN, mas pelas demais instituições da Rede Federal, além de ser uma das justificativas que deram suporte ao processo de expansão dessas instituições.

O PPP do IFRN, tratando dos cursos técnicos de nível médio integrados, esclarece:

Os cursos objetivam formar cidadãos capacitados para atuar como profissionais técnicos de nível médio, a partir de uma sólida educação básica em articulação com o trabalho, a ciência, a cultura e a tecnologia. Esses cursos têm como principal ideário uma formação cidadã que viabilize a construção da autonomia e a superação da dualidade histórica entre os que são formados para o trabalho manual e os que são formados para o trabalho intelectual – a histórica separação entre o pensar e o fazer, característica sedimentadora do modelo capitalista. (Projeto Político Pedagógico do IFRN, 2012, p. 103).

No que se refere especificamente à estrutura curricular, o curso de Apicultura tem duração de quatro anos - um ano a mais que o ensino médio regular, ofertado na rede pública estadual e na rede privada de ensino - e está estruturado com uma carga horária total de 4.010 horas<sup>22</sup>, organizadas em três núcleos: estruturante, articulador e tecnológico, conforme figura a seguir.

**Figura 8** - Representação gráfica do desenho e da organização curricular dos cursos técnicos integrados



Fonte: Projeto Pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura

De acordo o PPP do IFRN,

<sup>22</sup> Informação se refere às horas-relógio. O IFRN adota também o sistema de horas-aula. Cada hora-aula equivale efetivamente a 45 minutos. Em razão disso o Curso de Apicultura tem 5.346 horas-aulas.

O núcleo estruturante corresponde ao conjunto de conhecimentos do ensino médio relacionados às áreas de Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática. Desse modo, são contemplados conteúdos de base científica e cultural indispensáveis à formação humana integral e à educação politécnica.

O núcleo articulador corresponde ao conjunto de conhecimentos tanto do ensino médio quanto da educação profissional. Contempla conteúdos em estreita articulação com o curso e com os conhecimentos comuns a todos os eixos tecnológicos. Esses conteúdos favorecem a integração curricular. O núcleo deve contemplar disciplinas de base científica e tecnológica comuns aos eixos (como parte diversificada do ensino médio), disciplinas técnicas de articulação com o núcleo estruturante (como parte fundante do aprofundamento das bases científica e tecnológica) e disciplinas técnicas âncora para práticas interdisciplinares.

O núcleo tecnológico corresponde ao conjunto de conhecimentos da formação técnica específica, de acordo com o eixo tecnológico e a atuação profissional. É composto por bases científicas e tecnológicas, como inventos e soluções tecnológicos, controles e processos tecnológicos, gestão de bens e de serviços e suportes tecnológicos de uso geral. (Projeto Político Pedagógico do IFRN, 2012, p. 101, grifo nosso).

O detalhamento das respectivas cargas horárias e disciplinas de cada um desses núcleos está detalhada na tabela abaixo:

**Tabela 10** - Detalhamento de disciplinas e carga horária dos núcleos

<b>Núcleo</b>	<b>Disciplinas</b>	<b>Carga Horária (horas-relógio)</b>
Estruturante	Língua Portuguesa e Literatura; Inglês; Espanhol; Arte; Educação Física; Geografia; História; Filosofia; Sociologia; Matemática; Física; Química; Biologia	2340
Articulador	Informática; Gestão Organizacional e Empreendedorismo; Filosofia, Ciência e Tecnologia; Sociologia do Trabalho; Qualidade de Vida e Trabalho; Produção de Textos Técnico-Científicos I; Produção de Textos Técnico-Científicos II; Segurança do Trabalho; Gestão Ambiental do Semiárido	330
Tecnológico	Introdução a Apicultura; Técnicas de Laboratório; Química e Bioquímica dos Alimentos; Biologia das Abelhas; Introdução a Microbiologia e a Biotecnologia dos Alimentos; Estatística Básica; Máquinas, Equipamentos e Instalações Apícolas; Manejo em Apicultura; Tecnologia de Mel e Pólen; Higiene e Segurança Alimentar; Gestão da Atividade Apícola; Análise dos Produtos Apícolas; Tecnologia de Própolis,	870

Cera e Geleia Real; Embalagem, Rotulagem e Logística; Análise Sensorial
---

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura

O PPC, por sua vez, prevê, como requisito para conclusão, a realização de seminários curriculares que totalizam 70 horas, além do cumprimento de uma carga horária de 400 horas de prática profissional, que:

será realizada por meio de Estágio Curricular e/ou desenvolvimento de projetos de pesquisa e/ou projetos de extensão, podendo ser desenvolvidos no próprio IFRN, na comunidade e/ou em locais de trabalho, objetivando a integração entre teoria e prática, com base na interdisciplinaridade, e resultando em relatórios sob o acompanhamento e supervisão de um orientador (IFRN, 2011, p. 15).

Há nesse aspecto uma certa dificuldade institucional, já que quase a totalidade dos estudantes de Apicultura tem cumprido essa carga horária de prática profissional com o desenvolvimento de projetos de pesquisa, e não com estágio. Esse fato contrasta, ao menos em análise superficial, com as ideias iniciais, materializadas no PPC, de que haveria uma demanda regional por esses profissionais. Se existe a demanda, de certo que deveriam também existir oportunidades para que esses estudantes pudessem, por meio de estágio, colocar em prática os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso.

Além da possibilidade de estágio em empresas, associações e cooperativas regionais que atuem na área, deve-se acentuar que o *Campus* Pau dos Ferros dispõe de apiário próprio, além da Casa do Mel (espaço apropriado para o beneficiamento do mel) e de outros laboratórios estruturados para o desenvolvimento de atividades acadêmicas e de pesquisa aplicadas ao beneficiamento do mel. No entanto, aparentemente a instituição não tem estimulado ou mesmo ofertado vagas de estágio para seus estudantes nesses espaços.

**Capítulo III**  
**PESQUISA EMPÍRICA E OPÇÕES METODOLÓGICAS**

Um dos passos fundamentais para a realização de uma pesquisa relevante é o que versa sobre as decisões e escolhas de natureza metodológica. A opção por utilizar essa ou aquela técnica pode mostrar-se ao final acertada ou não. De acordo com Almeida e Pinto (1980, p. 78), "As técnicas de investigação são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela actividade de pesquisa".

Esses erros e acertos no percurso do investigador é que determinam a construção e recolha de uma série de dados empíricos que acabam por formar uma espécie de espinha dorsal na qual passam a se encaixar informações e dados que visam responder às questões estabelecidas nos passos iniciais da pesquisa. Conforme esclarece Ferreira (1986, p. 165), "Toda a acção de pesquisa se traduz no acto de perguntar. Isto é válido para todo o questionamento científico. Por isso todas as regras metodológicas têm como objectivo exclusivo o de esclarecer o modo de obtenção das respostas".

Neste capítulo, pretende-se detalhar toda a etapa de recolha de dados da investigação, justificando escolhas, técnicas, opções, decisões, eventuais dificuldades e dúvidas que surgiram no curso desse processo. Imaginar que esse percurso seria linear, como uma mera sequência de dados predeterminados, é não compreender a complexidade da investigação científica no campo das ciências sociais da educação. Como bem asseguram Quivy e Campenhoudt (2005, p. 19), "uma investigação social não é, pois, uma sucessão de métodos e técnicas estereotipadas que bastaria aplicar tal e qual se apresentam, numa ordem imutável. A escolha, a elaboração e a organização dos processos de trabalho variam a cada investigação específica".

Para a execução da pesquisa empírica, recorreu-se predominantemente a uma abordagem qualitativa, com destaque especial para as perspectivas dos participantes, sobretudo na construção social de conceitos e consensos a partir da realidade em que vivem. Conforme assegura Flick (2009, p. 16),

a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo.

Bogdan e Blikem (1994, pp. 47-51) asseguram que, na investigação qualitativa, "a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o elemento principal; a investigação qualitativa é descritiva; os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos".

Evidentemente que essa abordagem não inviabilizou a coleta de dados e informações de caráter quantitativo que ajudaram a conhecer os participantes da pesquisa e a responder de forma mais consistente ao problema e às questões de investigação. Buscou-se recolher e registrar um diversificado conjunto de dados (informação empírica) que tornassem possível concretizar a pesquisa, em bases consistentes. A utilização das mais variadas técnicas em nenhum momento descaracterizou a investigação qualitativa, de caráter exploratório, baseada no estudo de caso.

Conforme assegura Morgado (2012, p. 63),

o estudo de caso é um processo de investigação empírica que permite estudar fenômenos no seu contexto real e no qual o investigador, não tendo o controlo dos eventos que aí ocorrem nem das variáveis que os conformam, procura apreender a situação na sua totalidade e, de forma reflexiva, criativa e inovadora, descrever, compreender e interpretar a complexidade do(s) caso(s) em estudo, lançando luz sobre a problemática em que se enquadra(m) e, inclusive, produzindo novo conhecimento sobre o(s) mesmo(s).

É exatamente essa característica de totalidade que torna, muitas vezes, o estudo de caso uma tarefa difícil de ser executada na sua máxima profundidade. Neste trabalho, em especial, não houve a intenção de responder a todos os questionamentos, tampouco há a intenção de aprofundar as análises para que a totalidade do tema estudado seja abarcado. Há, contudo, que problematizar, colocar questões que possam trazer possíveis explicações para o fenômeno estudado. Em razão disso, pode-se afirmar que o presente trabalho é inspirado no método do estudo de caso, mas não pode ser visto como uma aplicação plena de todas as potencialidades heurísticas desse método.

## **1. Seleção dos sujeitos participantes da pesquisa**

Para garantir que os dados coletados pudessem responder, com propriedade, às questões de investigação, a tarefa de seleção dos participantes foi determinante. A opção foi pela recolha de opiniões de, praticamente, todos os actores envolvidos no contexto. De acordo com Giddens (1989, p. 229), no âmbito da sua teoria da estruturação, "Todos os seres humanos são agentes cognoscitivos. Isto significa que todos os actores sociais também são ordinariamente capazes de descrever em termos discursivos o que fazem e as razões porque o fazem".

É certo que as limitações de tempo e de escopo, por se tratar de uma investigação de mestrado, impõem algumas restrições. De todo modo, a decisão foi pela inclusão dos estudantes do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura e dos demais cursos técnicos de nível médio integrado ofertados

pelo *campus*; professores; ex-alunos do curso de Apicultura; Equipe Técnico-Pedagógica; coordenação do Curso Técnico em Apicultura; e, por fim, a Direção Acadêmica do *Campus* Pau dos Ferros do IFRN.

Como se vê, a vasta gama de participantes já se apresenta como desafio, mas também como oportunidade de realizar uma coleta de dados mais significativa. É evidente que o quantitativo de participantes tem o condão de influenciar, em maior ou menor grau, a escolha das técnicas a serem utilizadas, de forma que o trabalho pudesse ser exequível.

Para a seleção dos estudantes, duas questões foram determinantes. A primeira diz respeito à impossibilidade de que, com as limitações de tempo, todos os estudantes do *campus* participem. Já a segunda parte da premissa de que os estudantes com mais tempo no *campus*, caso dos concluintes, reuniriam melhores condições de tratar das questões que são objeto do presente estudo. Dessa forma, foram selecionados todos os estudantes regularmente matriculados no quarto ano do Curso Técnico de Nível Médio em Apicultura. Para investigar as apreciações sobre o potencial econômico e social do curso de Apicultura entre os estudantes do *campus*, além do potencial intelectual e acadêmico dos estudantes do referido curso, também foram selecionados todos os estudantes regularmente matriculados no 4º (quarto) ano dos demais cursos técnicos de nível médio integrado ofertados pelo *Campus* Pau dos Ferros do IFRN.

Quanto aos ex-alunos, a decisão foi solicitar à coordenação do Curso Técnico de Nível Médio em Apicultura que indicasse dois estudantes que já haviam concluído o curso e que estivessem atuando na área objeto de formação do curso. É importante esclarecer que, quando da solicitação à coordenação do curso, não foram fornecidas informações substanciais acerca dos objetivos da pesquisa. A opção por não repassar essas informações decorre da necessidade de que a indicação dos participantes, ainda que realizada por um representante da gestão do curso, não fosse tendenciosa. Essa cautela inicial também fez parte da estratégia de não antecipar temas que seriam abordados, em outro momento, diretamente com a coordenação do curso.

No que se refere aos docentes, o impasse estava em envolver ou não na pesquisa professores que lecionavam somente nos outros cursos. Assim como no caso da seleção dos estudantes, como forma de garantir o registro de diversos olhares sobre o curso de Apicultura e seus estudantes, a coleta de opinião foi destinada para todos os docentes do *campus*. Naturalmente, não havia a expectativa de muitas respostas, sobretudo pela dificuldade de contactá-los diretamente. Os professores do *Campus* Pau dos Ferros do IFRN, assim como das demais instituições, têm inúmeras outras atividades além da sala de aula. Muitas delas, inclusive, realizadas fora do ambiente escolar. Para além disso, é notório que

nem todos têm disposição para responder aos questionários de pesquisas que são cada vez mais comuns no ambiente acadêmico, ainda que, nesse caso em particular, se esteja tratando apenas de uma breve recolha de opinião, uma espécie de pequena entrevista escrita.

Já os representantes da gestão - equipe responsável pelo acompanhamento pedagógico, coordenação de curso, Direção Acadêmica - foram selecionados em razão de suas atribuições institucionais, estabelecidas, principalmente, na organização didática, estatutos e regimentos do IFRN. Dessa forma, a participação dos responsáveis pela oferta institucional abriu a possibilidade de abordar diversas perspectivas, desde a decisão pela oferta do Curso Técnico de Nível Médio Integrado de Apicultura, sua efetiva implementação, acompanhamento, dificuldades e perspectivas de sucesso.

No que diz respeito à seleção do membro da equipe pedagógica, adotou-se, objetivamente, o critério do tempo de trabalho na instituição - o mesmo critério que determinou a seleção dos estudantes. Com base nisso, dos dois membros que integram a equipe pedagógica no *campus*, selecionamos o que atuava por mais tempo no IFRN.

## **2. Análise documental**

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi fundamental a apreciação de diversos documentos institucionais, dentre eles o PPP do IFRN; o PPC do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura; a Organização Didática do IFRN; o Regimento Interno do *Campus* Pau dos Ferros; os relatórios de caracterização social e econômica dos estudantes.

A seleção desses documentos não é aleatória, pois é através da sua análise que se podem conhecer os objetivos e perspectivas institucionais em cada oferta formativa, a exemplo das estratégias e intenções institucionais, bem como perfil desejado para os egressos. Escolhas e decisões, de caráter pedagógico e/ou administrativo, são determinadas por regulamentos que norteiam o dia a dia do IFRN e do seu *campus* em Pau dos Ferros. Não há como compreender os atos, opções e posicionamentos de estudantes, servidores e representantes da gestão do instituto sem se apropriar das normas e regras que determinam todo o resto.

A análise dos documentos oficiais nas organizações torna-se ainda mais importante sobretudo para compreender se os discursos, as práticas e os resultados alcançados são coerentes com o que a instituição espera de si mesma, com a sua perspectiva oficial.

De acordo com Lüdke e André (1986, p.39),

os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte ‘natural’ de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.

Para além disso, conhecer os documentos institucionais ajuda a compreender a essência e a “razão de ser” do IFRN, uma escola com mais de 100 (cem) anos de história e que remonta aos primeiros passos da educação profissional no Brasil.

### **3. A Entrevista**

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas nas pesquisas realizadas no campo das ciências sociais. De acordo com Haguete (1990, p. 75),

A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas, na qual uma delas, o entrevistador, tem por objectivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. informações são obtidas através de um roteiro de entrevista, constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida.

Poucas técnicas de coleta de dados possibilitam ao pesquisador ouvir, dialogar, compreender emoções, expressões corporais, angústias, enfim, sentimentos tantos que afloram no entrevistado ao responder aos questionamentos que lhe são feitos.

Certamente a entrevista, como qualquer outra técnica de recolha de dados, deve ser precedida de cuidados que garantam a sua correta utilização. Não há, por exemplo, que se entrevistar alguém apresentando questionamentos sobre assuntos diversos que não integram as vivências do entrevistado, sob pena de obtenção de dados e informações vazias. Nessas situações, o entrevistado caminha na tendência de confirmar as expectativas do entrevistador, comprometendo a qualidade e confiabilidade da informação obtida.

No presente estudo, houve especial preocupação com as questões a serem tratadas nas entrevistas. Cada uma delas foi pensada de acordo com o dia a dia dos estudantes e com as atribuições funcionais dos representantes institucionais selecionados.

Como já dissemos, por meio da entrevista, conseguem-se compreender fatos, opiniões, sentimentos, planos, condutas, visões de mundo, motivações, todos eles informações sem as quais o investigador das ciências sociais não teria condições de desenvolver qualquer pesquisa.

A entrevista pode ser estruturada, não-estruturada ou painel. Na entrevista estruturada, o entrevistador segue um roteiro predeterminado de perguntas, delas não podendo fugir. O intuito pode ser (ou não) comparar respostas de diferentes entrevistados às mesmas perguntas. Já a entrevista não-estruturada é a que dá mais liberdade a entrevistador e entrevistado. De caráter mais aberto e informal, pode permitir que as questões sejam mais amplamente trabalhadas. O painel consiste na possibilidade de repetir as mesmas perguntas, aos mesmos entrevistados, com um intervalo de tempo. É, portanto, uma interessante possibilidade de verificar a evolução de opiniões, conceitos, sentimentos dos entrevistados ao longo do tempo.

No caso em tela, todas as entrevistas foram semiestruturadas, na medida em que seguiram um roteiro inicialmente traçado, mas com perguntas abertas que permitissem a interação e o diálogo entre entrevistador e entrevistado. Abriu-se, em razão disso, a possibilidade de que o entrevistador pudesse realizar adaptações e/ou novos questionamentos.

A entrevista foi a técnica escolhida para recolha de dados com os dois ex-alunos selecionados. Também utilizamos essa técnica com o coordenador do Curso Técnico de Nível Médio em Apicultura, com a diretora acadêmica do *Campus* Pau dos Ferros e com um representante da Equipe Técnico-Pedagógica. Vale ressaltar que houve especial atenção aos horários e locais mais adequados para os colaboradores de modo que as entrevistas fossem realizadas da forma mais conveniente possível.

Para não condicionar respostas, e com receio de que os entrevistados adotassem um discurso defensivo, optou-se por revelar os objetivos da pesquisa somente após finalizadas as entrevistas. Os entrevistados foram informados apenas que se tratava de uma pesquisa de mestrado em Ciências da Educação, área de especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas, cujo objeto de estudo seria o Curso Técnico de Nível Médio em Apicultura ofertado pelo *Campus* Pau dos Ferros do IFRN.

A entrevista mostrou-se a técnica mais eficaz para, nessa etapa, possibilitar a coleta de respostas, no todo ou em parte, para as questões iniciais. Dialogar com opiniões, desejos, angústias, percepções e expectativas dos entrevistados tem o condão de enriquecer o trabalho com uma série de

dados, pontos de vista, impressões que, inter-relacionadas, ajudam a compreender as questões e contradições que se colocam sobre a oferta do curso técnico de Apicultura em Pau dos Ferros.

#### **4. Recolha de opinião escrita**

A utilização da recolha de opinião escrita foi fundamental para que se pudesse realizar um processo de recolha de dados mais amplo. Essa opção impõe uma série de restrições, dentre as quais a possibilidade de os questionamentos não serem compreendidos. Uma ou outra pergunta pode não ficar tão clara, e isso, impreterivelmente, compromete a qualidade da informação colhida, uma vez que há a impossibilidade de dialogar diretamente com quem está respondendo para esclarecer alguns pontos ou levantar outras questões a partir das respostas iniciais. Ainda assim, com a disposição de envolver na pesquisa todos os estudantes concluintes dos três cursos técnicos de nível médio integrado ofertados pelo *Campus* Pau dos Ferros, além de todos os professores em atividade no *campus*, essa técnica mostrou-se adequada.

A opção pela recolha de opinião escrita por intermédio de um questionário de modo algum altera o caráter qualitativo da pesquisa. Primeiro, porque não teve como objetivo a quantificação das informações, a mera contagem de dados; depois, porque o formato adotado, com pequenas questões abertas, sobretudo para recolha de opinião, abriu espaço para uma diversidade de respostas eminentemente subjetivas.

O que se pretendia de fato era entrevistar cada um dos participantes selecionados. Porém, como fazer entrevistas com mais de 100 alunos e cerca de 60 professores? E, após isso, como trabalhar todos esses dados recolhidos com o tempo disponível? De certo que o pesquisador tem de se fazer todos esses e tantos outros questionamentos antes de decidir pela utilização de uma ou outra técnica.

Por mais que possam ser construídos alguns dados estatísticos a partir das respostas colhidas, é nos discursos, ainda que escritos, que repousa o interesse da investigação, pois é na análise desses discursos que aparecem as estratégias, os sonhos, as aspirações, as angústias, certezas e contradições. Os respondentes não foram confrontados diretamente com a problemática em estudo. Essa estratégia foi utilizada para evitar respostas padronizadas, por vezes tendenciosas. A expectativa, que veio a se confirmar, é que as questões centrais, a problemática, fossem surgindo naturalmente no discurso. Nota-se, mais uma vez, a constante preocupação de não desvirtuar a investigação e não contaminar os dados.

No caso do instrumento de coleta de opinião destinado especificamente aos estudantes de Apicultura, alvos iniciais e atores centrais da pesquisa, foram adicionadas algumas questões que remontam à caracterização social de quem está respondendo: local de residência, profissão dos pais, trajetória escolar anterior, classificação social, enfim, características que podem ajudar a compreender o contexto em que vivem e a origem social dessa amostra.

A recolha de opiniões dos alunos ocorreu em sala de aula, com autorização da Direção-Geral e ajuda dos docentes, que cederam os 30 minutos finais de seus horários para essa atividade. Os estudantes foram informados que os questionamentos eram parte de uma investigação de mestrado em Ciências Sociais da Educação, especialidade em Sociologia da Educação. Também ficaram cientes de que a participação era facultativa. Nenhum dos estudantes que respondeu foi identificado.

Com relação aos docentes, o questionário foi aplicado através de formulário eletrônico na plataforma Google Forms<sup>23</sup>. O questionário ficou disponível por 20 dias e a solicitação para que os docentes participassem foi realizada por meio do correio eletrônico institucional, com prévia autorização da Direção-Geral do *Campus* Pau dos Ferros.

É válido reforçar a informação de que não foi aplicado um questionário com questões fechadas ou com opções de respostas previamente estabelecidas, a nenhum dos participantes, mas um instrumento de recolha de opinião e informação escrita, diante da impossibilidade, pelas questões já apresentadas, de realizar entrevistas com todos os participantes.

## **5. Dimensões éticas e deontológicas**

As questões de natureza ética e deontológicas foram observadas com rigor no presente estudo. De acordo com Gomes (2016, p. 5), "a prática científica deve estar sempre associada a uma prática ética (valores a respeitar) e deontológica (deveres a cumprir), sendo de evitar a dissociação das duas dimensões".

De início cumpre registrar que a utilização de dados institucionais do *Campus* Pau dos Ferros do IFRN foi devidamente autorizada pela Reitoria do IFRN e pela Direção-Geral do *campus*. Para além dos dados institucionais, a Direção-Geral também autorizou a realização de entrevistas e aplicação de

---

<sup>23</sup> O Google Forms é uma plataforma gratuita disponibilizada pela Google que possibilita a criação de formulários online.

questionários aos atores institucionais participantes, a saber: estudantes, docentes e representantes da gestão. Essa autorização está juntada aos anexos.

Ressalte-se que, conforme o Código Deontológico da Associação Portuguesa de Sociologia (1992, p. 9),

É dever dos sociólogos procurar evitar que da recolha, utilização e divulgação da informação decorram prejuízos para quem as presta ou para aqueles acerca de quem a informação é prestada. Devem, nomeadamente, salvaguardar o direito das pessoas da privacidade e do anonimato, bem como respeitar a confidencialidade de informações e resultados, em todas as situações em que ela tenha sido acordada.

Nessa perspetiva, aos estudantes regularmente matriculados e docentes em exercício, foi garantido o anonimato. Em nenhum momento foram identificados pessoalmente nos questionários. Quando se queria saber a imagem que os estudantes dos outros cursos teriam dos estudantes e do curso de Apicultura, inicialmente a intenção era identificar o curso de quem estava respondendo. Com esse dado seria possível saber a opinião dos estudantes de Informática e de Alimentos separadamente. Contudo, a divulgação desses dados dessa forma poderia, de algum modo, contribuir para criar ou reforçar eventual rivalidade entre os estudantes desses cursos. Para que essa situação fosse evitada, a decisão foi também por não identificar o curso. Foi utilizada apenas a abreviação "EO" para referência aos estudantes de outros cursos.

Quando da aplicação dos questionários, diversos estudantes questionaram exatamente se os alunos de Apicultura saberiam que quem estava respondendo estudava Alimentos ou Informática. A pergunta por si só já demonstra que a opção por não identificar o curso dos respondentes foi acertada. Ressalta-se que a participação dos estudantes foi facultativa, podendo a seu critério optar por não responder ao questionário.

Igualmente, no caso dos docentes, poder-se-iam categorizar os respondentes entre os que atuam diretamente no curso de Apicultura e os que não atuam. Mais uma vez, a opção foi pela não identificação ou categorização. Esse anonimato acaba por garantir que o respondente possa externar sua opinião, dizer o que realmente pensa, sem que tenha de lidar com qualquer inconveniente em razão disso.

No caso das entrevistas aplicadas aos ex-alunos, também foi garantido o anonimato. Os dois participantes assinaram Termos de Consentimento Informado, no qual declaram ter conhecimento dos objetivos da entrevista, da pesquisa e autorizam a captação dos áudios. Esses termos não foram juntados ao trabalho, já que identificariam os entrevistados.

No que se refere ao coordenador do curso de Apicultura e à diretora acadêmica, não foi possível garantir o anonimato, já que ocupam funções específicas, sendo fácil identificá-los. Com relação aos membros da equipe pedagógica, com o critério de seleção de participante adotado, fácil também seria a sua identificação. Todavia, todos foram esclarecidos dessa particularidade e de que as informações fornecidas seriam utilizadas, exclusivamente, para fins de pesquisa. Todos concordaram em participar das entrevistas e autorizaram tanto a captação dos áudios quanto a divulgação do seu conteúdo. Ainda que seja claramente possível a identificação desses participantes, também não foram juntados os termos de consentimento, tampouco foram identificados no corpo do texto por seus nomes e sim pelos respectivos cargos ou funções que desempenham.

A dimensão ética não é questão secundária ou meramente procedimental. Trata-se, antes, de um olhar acerca de um conjunto de valores que devem estar presentes em todos os passos de qualquer investigação, como requisito de validade. E é nessa perspectiva, com esse olhar, que essa dimensão foi respeitada em todo o percurso de investigação.

Não são raros os casos em que a falta de preocupação, ou o mero descuido com as questões de natureza ética, acaba por comprometer não só a investigação científica, mas também a intimidade daqueles que se dispuseram a cooperar com determinado estudo sob o compromisso de que suas identidades seriam preservadas. Ressalte-se, que todos os entrevistados, sobretudo os que ocupam cargos de gestão no *Campus* Pau dos Ferros do IFRN, informaram não ter qualquer restrição quando a divulgação de suas identidades. Ainda assim, foram adotadas estratégias para não mencionar seus nomes.

**Capítulo IV**  
**ANÁLISE DOS DADOS**

## 1. Questões iniciais

Toda investigação é definida pelos limites, escolhas, apreciações, percepções do investigador. É possível, sobretudo no campo das ciências sociais, que investigadores, ao se debruçarem sobre o mesmo dado coletado, cheguem a conclusões diferentes. Tendo isso com premissa, não há neste trabalho a pretensão de responder todos os questionamentos que possam surgir da análise do tema ora estudado. Em razão disso, são compreensíveis e aceites percepções diversas das apresentadas aqui.

Cumprido esclarecer que não se definiu uma hierarquia ou cronologia para apresentação e análise dos dados. Portanto, em dado momento, podem-se intercalar ou não os dados coletados das mais diversas fontes, mas que tratem das mesmas questões.

O problema inicial que merece ser tratado remete ao título do presente estudo e, evidentemente, ao seu objetivo geral. Em razão disso, há que se esclarecer desde logo se há uma convergência entre a estratégia institucional do IFRN e as estratégias individuais dos estudantes do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura, ofertado pelo *Campus* Pau dos Ferros.

Para conhecer a estratégia institucional, recorreu-se aos documentos normativos formais do IFRN, em especial o PPP e o PPC do Técnico em Apicultura. Esses dados foram trabalhados no capítulo II do presente estudo. Para além disso, não é difícil supor as intencionalidades de uma escola que oferta cursos técnicos profissionalizantes. Num olhar apenas superficial, afirmar-se-ia que, ao optar pela oferta de educação profissional, se espera que o estudante egresso desses cursos ocupe um determinado espaço no mercado de trabalho e exerça a profissão para a qual foi capacitado durante todo o processo formativo. Como dissemos, no caso do IFRN, isso está perfeitamente contemplado nos documentos institucionais e no projeto nacional de expansão da Rede Federal de Educação Profissional. O ingresso dessa mão-de-obra recém qualificada no mercado de trabalho seria o fator a impulsionar o desenvolvimento económico regional, alicerçado nas potencialidades ou vocações locais.

Também se buscou conhecer as estratégias institucionais a partir das falas de outros atores: Diretoria Académica do *campus* estudado, coordenação do Curso Técnico em Apicultura e Equipe Técnico-Pedagógica. Entendemos que as intencionalidades institucionais não estão apenas nos documentos, mas também nas ações de seus gestores e demais atores do fazer institucional.

## 2. Apresentação dos dados

Ao ser questionado sobre o objetivo do curso de Apicultura, o coordenador do curso afirmou que

Pelo nosso PPC (Projeto Pedagógico do Curso), tá como objetivo formar um profissional que atue na área de colheita, processamento, análise de mel e produtos apícolas e, nesse meio de campo aí, que ele faça também a parte de manejo de apiários, de assistência técnica, de acompanhamento de produtores. [...] Assim, agora já falando pessoalmente, acho que deveria focar mais no que dá maior empregabilidade que seria o acompanhamento de apicultores, porque assim, não só aqui no Rio Grande do Norte, mas em todo o Nordeste, os apicultores tem essa grande necessidade de um acompanhamento técnico, até porque a maioria deles tem uma escolaridade muito menor do que a maioria dos nossos meninos. Então, existe um nicho de mercado muito grande para isso.” (Entrevista com coordenador do curso de Apicultura, Apêndice 5).

Discorrendo sobre a decisão institucional de ofertar o curso de Apicultura, a diretora acadêmica do *Campus* Pau dos Ferros do IFRN reforça os argumentos contidos no PPC ao afirmar que

Foi a partir do grande número de apicultores que a gente sabia que tinha na região, em toda a região e assim, a falta de mão-de-obra, a reclamação que a gente ouvia extraoficialmente, relatos de pessoas até de alguns alunos que tinham pais que trabalhavam com isso, alunos dos outros cursos. E aí a gente percebia que não tinha ninguém de fato, nenhuma instituição, a não ser na UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido), mais próximo que trabalhasse com isso. Então a gente entendeu naquele momento que era uma necessidade de atuação para toda a região. (Entrevista com diretora acadêmica, Apêndice 7).

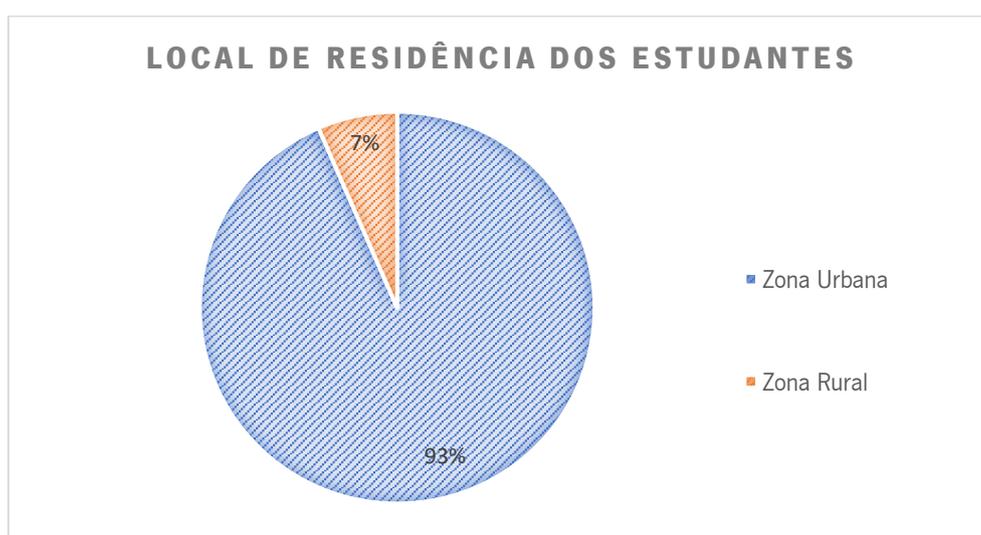
Pelo posicionamento da diretora acadêmica, compreende-se que a decisão político-institucional pela oferta do curso de Apicultura veio de uma demanda da região por esses profissionais. Essa demanda, identificada a princípio extraoficialmente, foi consolidada e devidamente fundamentada no PPC, que abordou as questões mais técnicas, desde o concreto mapeamento de uma área econômica promissora.

E quanto aos estudantes? Qual a sua estratégia pessoal/profissional/acadêmica? O que os motivou para ingressar no IFRN? A resposta mais simples e óbvia seria: obter formação técnico-profissional que os habilite para o ingresso no mercado de trabalho. Não fosse assim, mais prudente seria optar pelo ensino médio regular, ofertado nas redes pública e privada de ensino. Para confirmar ou não essa percepção inicial acerca das estratégias dos estudantes é que foi aplicado o primeiro instrumento de coleta de dados. Foi utilizado um questionário para recolha de opinião escrita, com 10 (dez) questões, o que constituiu a primeira parte de caracterização da amostra, cujos dados poderiam

ser utilizados ou não, a depender dos avanços na recolha de dados oficiais institucionais de caracterização social dos estudantes do *campus*. A segunda parte centrou-se nas questões abertas, que focalizavam os problemas centrais da investigação.

Apesar de já termos apresentado diversos dados de caracterização dos estudantes de Apicultura no segundo capítulo, alguns também foram coletados especificamente na amostra selecionada para aplicação do questionário. De início, dentre as questões direcionadas aos estudantes matriculados no último ano letivo de Apicultura, pela natureza do curso, relacionado às atividades rurais/primárias, optou-se por inquirir os estudantes sobre o seu local de moradia. As respostas obtidas foram as do gráfico abaixo.

**Gráfico 3** - Distribuição dos estudantes do *Campus* Pau dos Ferros por local de residência



Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos na instituição.

As respostas esclarecem, ainda que o perfil do curso possa não sugerir, que a maioria absoluta dos estudantes concluintes do curso de Apicultura tem residência na Zona Urbana. Já se observa aí, ao menos de forma aparente, um distanciamento do ambiente relacionado ao curso. Os estudantes também foram questionados sobre suas escolas anteriores (tabela 11). As respostas para esse questionamento podem ajudar a compreender, de algum modo, suas origens sociais<sup>24</sup>.

<sup>24</sup> O ensino público regular ofertado pelas redes de ensino estaduais no Brasil tem obtido resultados bem inferiores aos da rede privada. Esse fato tem levado os pais com maior poder aquisitivo a matricularem seus filhos em instituições privadas.

**Tabela 11** - Escolas anteriores dos estudantes concluintes do curso de Apicultura

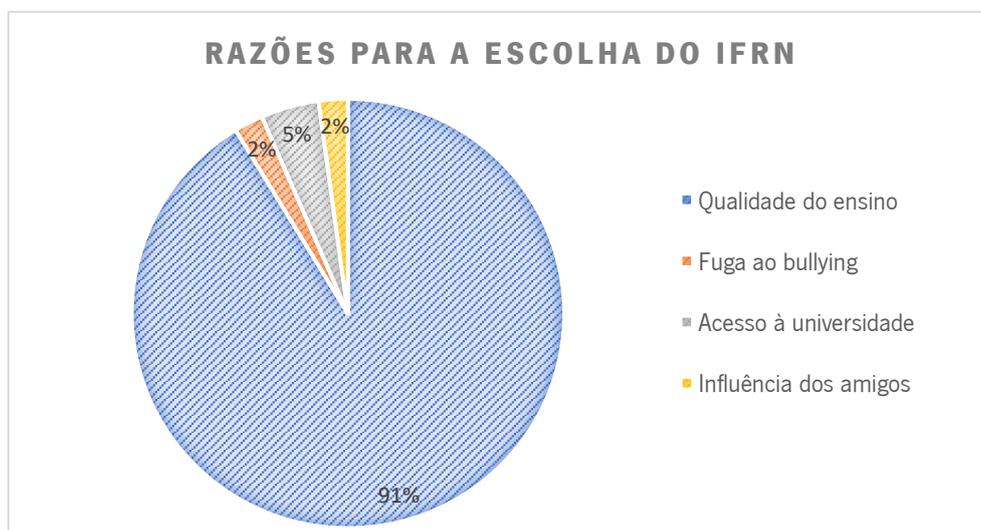
<b>Resposta</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
Públicas e privadas	7	15,2%
Somente públicas	34	73,9%
Somente privadas	5	10,9%
Total	46	100%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos na instituição.

O fato de grande parte dos estudantes ser oriunda de escolas públicas, além de revelar o caráter social da expansão do ensino profissional no Brasil nos últimos anos, está intimamente ligado às políticas afirmativas de inclusão do Instituto Federal. Os critérios de seleção, já abordados no capítulo II deste estudo, favorecem o ingresso de estudantes de baixa renda, vindos de escolas públicas.

Conhecidos os locais de residência e as escolas anteriores desses estudantes, avançamos para descobrir as razões que os levaram a escolher o IFRN, uma instituição de educação profissional em detrimento das escolas de ensino propedêutico regular, cujo ensino médio poderia ser concluído em menor tempo. Eis as respostas:

**Gráfico 4** - Razões pela escolha do IFRN



Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos na instituição.

As respostas não surpreendem dado o prestígio de que não só o IFRN, mas toda a Rede Federal goza perante a sociedade. Esse prestígio está relacionado a diversos fatores, desde o quadro de pessoal que é extremamente qualificado, com grande parte dos docentes com mestrado e doutorado, até a infraestrutura que certamente não estaria disponível na rede pública estadual de ensino. Pacheco (2010, p. 21), ao falar sobre os Institutos Federais, assegura que

Os espaços constituídos, no tocante às instalações físicas dos ambientes de aprendizagem, como salas de aulas convencionais, laboratórios, biblioteca, salas especializadas com equipamentos tecnológicos adequados, as tecnologias da informação e da comunicação e outros recursos tecnológicos são fatores facilitadores para um trabalho educativo de qualidade, que deve estar acessível a todos.

Os estudantes reafirmam esses pontos de vista ao responder por que escolheram o IFRN:

Pela qualidade de ensino, não existe na escola de ensino médio público do meu município. (EA2, Apêndice 1).

Por ser uma grande oportunidade, já que onde moro o ensino não é dos melhores (EA23, Apêndice 1).

Porque é uma instituição que oferece uma educação de qualidade, visto que, meus pais não poderiam ofertar uma tão boa quanto (EA32, Apêndice 1).

Porque o ensino é melhor se comparado a outras escolas de Pau dos Ferros (EA27, Apêndice 1).

Apesar disso, causa certo estranhamento que nenhum dos 46 estudantes tenha mencionado o interesse em adquirir uma formação técnico-profissionalizante ou que buscou o IFRN com intuito de adquirir uma colocação no mercado de trabalho. Não aparece nas respostas dos estudantes, ao menos para a escolha do IFRN, nada que faça clara referência aos objetivos institucionais dessa oferta formativa.

No questionamento seguinte, mais específico, os estudantes foram interrogados acerca das razões para a escolha do curso de Apicultura. As respostas recolhidas foram tabuladas e estão organizadas na tabela a seguir:

**Tabela 12** - Razões pela escolha do curso de Apicultura

<b>Razões</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>	<b>Transcrições de frases exemplo</b>
Concorrência (fácil acesso)	20	43,48%	<p>“por que geralmente o curso de apicultura é menos concorrido, e tinha medo de não ser aprovada caso optasse por outro curso” (EA2, Apêndice 1).</p> <p>“Por achar uma alternativa mais fácil para ingressar no IFRN Campus Pau dos Ferros” (EA19, Apêndice 1).</p> <p>“Na época por pensar que seria fácil de entrar (concorrência)” (EA25, Apêndice 1).</p>
Identificação com o curso	10	21,74%	<p>“Eu escolhi o curso porque eu identifico-me nele” (EA28, Apêndice 1).</p> <p>“Me interesse pela aplicação da apicultura no ramo da cosmética” (EA14, Apêndice 1).</p>

Por eliminação (não gostarem dos outros cursos)	7	15,22%	“Porque dentre os outros, foi o que mais me chamou a atenção (ou seja, era o menos pior)” (EA15, Apêndice 1) “Os outros não me interessavam”. (EA45, Apêndice 1). “Por não sentir interesse nas outras opções” (EA3, Apêndice 1).
Influência dos amigos	5	10,87%	“Por indicação de amigos” (EA41, Apêndice 1). “Por recomendações dos meus amigos que o escolheram” (EA26, Apêndice 1).
Curiosidade	2	4,35%	“Era um curso que eu tinha vontade e tinha curiosidade de aprender sobre” (EA4, Apêndice 1). “Eu tinha muita curiosidade de saber como o curso era” (EA27, Apêndice 1).
Futuro profissional	2	4,35%	“Pelo simples fato de que eu quero fazer medicina veterinária” (EA43, Apêndice 1). “Como quero fazer agronomia, escolhi apicultura” (EA24, Apêndice 1).
Total	46	100%	-

Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos na instituição.

Ao tratar do mesmo tema, sobre a opção dos estudantes pelo curso, o coordenador do curso de Apicultura reforça:

eu fui vendo no decorrer dos anos, primeiro pelo fato de entrar numa escola de qualidade, que é o instituto federal, e as vezes pela questão da pouca concorrência, outras vezes, por incrível que pareça, pela não identificação com os outros dois cursos (informática e alimentos). Nos últimos dois anos eu tenho conduzido muitos projetos integradores para tratar sobre esse assunto: por que o aluno entra aqui? Para o meu espanto, não é porque a concorrência é menor, melhor dizendo, não é só porque a concorrência é menor, mas é porque ele não se identifica com os outros dois cursos. Assim, eu não me identifico com alunos porque penso que alimentos eu vou trabalhar preparando comida, informática eu vou trabalhar consertando computadores, então, se não gosto de nenhum dos dois, eu vou para a apicultura. (Entrevista com coordenador do curso de apicultura, Apêndice 5).

De fato, os dados da tabela 12 corroboram com a análise da coordenação do curso, já que 58,7% dos estudantes concluintes de Apicultura responderam que escolheram o curso em razão da baixa concorrência, o que facilitaria o acesso ao IFRN, ou pela não identificação com os outros cursos.

Já o membro da Equipe Técnico-Pedagógica, ao abordar a questão, reconhece que a escolha do curso de Apicultura tem sido motivada sobretudo pelo sentimento de que seria mais fácil o acesso ao IFRN. No entanto, traz à baila uma importante reflexão: a frustração decorrente desse tipo de escolha

como um fator que pode comprometer o rendimento acadêmicos desses estudantes. De acordo com o entrevistado,

o curso de apicultura tem sofrido é aquele estigma de ser primeiro um curso, o menos concorrido e que em alguns anos tem mudado. No ano passado ele não foi o menos concorrido. Eu acho que até porque se popularizou tanto isso que as pessoas fazem, inclusive ontem, não tentando fugir da situação, eu recebi o telefonema de alguém que me consultava dizendo: olha, eu fiquei sabendo que as inscrições estão abertas, eu queria saber de você qual era o curso menos concorrido para meu filho entrar e depois eu mudar, porque ele quer informática. E assim, as vezes o curso de apicultura tem tido esse estigma, de ser um curso fácil de entrar e aí quando as pessoas entram e até não tem condição de mudar, começa a haver uma frustração. Esse espírito de frustração também as vezes tem afetado o rendimento dos alunos” (Entrevista com membro da Equipe Técnico-Pedagógica, Apêndice 6).

Essa questão da não identificação com o curso também foi tratada em entrevistas realizadas com ex-alunos do curso de apicultura. Um dos ex-estudantes, ao ser questionado(a) sobre o que a instituição poderia fazer para corrigir o problema, deu a seguinte resposta:

Ah, pela qualidade do instituto, essa opção de fazer no IFRN. Tem uma estrutura melhor, você tem, você pode fazer ensino, pode fazer pesquisa, pode fazer extensão, mas a, talvez algo que o instituto poderia fazer era dar a opção de não fazer o técnico, mas embora seja uma escola técnica. (EXA1, Apêndice 4).

É notório que uma instituição de ensino voltada para educação profissional não deve cogitar a oferta apenas do ensino médio, sob pena de inviabilizar sua razão de existir. Não se vai para uma faculdade de Direito para cursar Medicina, assim também não se pode querer que uma “escola técnica” não ofereça cursos técnicos.

Tratando da não identificação dos estudantes com o próprio curso, outro ex-aluno entrevistado relata que:

É questão de interesse. Tem muita gente, o pessoal de apicultura que entra no IF, eles têm pouco interesse, eles têm mais interesse no ensino. [...] Na qualidade do ensino do IF, não é tanto no curso. O maior defeito que eu acho do pessoal que faz apicultura é justamente esse. Que eles visam mais o ensino (médio) e não o curso (técnico). [...] Poderia ser qualquer curso, eles só querem o ensino médio. [...] A maioria, sem dúvida, 95% não quer o curso de apicultura, não se identifica. (EXA2, Apêndice 4).

Realmente há uma disparidade entre a qualidade do ensino ofertado na rede estadual em comparação com as instituições federais e o ensino privado. Oliveira (2018, p. 37), ao comparar o desempenho médio dos estudantes do Brasil no Pisa de 2000 a 2015 e apontar um “alto percentual de alunos nos níveis mais baixos nas escalas de proficiência em leitura, matemática e ciências”, ressalta

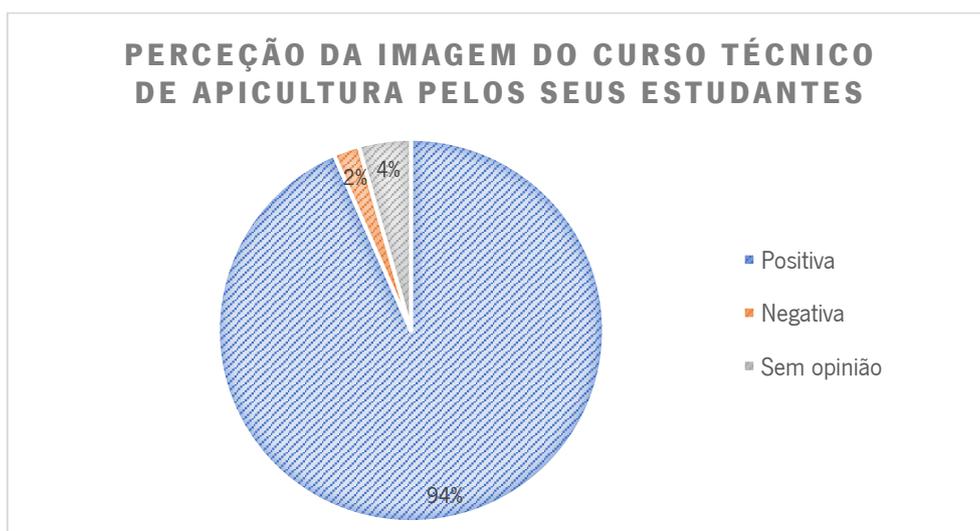
que “os desempenhos médios dos estudantes nas escolas públicas federais e nas escolas particulares atingiram as mesmas faixas de níveis de proficiência alcançadas por alunos de países da OCDE”.

Esse fato acaba estimulando os estudantes, sobretudo os que não têm condições de arcar com despesas com ensino privado, a buscar o ensino médio de qualidade nas instituições federais. Nessa perspectiva, o curso técnico passa a ser, na visão de vários desses estudantes, apenas fardo que se tem de carregar. Dada a delimitação do presente estudo, não há como afirmar que esse problema não se repete com os outros cursos técnicos ofertados no *campus*.

A princípio, ainda antes da coleta de qualquer dado empírico, havia-se levantado a hipótese de que esse “estigma”, de certa inferioridade, mencionado pelo membro da Equipe Técnico-Pedagógica poderia ser uma das explicações, talvez a mais forte, pelo aparente distanciamento entre os interesses dos estudantes de Apicultura e as estratégias institucionais. Em razão disso, também se buscou conhecer que imagem esses estudantes fazem do curso. Essa opinião também foi coletada de outros atores institucionais: professores, membros da gestão, estudantes dos outros cursos, além de ex-alunos.

Dadas as questões já apresentadas no que se refere às razões para a escolha do curso, as respostas dos estudantes de Apicultura causaram certa surpresa, na medida em que a grande maioria tem uma imagem muito positiva do curso, conforme dados apresentados a seguir.

**Gráfico 5** - Percepção da imagem do curso de Apicultura



Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos na instituição.

É interessante que essa imagem positiva parece apontar para uma identificação com o curso, o que de certo não havia quando do ingresso desses estudantes, como se constatou nas respostas anteriores. Os docentes que responderam aos questionários também compartilharam dessa imagem positiva, relacionando-a, sobretudo, aos interesses institucionais formalizados no seu projeto pedagógico.

Um dos docentes questionado sobre a imagem que faria do curso de Apicultura respondeu:

O curso de Nível Médio Integrado de Apicultura é um curso que claramente explora uma potencialidade econômica e ambiental local, oferecendo aos alunos a possibilidade de introduzir-se numa atividade econômica concomitantemente ou ao fim do curso. Em nossa região, certamente há uma potencialidade econômica para essa prática, e o curso explora essa demanda ou potencial regional: o curso oferece inúmeras perspectivas de inserção no mercado de trabalho, seja no sentido de elevar a prática da apicultura já praticada na região a um novo nível de excelência através de métodos científicos, seja no sentido de explorar toda a gama de produtos apícolas, que é uma dimensão que o curso permite aos alunos vislumbrar. Nesse sentido, o curso visa contribuir com o desenvolvimento econômico a um nível local e regional. (Recolha de opinião D22, Apêndice 3).

Outros docentes, apesar de terem uma imagem positiva e reconhecerem a importância do curso, relatam que a maioria dos estudantes egressos não pretendem atuar na área:

É um curso muito bom para nossa região, pois somos uma região agrícola com terras de difícil cultivo pela ausência constante de água e nesse cenário a criação de abelhas possibilita uma renda boa para o trabalhador do semiárido. Só lamento que a maioria de nossos alunos não tem como foco o trabalho na área. (Recolha de opinião D1, Apêndice 3).

Muito embora o curso de Apicultura demonstre tamanha importância, muitos estudantes não o valorizam em detrimento aos demais cursos. O que acontece é a falsa impressão de que o referido curso é inferior aos outros e que não há mercado de lucro imediato na região. Muitos estudantes acabam se evadindo e não valorizando a oportunidade que possuem. Outros terminam o curso e ingressam em áreas distintas. (Recolha de opinião D6, Apêndice 3).

A diretora acadêmica, ao ser questionada sobre a imagem do curso, asseverou que essa eventual percepção negativa decorre do fato de o curso de Apicultura ter iniciado suas atividades depois dos outros dois cursos já ofertados no *campus*; mencionou, ainda, o fato de a demanda inicial ter sido inferior aos demais:

Eu não vejo diferença com relação ao curso, até porque acho que isso terminou se criando e para mim isso teve início lá anteriormente no primeiro ano, quando a procura foi menor, então para eles, daquele primeiro ano criou-se: Ah é um curso que é, abro aspas, inferior ou que tem uma qualidade menor do que os outros, mas na verdade isso não aconteceu, tanto não tem, o projeto pedagógico, nas suas disciplinas propedêuticas, por exemplo, são semelhantes, são iguais a alimentos e informática. As disciplinas técnicas nós temos os profissionais, hoje temos com exceção de dois que são mestres, os outros são doutores.

[...] o filho caçula que a gente termina judiando mais. Então em alguns momentos também fizeram isso, mas isso já aconteceu com relação a informática e apicultura, essa briga interna entre eles de achar que o curso é inferior ou não. Mas assim, institucionalmente tem todas as condições semelhantes aos outros. (Entrevista com Diretora Acadêmica, Apêndice 7).

Nota-se nas opiniões recolhidas que as menções a uma possível imagem negativa do curso de Apicultura estariam mais relacionadas às rivalidades triviais que ocorrem entre os cursos ofertados na instituição. Existem também outras questões envolvidas, tais como a desvalorização histórica das atividades relacionadas ao meio rural; o fato de o curso de Apicultura ter sido o último curso técnico de nível médio integrado a ser ofertado pelo *Campus* Pau dos Ferros; o fato de a concorrência inicial para o curso ter sido menor que a dos outros dois cursos. Ocorre que os próprios estudantes de Apicultura, em suas respostas, não aparentam ter grande preocupação com isso. Ainda assim, o coordenador do curso não desconsidera essa questão e acredita que é uma das razões para que os estudantes não queiram atuar como técnicos de Apicultura:

Não é uma coisa exclusiva do Rio Grande do Norte, da região do Alto-Oeste Potiguar. Trabalhar com agrárias é um preconceito total que você vai ter em qualquer local, não só aqui. Quando a gente vai falar de IFRN, campus Pau dos Ferros, o próprio aluno de apicultura, não sei por que isso acontece, ele se deixa muito ser rebaixado, se deixa levar por esse preconceito. O que é dito, até por colegas mesmo, que o aluno de apicultura é mais fraco que o aluno de informática, é mais fraco que o aluno de alimentos e o próprio aluno de apicultura se deixa levar por esse preconceito. [...] quando você termina o quarto ano o que tem pela frente? Vou continuar nessa linha, sofrendo preconceito da minha família e da sociedade, ou vou ser médico? Por que médico todo mundo olha e diz: Ele tá feito na vida, tá resolvido na vida. Então a quantidade de alunos que me procuram em busca de informações sobre cursinhos em Fortaleza, Capital do Estado do Ceará, porque ele quer tentar medicina é muito grande. (Entrevista com o Coordenador do Curso de Apicultura, Apêndice 5).

A Direção Acadêmica discorda desse ponto de vista ao afirmar que esse preconceito relatado pelo coordenador do curso não é determinante para a decisão do estudante de seguir ou não na área de Apicultura. De acordo com a diretora acadêmica, o estudante já tem um plano muito claro ao entrar no IFRN:

Não, não acho que seja determinante. Porque, como eu disse, para mim ele já chega sabendo que não quer seguir na área. Ele pode desmotivar para ele ser assim, um aluno aplicado. De dizer assim, a gente já é visto como aluno preguiçoso mesmo, isso aqui eles até repetem. Mas, de seguir na área não, porque eles já chegam com isso muito claro, que

não querem seguir na área técnica. (Entrevista com Diretora Acadêmica, Apêndice 7, grifo nosso).

Na mesma linha da diretora acadêmica, o representante da Equipe Técnico-Pedagógica responde que esses estudantes procuram o IFRN:

Porque nós garantimos uma boa, você sabe dessa resposta, você quer que eu diga. Porque a gente garante, no final das contas, uma boa formação de nível médio. Isso eu acho que é quase que consensual de todos que estão aqui. Eu quero entrar no instituto federal porque eu vou ter uma formação no final que vai me garantir um espaço e uma possibilidade de ir para qualquer lugar, concorrer em qualquer universidade, no ENEM (EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO) no caso aqui, e eu passar no curso que eu quero. Então há esse fenômeno que a gente não pode ignorar. [...] Mas eu quero só dizer, para não dar a impressão de que é só um fenômeno de apicultura, a gente já tem visto isso em todos os cursos aqui, os três. E todos os cursos têm um grande número de alunos que não querem prosseguir no curso. (Entrevista com membro da Equipe Técnico-Pedagógica, Apêndice 6).

Qual seriam, enfim, as perspectivas dos estudantes de Apicultura ao concluir seu curso técnico? Esse questionamento foi direcionado para todos os estudantes concluintes do curso em 2019, e as respostas estão organizadas na tabela 13. Interessa destacar que, na organização das respostas, foi dado especial destaque para os estudantes que expressamente disseram não ter interesse em atuar profissionalmente na área de Apicultura. Em razão disso, as respostas foram classificadas em: 1- Pretende atuar profissionalmente no setor de Apicultura; 2- Não pretende atuar profissionalmente no setor de Apicultura; 3- Pretende seguir para uma universidade; 4- Sem opinião. Pelas respostas obtidas no item 3, também seria possível concluir que esses estudantes igualmente não pretendem atuar como técnicos de Apicultura. No entanto, como mencionaram especificamente o desejo de ingressar nas universidades, essa categorização foi mantida.

**Tabela 13** - Perspetivas dos estudantes ao final do curso de Apicultura

<b>Perspetiva</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>	<b>Transcrições de frases exemplo</b>
Pretende atuar profissionalment e no setor de apicultura	8	17%	“Tentar conseguir um emprego, ou até mesmo abrir um apiário com a minha família”. (EA43, Apêndice 1). “Pretendo colocar um negócio relacionado a apicultura”. (EA45, Apêndice 1). “Se possível conseguir um emprego na área”. (EA44, Apêndice 1).
Não pretende atuar profissionalment	14	30%	“O curso superou minhas expectativas, no entanto não me sinto apta a seguir com a profissão devido a deficiência de prática.” (EA33, Apêndice 1).

e no setor de apicultura			“Não seguirei na área da apicultura por me identificar mais com outra área”. (EA38, Apêndice 1) “Não pretendo me tornar apicultor”. (EA41, Apêndice 1)
Pretende seguir para uma universidade	21	46%	“Quero ingressar na faculdade de psicologia e depois cursar moda”. (EA14, Apêndice 1) “Eu quero seguir na área de medicina”. (EA28, Apêndice 1) “Entrar em uma universidade federal para o curso de medicina”. (EA15, Apêndice 1)
Sem opinião	3	7%	-
Total	46	100%	-

Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos na instituição.

Os dados apresentados na tabela 13 são certamente de extrema relevância para a presente investigação. Apenas 17% dos estudantes concluintes do curso de Apicultura pretendem atuar profissionalmente no setor de Apicultura. Com essa informação questionamos a Equipe Técnico-Pedagógica se a oferta do curso de Apicultura não perde o sentido. A resposta obtida foi a seguinte:

Sim, sim. A princípio sim. Essa é uma discussão que a gente está pisando em ovos. Porque, por exemplo, eu fico pensando aqui no tempo do Fernando Henrique Cardoso (presidente do Brasil de 1994 a 2002), que ele homologou o decreto 2208 que dividiu o ensino médio da educação profissional e a justificativa dele era justamente essa. Quer dizer, ele tinha estatísticas dizendo que a maioria, a maioria mesmo dos alunos que frequentavam as escolas técnicas, os CEFET 's, eles passavam por ali, mas não prosseguiram os estudos na área. Ai isso é delicado porque eu acredito enquanto educador que se eu for buscar uma visão pragmática, eu concordaria em dizer assim: nós estamos perdendo tempo, isso perde o sentido. Mas eu acho que a gente tem que pensar além da pragmática. Nós estamos oferecendo um curso, esse curso é um curso de excelência, em que nos revezes da vida, um cara desse, mesmo que não queira, por exemplo, prosseguir, mas de repente ele precise disso, ele tem isso na manga. Ele tem esse curso, tem essa preparação, tem essa habilitação na manga. Então assim, a gente pensa muito mais nessa questão mais ampla, do que nas questões mais específicas, porque aí a gente vai entrar em outros detalhes que reforçam um discurso pragmático que a gente quer distância (Entrevista com membro da Equipe Técnico-Pedagógica, Apêndice 6).

Claramente a proposta do ensino integrado possibilita que o estudante egresso possa prosseguir seus estudos, e essa não é a questão nem um ponto negativo, pelo contrário. A contradição está na negação da formação técnico-profissionalizante. É um investimento muito significativo na contratação de

professores, na construção de laboratórios para que o curso técnico seja apenas uma opção ao concluir o curso. Onde fica o desenvolvimento regional previsto no PPC? A instituição não estaria falhando?

Falha. A gente fica frustrado. Não é que a gente falha, mas a gente se sente frustrado. A frustração foi de uma proposta que potencializasse um arranjo produtivo local e social, que eu acredito que tenha aqui, que tem o potencial para isso, mas de repente essa mensagem ainda não foi introduzida. (Entrevista com membro da Equipe Técnico-Pedagógica, Apêndice 6).

A Diretoria Acadêmica também foi questionada sobre esse descompasso entre as estratégias institucionais e o interesse dos estudantes em não atuar na área de Apicultura. Eis a resposta:

a minha avaliação os institutos federais hoje vivem uma crise de identidade. A minha perspectiva não é no curso de apicultura, se você aplicar esse mesmo questionário no curso de alimentos, de informática. Se você for em Apodi, em Natal, grande parte desses alunos vão responder a mesma coisa. Assim, com algumas exceções e aí não é do curso x ou y, são de pessoas mesmo, essas pessoas hoje buscam, e a nossa região também que não tem, procuram cursar o ensino médio de qualidade. Isso eles encontram aqui, então assim, essa questão do ensino profissional é, no meu ponto de vista, a gente tem essa crise de identidade tremenda porque os alunos querem fazer o ensino médio, tanto que, em um momento anterior quando não teve certos parâmetros para certificação do ensino médio, logo quando iniciou... existia uma debandada, porque o que eles querem é, digamos assim, um degrau para a universidade. E aí eu não vejo, particularmente, enquanto Diretoria, ou de forma isolada, ou no curso de Apicultura... que medidas a gente possa fazer para isso. Isso é muito comum em todos os cursos do IFRN e, ousado dizer, de todas as escolas técnicas que a gente tem da rede federal hoje. Pelo menos no Rio Grande do Norte, que é a realidade que eu conheço, isso é muito comum. (Entrevista com Diretora Acadêmica, Apêndice 7, grifo nosso).

Esse verdadeiro impasse institucional, de algum modo, coloca em cheque o sentido, a razão de existir do próprio curso. De que vale toda essa formação técnica oferecida se, pelo que se observa, ela não será empregada na consecução dos objetivos do próprio curso? Questionado sobre isso, o coordenador do curso de Apicultura mostrou-se esperançoso de que no futuro esses estudantes ainda retornem para a região a fim de atuar como técnicos:

Eu imagino isso, dar a contribuição para a sociedade de estar formando um técnico. Eu tenho essa expectativa, se não morrer com o passar dos anos, quando eu me formo eu acho que o nível superior (graduação) vai resolver a minha vida, então eu ainda tenho essa esperança que o egresso do superior, volte para a nossa realidade e veja que o técnico pode contribuir as vezes até mais que o superior dele. Eu ainda espero por esses egressos, a gente formou a primeira turma em 2015, tá muito cedo ainda. Mas eu tenho muita ansiedade, para que esses alunos voltem para a nossa realidade e vejam que o curso

técnico que eles fizeram não foi em vão. (Entrevista com Coordenador do Curso de Apicultura, Apêndice 5).

Para fechar o ciclo dos atores envolvidos no processo, sobretudo no que se refere às possíveis associações negativas relacionadas aos estudantes e ao próprio Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura, também foram coletadas as percepções dos estudantes dos demais cursos técnicos de nível médio ofertados pelo *campus*. O instrumento de coleta de dados foi aplicado à totalidade dos estudantes do quarto e último ano dos Cursos Técnicos de Nível Médio Integrado em Alimentos e Informática. Foram obtidas 106 respostas. No tratamento desses dados, optou-se por dar especial atenção às percepções desses estudantes acerca do potencial econômico e social do curso de Apicultura. Para essa perspectiva, as respostas foram classificadas em positiva, negativa e sem opinião. Os resultados são apresentados na tabela abaixo.

**Tabela 14** - Percepções dos estudantes dos cursos de Informática e Alimentos sobre o curso de Apicultura

<b>Percepções</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>	<b>Transcrições de frases exemplo</b>
Positiva	77	73%	<p>“É importante principalmente para a nossa região, já que estudos mostram dados tanto de exportação quanto consumo no país, são altos o que agrega valores na economia” (E08, Apêndice 2).</p> <p>“Um curso importante para valorizar a cultura da região, as abelhas e mel que produzem. Trazendo ensinamentos e oportunidade de acesso a uma nova profissão” (E012, Apêndice 2).</p> <p>“É um curso que traz um conhecimento importantíssimo para os alunos do Campus, pois a atividade apícola é um ramo que vem crescendo bastante nos últimos anos e é uma ótima opção tanto para quem deseja ser apicultor para se manter economicamente, pois é rentável, quanto para quem deseja se aprofundar no campo do conhecimento, pois cada vez mais pesquisas vêm trazendo novidades e inovações sobre a apicultura, e isso é muito bom, pois ajuda bastante no desenvolvimento da região” (E019, Apêndice 2).</p>
Negativa	15	14%	<p>“pensando pelo lado do mercado de trabalho, nossa região não dispõe de oportunidades para</p>

			a área. Pode-se dizer que para nossa região é um curso sem retorno” (EO21, Apêndice 2). "acaba sendo um curso de certa forma menos bem visto e conseqüentemente gerando um certo grau de desvalorização. Mas, acaba que para o mercado de trabalho o curso deixa a desejar em relação aos outros” (EO41, Apêndice 2). “não vejo o curso de Apicultura como uma garantia profissional, diferente dos cursos de Alimentos e Informática, onde pós conclusão, o mercado trabalho é extenso” (EO104, Apêndice 2).
Sem opinião	14	13%	-
Total	106	100%	-

Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos na instituição.

Foram categorizadas como sem opinião as respostas das quais não foi possível aferir aspectos acerca do potencial económico e social do curso de Apicultura. Essa categorização não exclui a possibilidade de que essas respostas apontem aspectos mais gerais, positivos ou negativos, relacionados ao curso.

Como se vê, ao menos em relação ao curso, as opiniões dos estudantes dos demais cursos técnicos é maioritariamente positiva, apontando, inclusive, para as questões centrais e determinantes da decisão institucional pela oferta do curso, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento regional, possibilidades de trabalho e renda.

Esses estudantes, concluintes dos outros dois cursos técnicos de nível médio integrado, também foram questionados sobre a sua percepção acerca dos estudantes do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura. A partir das respostas obtidas, foi possível organizar os dados dando especial ênfase aos posicionamentos acerca do potencial intelectual e académico dos estudantes de Apicultura. As apreciações foram classificadas em 1- Positiva, 2- Negativa e 3- Sem opinião.

**Tabela 15** - Percepções dos estudantes dos cursos de Informática e Alimentos sobre os estudantes do curso de Apicultura

Percepção	Quantidade	Percentual	Transcrições de frases exemplo
Positiva	32	30%	“são ótimos alunos e que aparentemente são muito inteligentes” (EO94, Apêndice 2).

			<p>“Igual aos outros estudantes, tanto do meu curso como de Alimentos, são inteligentes, esforçados” (EO104, Apêndice 2).</p> <p>“são estudantes como os outros, que tem o mesmo potencial que os alunos de Informática e alimentos” (EO80, Apêndice 2).</p> <p>“Alunos de apicultura sofre um pouco de preconceito a meu ver não há para que isso. Todos os alunos que aqui estudam entraram com seus esforços e permanecem com muito estudo. E também eles são bem competidores, eles fazem de tudo para ganhar nas competições e quase sempre eles ganham” (EO83, Apêndice 2).</p> <p>“Acredito que concluem o curso com o mesmo nível qualificado de conhecimento, assim como os demais cursos ofertados pela Instituição” (EO78, Apêndice 2).</p>
Negativa	33	31%	<p>“Os estudantes são os que mancham o curso, nenhum realmente gosta, e só fizeram porque consideram o mais fácil de todos os cursos” (EO63, Apêndice 2).</p> <p>“Por ser o curso menos concorrido, traz consigo a ralé das outras escolas” (EO36, Apêndice 2).</p> <p>“possuem IRA's (Indicador de Rendimento Acadêmico) menores quando comparados aos de outras turmas” (EO37, Apêndice 2).</p> <p>“geralmente são os de menores desempenhos” (EO46, Apêndice 2).</p> <p>“Alunos que em sua maioria se mostram despreparados” (EO45, Apêndice 2).</p>
Sem opinião	41	39%	-
Total	106	100%	-

Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos na instituição.

Foram categorizadas como sem opinião as respostas das quais não foi possível aferir apreciações acerca do potencial intelectual e acadêmico dos estudantes de Apicultura. Essa categorização não exclui a possibilidade de que essas respostas apontem aspetos mais gerais, positivos ou negativos, relacionados aos estudantes.

É importante destacar que, embora não categorizados na tabela anterior, diversos estudantes concluintes dos Cursos Técnicos de Nível Médio de Informática e alimentos, em suas respostas, também relataram ter conhecimento que os estudantes de apicultura não pretendem atuar profissionalmente ou

mesmo seguir os estudos na área. Informaram que "muitos fazem o curso apenas para cursar/estudar em uma escola/instituição federal, e que muitos não pretendem seguir na área do curso" (E056, Apêndice 2). Também disseram que esses estudantes "estão interessados no ensino médio ofertado, não no curso propriamente dito, são raros os alunos que seguem ou pretendem seguir na área". (E072, Apêndice 2).

Pelo que se pode aferir, com base nas respostas dos atores cujas opiniões foram recolhidas no curso da presente investigação, esse fato de os estudantes de Apicultura, em sua ampla maioria, não pretenderem atuar na área objeto do curso é de conhecimento amplo, inclusive daqueles que são responsáveis pela gestão do IFRN. E, como se constatou, também não é um fato negado por esses próprios estudantes. Suas estratégias e perspectivas acadêmicas e profissionais são claras.

**Capítulo V**  
**Conclusão**

O presente trabalho teve clara finalidade de investigar a relação, convergente ou divergente, entre a estratégia institucional do *Campus* Pau dos Ferros do IFRN e as estratégias individuais dos estudantes do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura. A partir dos dados coletados, sejam dos regulamentos e documentos norteadores institucionais, sejam dos atores (estudantes, gestores, professores), foi possível conhecer os impasses, os dilemas e as contradições existentes nessa instituição. A relevância das questões abordadas fica clara nos posicionamentos dos gestores entrevistados quando afirmam que a instituição vive uma crise de identidade<sup>25</sup>; que esse é um tema delicado, já que coloca em cheque a oferta do ensino técnico integrado ao ensino médio; e ainda, numa fala esperançosa, que talvez, no futuro, esses estudantes retornem para a região e reconciliem seus desígnios pessoais com as estratégias e interesses institucionais.

Ao abordar esse delicado tema e colocar, de certo modo, em cheque o sentido dessa oferta formativa, não se nega a importância da verticalização e continuidade dos estudos, inclusive no ensino superior. De modo algum se defende, neste trabalho, que o ensino técnico-profissionalizante de nível médio seja um fim em si mesmo. A possibilidade desses estudantes prosseguirem seus estudos, partindo para o ensino superior, não encontra aqui qualquer restrição.

O que de fato está em discussão é a negação, por parte dos estudantes do Curso Técnico em Apicultura, da formação profissional fornecida pelo IFRN. A utilização desse termo (negação) encontra alicerces na manifesta decisão, da grande maioria desses estudantes, de sequer cogitar exercer a profissão de técnico de Apicultura. Querem ser médicos, engenheiros, psicólogos. Demonstram que, desde o início, desde a decisão de ingressar no IFRN, já haviam definido uma estratégia na qual a atuação no setor de Apicultura não encontra lugar.

É uma estratégia de superação das muitas dificuldades do ensino público regular brasileiro, ofertado por estados e municípios. Não dispondo de recursos para cursar o ensino médio regular de qualidade em escola particular, grande parte desses estudantes busca uma instituição federal, com quadro de professores bem remunerados e extremamente qualificados. O objetivo é cursar o ensino médio de qualidade que possibilite o ingresso nos cursos mais concorridos das universidades públicas brasileiras. Nessa perspectiva, o curso técnico passa a ser apenas um peso que se tem de carregar para ter acesso a essa educação indiscutivelmente de qualidade. Então, não é simplesmente querer continuar

---

<sup>25</sup> Expressão utilizada pela diretora acadêmica do *Campus* Pau dos Ferros (ver página 69).

os estudos nas universidades, senão a negativa, desde o princípio, das estratégias institucionais, pouco importando as potencialidades locais, o desenvolvimento regional, a atividade econômica promissora.

Pode-se afirmar que a estratégia dos estudantes, e talvez de suas famílias, é de que o ensino de qualidade referenciada, ofertado pelo IFRN, possibilite uma mudança de vida, num processo de mobilidade social ascendente. Conforme ensina Giddens (2005, p. 248), a "mobilidade social refere-se ao deslocamento de indivíduos e grupos entre posições socioeconômicas diferentes. [...] Aqueles que apresentam ganhos em propriedade, renda ou *status* são os que demonstram *mobilidade ascendente*".

Esses estudantes buscam as melhores profissões, sobretudo as que naturalmente se costumam vincular às classes mais favorecidas socialmente. Não é de se espantar que, dada a situação histórica de dificuldades dos trabalhadores ligados às atividades rurais, esses estudantes não queiram desempenhar a atividade de técnicos em Apicultura. Ressalte-se, por oportuno, que a própria atividade de técnico sempre esteve relacionada a um perfil mais baixo na estratificação social, correspondendo, em razão disso, a uma formação de menor prestígio e, sobretudo, relacionada aos trabalhos manuais.

Dessa forma, a estratégia adotada pelos estudantes é coerente e disciplinada, alinhada com a promoção individual à procura de "estamentos" (Weber, 2014, pp. 1115-1134) elevados. Em razão disso, pode-se dizer que sua formação acadêmica se dá numa base individualista, na medida em que ocorre a instrumentalização da instituição (IFRN) para atender interesses e estratégias individuais.

Tal constatação não deixa de trazer à tona uma possível contradição com os próprios objetivos do curso. Esse curso técnico também não seria, ou poderia vir a ser, um canal para a mobilidade social ascendente? E o que, de um ponto de vista estratégico e institucional, o IFRN teria de fazer para tornar possível essa possibilidade?

Já do lado institucional, percebe-se que o problema é amplamente conhecido e ao mesmo tempo evitado pelos gestores, porquanto coloca em cheque a razão de ser do Instituto, sobretudo no que diz respeito aos propósitos do grande processo de expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica. Fato é que foram investidos significativos recursos em laboratórios, apiários, equipamentos, contratação de professores; e a solução para esse impasse criado pelo agora claro conflito de estratégias não está em

outro lugar, senão na própria instituição. Se os estudantes entram com essa estratégia divergente, por que razão não são convencidos do contrário durante os quatro longos anos de curso?

A proposta do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura é ousada ao enxergar uma atividade potencialmente impulsionadora do desenvolvimento regional, perfeitamente alinhada com as características de vegetação e clima da região e com os arranjos produtivos locais. Sobre esse aspecto não há ressalvas a se fazer, ao menos no âmbito deste estudo. O que claramente falta é convencer os estudantes disso, de que essa atividade, para a qual receberam formação profissional, é financeiramente viável. No entanto, pelas características da atividade, não há como fazer isso sem extrapolar os muros da instituição, sem viver as comunidades rurais, pesquisar, produzir.

Os estudantes, em sua maioria, não conseguem abstrair o emprego, a renda; eles precisam ver isso acontecendo. Nesse aspecto, as ações institucionais de extensão e pesquisa aplicada podem ser determinantes. O *Campus* Pau dos Ferros do IFRN e o seu Curso Técnico em Apicultura deveriam ser os impulsionadores dessa atividade econômica, estimulando apicultores a formalizarem associações, cooperativas, empresas e fornecendo suporte técnico necessário para isso. Essas ações poderiam inclusive propiciar experiências mais exitosas de prática profissional (estágio), até mesmo remunerada, para os estudantes do curso.

Com a realização deste estudo, espera-se contribuir para que o IFRN possa iniciar esse debate na busca de soluções para esse problema. A instituição dispõe de profissionais (docentes e técnicos administrativos), além de gestores extremamente capacitados para a transformação dessa realidade. É preciso empreender esforços no sentido de alinhar as perspectivas institucionais com os anseios dos seus alunos, sem, contudo, abrir mão da formação técnico-profissionalizante, que é a razão de existir dessa instituição centenária.

É necessário registrar que este estudo, ainda que com suas limitações, possibilitou conhecer não só o curso de Apicultura ofertado no *Campus* Pau dos Ferros do IFRN, e seus problemas, já bem demonstrados. O IFRN apareceu aqui desde a sua criação como Escola de Aprendizes Artífices, em 1909, até os dias atuais, permitindo compreender um pouco da gênese das políticas públicas voltadas para a educação profissional no Brasil, com destaque importante para a verdadeira revolução que foi o

processo de expansão dessa rede nos governos do Presidente Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff.

Certamente se essa investigação estivesse iniciando neste momento, muita coisa poderia ser modificada. Novos caminhos poderiam determinar diferentes escolhas teóricas e metodológicas. Poderiam levantar-se outras importantes questões que não vieram à tona. Entretanto, essas escolhas são inerentes ao fazer investigativo, sobretudo em se tratando de um trabalho de iniciação científica no campo das ciências sociais da educação. Várias foram as condicionantes limitadoras do presente estudo. Não é tarefa fácil escrever uma dissertação de mestrado sem reduções ou flexibilizações em uma carga horária de trabalho de 8 horas diárias e 40 horas semanais, restando para a produção as noites e fins de semana.

Não bastasse isso, acrescente-se o momento difícil pelo qual passa o Brasil, com a chegada ao poder de governantes com pouco apreço pela educação e em especial pelos seus profissionais, não raramente citados publicamente como inimigos. Para completar o triste quadro, já na fase de ajustes finais e em meio a uma pandemia global, o IFRN é duramente golpeado com a não nomeação de seu reitor democraticamente eleito e uma intervenção indevida promovida pelo Ministério da Educação do Brasil. Foi a primeira vez, desde a redemocratização do Brasil, que o candidato escolhido pela comunidade escolar (estudantes, docentes e servidores técnico-administrativos) não foi nomeado pelo presidente da República. Enfim, são muitas questões que determinaram, umas mais, outras menos, as eventuais limitações do presente estudo.

Para além disso, algumas questões levantadas pelos atores institucionais entrevistados merecem maior atenção, afinal a presente investigação não põe fim aos temas abordados. A possibilidade de que a situação dos estudantes do Curso Técnico de Nivel Médio Integrado em Apicultura, aqui apresentada, se reproduza de igual modo nos demais cursos ofertados pelo *campus*, ou ainda nas ofertas formativas dos demais *campi* do instituto, pode indicar um problema bem maior e mais complexo. São pistas suficientes para desencadear uma investigação mais robusta que possa envolver todo o IFRN e até outras instituições que integram a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

É possível ampliar o escopo da investigação, propiciando a comparação de casos entre cursos distintos e em diferentes regiões. Será que os argumentos utilizados pelo coordenador do curso de Apicultura como justificativa para os problemas se aplicam aos demais cursos? Se o problema ocorrer, de igual modo, com os estudantes dos Cursos Técnicos de Informática, como sugere a diretora

académica, não cairia por terra a justificativa do preconceito para com as atividades primárias advindas do meio rural?

Fato é que a presente investigação deixa em aberto um leque de questionamentos para os quais as respostas só poderiam vir de outros estudos, mais completos e com maior amplitude.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis, S. M., & Neta, O. M. (jul./dez. de 2015). Educação Profissional no Brasil (1960-2010): uma história entre avanços e recuos. *Tópicos Educacionais*, 21(2), 190-211.
- Almeida, J. F., & Pinto, J. M. (1980). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Campello, A. M. (jan./abr. de 2007). "Cefetização" das escolas técnicas federais: projetos em disputa, nos anos 1970 e nos anos 1990. *Educação & Tecnologia*, 12(1), 26-35.
- Costa, G. E. (2018). A matemática aplicada à apicultura: uma proposta de ação pedagógica na perspectiva da teoria da objetivação e da pedagogia freireana. *(Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática)*.
- Cunha, L. A. (Abr./Jun de 1979). As raízes da escola de ofícios manufatureiros no Brasil - 1808/1820. *Forum Educacional*, 3(2), 5-27.
- Cunha, L. A. (2000). *O ensino profissional na irradiação do industrialismo*. São Paulo: UNESP.
- Cunha, L. A. (out./dez. de 2014). Ensino Profissional: o grande fracasso da ditadura. *Cadernos de Pesquisa*, 44(154), 912-933.
- Fernandes, F. d. (2015). Racionalidades e Ambiguidades da Organização Instituto Federal: o caso do Rio Grande do Norte. *(Tese de Doutorado em Ciências da Educação Especialidade de Organização e Administração Escolar)*.
- Ferreira, V. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais in Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (orgs.)*. Porto: Afrontamento.
- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. (R. C. Costa, Trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Fonseca, C. S. (1961). *História do Ensino Industrial no Brasil* (1ª ed., Vol. 1º). Rio de Janeiro: Escola Técnica Nacional.
- Gabriel, V. (Fotógrafo). (2017). Imagem aérea do *Campus* Pau dos Ferros do IFRN [Fotografia]. Arquivo pessoal.
- Giddens, A. (1989). *A constituição da sociedade*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- Giddens, A. (1996). *Novas Regras do Método Sociológico*. Lisboa: Gradiva.
- Giddens, A. (2005). *Sociologia* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Giorgi, M. C., & Almeida, F. S. (jan./jun. de 2014). Ensino Profissional no Brasil: Diálogos com a ditadura militar. *Revista OPSIS*, 14(1), 262-281.
- Gomes, C. A. (2016). Pressupostos éticos na investigação e produção científica em contexto académico: dimensões científicas, metodológicas e institucionais. Em J.R. Casanova, C. Bisinoto, & L.S.

- Almeida (Ed.), *Livro e Atas do IV Seminário Internacional Cognição, Aprendizagem e Desempenho* (pp. 5-16). Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Haguete, T. F. (1990). *Metodologia Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Lüdke, M., & André, M. E. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U.
- Morgado, J. C. (2012). *O Estudo de caso na investigação em educação*. Santo Tirso: De facto Editores.
- Moura, D. H. (2007). Educação básica e educação profissional e tecnológica: Dualidade histórica e perspectivas de integração. *Revista Holos*, 2, 4-30.
- Oliveira, A. C. (2001). A evolução do processo produtivo e as novas competências do trabalhador: um estudo das instituições formadoras e as empresas do setor industrial. *(Tese de Doutorado)*. Acesso em 3 de maio de 2019, disponível em [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253413/1/Oliveira\\_AnaCristinaBaptistellad e\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253413/1/Oliveira_AnaCristinaBaptistellad e_D.pdf)
- Oliveira, B. A. (2018). *Interpretação e comparabilidade do desempenho médio do Brasil no Pisa : 2000 a 2015*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- Pacheco, E. M. (2010). *Os institutos federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica*. Natal: IFRN.
- Pegado, E. A. (2006). *A trajetória do CEFET-RN desde a sua criação no início do século XX ao alvorecer do século XXI*. Natal: Editora do CEFET-RN. Acesso em 12 de Maio de 2019, disponível em <http://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1159>
- Pinto, J. M., & Almeida, J. F. (1980). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Presença/Martins Fontes.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4ª ed.). (J. M. Marques, M. A. Mendes, & M. Carvalho, Trans.) Lisboa: Gradiva.
- Silva, A. F. (2019). A profissionalidade de professores formadores: um estudo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. *(Tese de Doutorado em Ciências da Educação Especialidade em Desenvolvimento Curricular)*.
- Skeete, N. A., Lázaro, A., & Tavares, L. (2013). *A experiência pioneira do IFRN com reserva de vagas em seus processos seletivos*. Rio de Janeiro: FLACSO.
- Soares, M. d. (jul./set. de 1982). As Escolas de Aprendizes Artífices - estrutura e evolução. *Forum Educacional*, 6(2), 58-92.
- Weber, Max (2014). "Clases, Estamentos, Partidos", Cap. IV, pp. 1115-1134. in *Economía y Sociedad*. Fondo de Cultura Económica. México. Ciudad de México (1ª edición, 1922).

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

- APS. (1992). *Código Deontológico da Associação Portuguesa de Sociologia*. Consultado em 20/03/2020, disponível em [https://www.arslvt.min-saude.pt/uploads/writer\\_file/document/66/FCH4bc6d7339c412.pdf](https://www.arslvt.min-saude.pt/uploads/writer_file/document/66/FCH4bc6d7339c412.pdf)
- Brasil. (1808). Alvará de 1º de abril de 1808. *Permite o livre estabelecimento de fabricas e manufacturas no Estado do Brazil*. Collecção das Leis do Brazil de 1808. Rio de Janeiro: Typographia Nacional. Consultado em 02/03/2019, disponível em [https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/18319/collecao\\_leis\\_1808\\_parte\\_1.pdf?sequence=4&isAllowed=y](https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/18319/collecao_leis_1808_parte_1.pdf?sequence=4&isAllowed=y)
- Brasil. (1809). Decreto de 23 de março de 1809. *Dá providencias a bem do serviço da Casa denominada Collegio duas Fabricas estabelecido nesta Cidade*. Collecção das Leis do Brazil de 1809. Rio de Janeiro: Typographia Nacional. Consultado em 02/03/2019, disponível em [https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/18321/collecao\\_leis\\_1809\\_parte\\_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/18321/collecao_leis_1809_parte_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y)
- Brasil. (1909a). Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. *Crêa nas capitães dos Estados da Republica Escolas de Aprendizes Artifices, para o ensino profissional primario e gratuito*. Consultado em 04/03/2019, disponível em <http://legis.senado.leg.br/norma/589450/publicacao/15626779>
- Brasil. (1909b). Decreto nº 7.763, de 23 de dezembro de 1909. *Altera os decretos ns 7.566 e 7.649, de 23 de setembro e 11 de novembro ultimos, referentes á criação de escolas de aprendizes artifices, nas capitães dos Estados, e á nomeação de professores para os respectivos cursos noturnos - primario e de desenho*. Consultado em 04/03/2019, disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7763-23-dezembro-1909-525420-publicacaooriginal-109671-pe.html>
- Brasil. (1937a). Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. *Dá nova, organização ao Ministerio da Educação e Saude Publica*. Consultado em 10/04/2019, disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1930-1949/L0378.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/L0378.htm)
- Brasil. (1937b). Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937. Consultado em 10/04/2019, disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm)
- Brasil. (1942a). Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942. *Lei orgânica do ensino industrial*. Consultado em 10/04/2019, disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-publicacaooriginal-1-pe.html>
- Brasil. (1942b). Decreto-Lei nº 4.127, de 25 de fevereiro de 1942. *Estabelece as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial*. Consultado em 11/04/2019, disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4127-25-fevereiro-1942-414123-publicacaooriginal-1-pe.html>

- Brasil. (1959). Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro de 1959. Dispõe sobre nova organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de ensino industrial do Ministério da Educação e Cultura, e dá outras providências. Consultado em 11/04/2019, disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L3552.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3552.htm)
- Brasil. (2007). Decreto nº 6.095, de 24 de abril de 2007. *Estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET, no âmbito da Rede Federal de Educação Tecnológica*. Consultado em 23/05/2019, disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6095.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6095.htm)
- Brasil. (2008). Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008. *Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências*. Consultado em 23/05/2019, disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm)
- Brasil. (2012). Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. *Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências*. Consultado em 09/08/2019, disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)
- IFRN. (2009a). Estatuto do Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Consultado em 09/08/2019, disponível em [https://portal.ifrn.edu.br/campus/copy\\_of\\_reitoria/arquivos/Estatuto\\_IFRN\\_31\\_08\\_09\\_FINAL-PUBLICADA\\_NO\\_DOU.pdf](https://portal.ifrn.edu.br/campus/copy_of_reitoria/arquivos/Estatuto_IFRN_31_08_09_FINAL-PUBLICADA_NO_DOU.pdf)
- IFRN. (2009b). Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI (2009-2014). Consultado em 10/06/2019, disponível em <https://portal.ifrn.edu.br/ifrn/institucional/pdi-2019-2026/lateral/planos-antigos/pdi-2009-2014>
- IFRN. (2011). Projeto Pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio em Apicultura na forma Integrada, presencial. Consultado em 04/03/2019, disponível em [https://portal.ifrn.edu.br/ensino/cursos/cursos-tecnicos-de-nivel-medio/tecnico-integrado/tecnico-em-apicultura/at\\_download/coursePlan](https://portal.ifrn.edu.br/ensino/cursos/cursos-tecnicos-de-nivel-medio/tecnico-integrado/tecnico-em-apicultura/at_download/coursePlan)
- IFRN. (2012). Projeto Político-Pedagógico do IFRN: uma construção coletiva. Consultado em 10/06/2019, disponível em <https://portal.ifrn.edu.br/ifrn/institucional/projeto-politico-pedagogico-1/lateral/menu-1/volume-1-documento-base>
- IFRN. (2019). Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI (2019-2026). Consultado em 05/06/2019, disponível em <https://portal.ifrn.edu.br/ifrn/institucional/pdi-2019-2026/lateral/teste/plano-de-desenvolvimento-institucional-2019-2026>

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE 1 - Transcrição das respostas dos estudantes do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura

R1: Resposta para a pergunta 1 (Sobre a sua residência:)

R2: Resposta para a pergunta 2 (Qual a profissão dos seus pais?)

R3: Resposta para a pergunta 3 (Sobre suas escolas anteriores:)

R4: Resposta para a pergunta 4 (Como você se autodenomina – classificação oficial utilizada pelo IBGE?)

R5: Resposta para a pergunta 5 (Por que razão decidiu estudar no IFRN?)

R6: Resposta para a pergunta 6 (Por que escolheu o curso de apicultura?)

R7: Resposta para a pergunta 7 (Tem enfrentado dificuldades em sua trajetória no curso de apicultura? Quais?)

R8: Resposta para a pergunta 8 (Que imagem você faz do curso de Apicultura?)

R9: Resposta para a pergunta 9 (Como você acredita que o curso de apicultura é visto pelos professores do campus Pau dos Ferros?)

R10: Resposta para a pergunta 10 (Quais as suas perspectivas ao concluir o curso?)

Estudante	RESPOSTAS
EA1	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Vendedor comerciante; Mãe: Vendedora comerciante.
	R3: Públicas e privadas.
	R4: Pardo.
	R5: Por ofertar um ensino médio de qualidade (Além de ser técnico).
	R6: Por haver pouca concorrência.
	R7: Não, nenhuma.
	R8: Um curso que faz você se apaixonar e aproximar-se da vivência no campo.
	R9: É visto como um curso que traz alunos trabalhadores.
	R10: Que eu ensine o que eu aprendi para quem necessite de ajuda técnica.
EA2	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Crediarista; Mãe: Dona de casa.
	R3: Somente públicas.
	R4: Pardo.
	R5: Pelo interesse em fazer parte da instituição, pela qualidade do ensino, não existente na escola de Ensino Médio pública do meu município.
	R6: Pela concorrência, por que geralmente o curso de apicultura é menos concorrido, e tinha medo de não ser aprovada caso optasse por outro curso.
	R7: Mais o menos, às vezes sinto dificuldade pela acumulação de trabalhos, provas ...
	R8: É um curso interessante, na minha opinião a mais interessantes dos do campus. Porém é o que menos eu gostaria de ter o certificado, por que não me identifico com a área.
	R9: Com respeito e admiração.
	R10: Não tenho uma certeza sobre, ainda.
EA3	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Autônomo; Mãe: Agente comunitária de saúde
	R3: Somente públicas.
	R4: Pardo.
	R5: Por causa do ensino de qualidade, conhecido e muito falado por todos.
	R6: Os outros dois cursos não chamaram a minha atenção. A concorrência também influenciou na época.
	R7: Nenhuma fora do normal para um curso técnico.
	R8: Essencial, precisávamos desse curso, até mesmo para quebrar preconceitos e proporcionar um trabalho com a natureza, diferente dos outros.
	R9: É o curso menos valorizado, pelos que não são da área.
	R10: Usar o conhecimento adquirido, nem que seja para o uso familiar.
EA4	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Pedreiro; Mãe: Recepcionista.
	R3: Somente públicas.
	R4: Pardo.
	R5: Pelo ensino de qualidade que o IFRN proporciona para os estudantes e por todos os benefícios.
	R6: Era o curso que eu mais tinha vontade e tenho curiosidade em aprender sobre.

	R7: Sim. Deixo muito material acumulado e acabo me atrasando muito.
	R8: Uma imagem muito boa, de um curso maravilhoso e muito bom um curso que tem muita coisa boa para mostrar.
	R9: Alguns professores [ilegível] que gostam de dar aula aqui, já outros parecem que nem [ilegível] e a aula acaba ficando um pouco chata e dá para notar que alguns tem um certo preconceito com o curso, [ilegível] de outros cursos.
	R10: Perspectivas boas, pois o curso era muito melhor do que eu imaginava muito melhor do que eu esperava e gostei muito da experiência.
EA5	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Agricultor; Mãe: Agricultora.
	R3: Somente públicas.
	R4: Branco.
	R5: Educação de qualidade.
	R6: Escolhi porque me identifiquei com a área.
	R7: Não.
	R8: Excelente curso.
	R9: Razoável.
	R10: Conquistar o que eu almejo e fazer jus ao que aprendi no IF, conseqüentemente, com o curso.
EA6	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Protético; Mãe: Funcionária pública.
	R3: Somente públicas.
	R4: Branco.
	R5: Ensino com estima maior do que o ofertado no meu município, além da indicação feita por meus professores e amigos.
	R6: Indicação de um amigo que cursou o curso.
	R7: Não.
	R8: Um ótimo curso que consegue vislumbrar tanto sobre a abelha como um animal sensacional, bem como tratar natureza e eliminar um estereótipo sobre a violência do animal.
	R9: Como um curso abaixo da média em relação aos outros. Uma visão preconceituosa sobre a “qualidade” dos alunos.
	R10: De forma acadêmica, nenhuma de forma cotidiana eu continuarei preservando a natureza como foi a mim ensinado a aperfeiçoado no curso, uma vez que, sem abelha, morreríamos.
EA7	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Alinhador de carro; Mãe Professora do Estado aposentada.
	R3: Públicas e privadas.
	R4: Pardo.
	R5: Pelo ensino de qualidade e porque era um sonho.
	R6: Pela concorrência.
	R7: Sim, matérias de exatas e TCC.
	R8: Um curso que tem muita gente bagunceira, mas que também tem gente comprometido.
	R9: Como um curso que só tem aluno sem interesse com os estudos.
	R10: De que possa servir para o resto da vida toda o aprendizado que eu obtive dentro do IF.
EA8	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Mecânico; Mãe: Professora.
	R3: Públicas e privadas.
	R4: Branco.
	R5: Ensino médio de qualidade.
	R6: Mais pela concorrência, mas também por não me identificar com os outros cursos.
	R7: Não encontrei muitos pois me identifico bastante com o curso.
	R8: Um curso que maneja e trabalha com as abelhas.
	R9: Como qualquer outro curso.
	R10: Seguir para fazer uma faculdade.
EA9	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Não trabalha; Mãe: Costureira.
	R3: Somente públicas.
	R4: Pardo.

	R5: Porque possui um ensino de qualidade e na minha cidade só possuía uma escola com ensino médio, que é lotada e o nível de ensino é inferior.
	R6: Porque era o que possuía menor concorrência e eu também não gostei dos outros cursos, pois tem muito cálculo e química.
	R7: Sim, teria necessidade de mais aulas práticas.
	R8: Gostei muito e os professores são muito bons.
	R9: Os professores veem o curso de apicultura como um curso inferior aos outros e que as turmas não são boas.
	R10: Pretendo passar em uma faculdade federal.
EA10	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Vendedor; Mãe: Técnica de enfermagem.
	R3: Somente públicas.
	R4: Pardo.
	R5: Pelo ótimo ensino que tem aqui e pelas oportunidades que são oferecidas.
	R6: De início porque eu me interessava muito para conhecer, e também pela concorrência.
	R7: Não, amo todas as matérias técnicas e aulas práticas no apiário e laboratório.
	R8: O curso ele tem uma imagem diferente do que eu, e do que muitos pensam, ele não é algo fácil, e requer muito esforço e dedicação.
	R9: Eu acredito que é visto como qualquer outro curso, mas por alguns é como se fosse inferior aos outros.
	R10: Quero me formar em medicina.
EA11	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Advogado; Mãe: Professora, diretora.
	R3: Públicas e privadas.
	R4: Pardo.
	R5: Amigos, curiosidade, ensino de qualidade, mãe trabalha na instituição de Natal e me indicou fazer.
	R6: Pelos amigos.
	R7: Sim, não tenho muita afinidade com o curso e suas matérias.
	R8: Curso bom, porém não é do meu interesse.
	R9: Como algo novo, de forma boa e curiosa.
	R10: Conseguir ingressar na faculdade de medicina e concluir meus objetivos ou ajudar meu pai no escritório e me formar em direito.
EA12	R1: Zona rural.
	R2: Pai: Agricultor; Mãe: Agricultora;
	R3: Somente públicas.
	R4: Branco.
	R5: Fui motivado na intenção de estudar em uma escola de qualidade.
	R6: Dentre outras opções, o curso me parecia próximo a realidade, assim como não envolvimento em áreas das exatas.
	R7: Como resido em zona rural, a questão de transporte sempre foi uma problemática presente, assim como as bases escolares a princípio não me favoreceram no desempenho acadêmico.
	R8: Uma imagem de um curso enriquecedor, e de devida importância, onde a única problemática é externa.
	R9: Não tenho opinião a cerca desse ponto.
	R10: Com o aprendizado adquirido, eu possa ingressar em uma universidade, no entanto, em uma área diferente da apicultura.
EA13	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Comerciante – padeiro; Mãe: Dona de casa.
	R3: Somente públicas.
	R4: Branco.
	R5: Escolhi estudar no IFRN em decorrência da qualidade do ensino que aqui é ofertado. Visando um futuro melhor, em vista que somente a partir de um bom aprendizado, podemos melhor garantir o nosso futuro.
	R6: Enquanto a escolha do curso, não há um motivo especial, não havia estabelecido anteriormente nenhuma contato com a área, foi mais por uma questão eliminatória uma vez que, analisando os PPC's percebi que não me identificava com os demais cursos.

	R7: Não, pelo contrário, tenho encontrado motivos para me alegrar e me apaixonar ainda mais pela área.
	R8: Na minha concepção, o curso de apicultura, é um curso importante para a área ambiental e que deveria haver em mais campus.
	R9: A visão diferencia-se mediante aos professores da área técnica e da propedêutica, já que algum professor propedêutico tem ainda um preconceito.
	R10: De garantir um futuro melhor, fruto do ensino de qualidade ofertado no IFRN. Pretendo continuar em universidade federal.
EA14	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: Comerciante; Mãe: Vendedora e cantora.
	R3: Somente públicas.
	R4: Branco.
	R5: Por seu uma instituição profissionalizante muito qualificada e uma porta para universitários.
	R6: Me interesse pela aplicação da apicultura no ramo da cosmética.
	R7: Sim, tenho alguns problemas de saúde, o que me faz perder muitas aulas e as disciplinas têm a carga horária puxada.
	R8: De um curso muito importante, que apesar da apicultura ser de extrema importância para a vida, existe muito preconceito com o curso.
	R9: Como um dos mais importantes e que chama muita atenção, por ser o único campus a ofertar o curso.
	R10: Quero ingressar a faculdade de psicologia e depois pretendo cursar moda.
EA15	R1: Zona urbana.
	R2: Pai: ATF no ITEP de Pau dos Ferros; Mãe: Não trabalha.
	R3: Somente públicas.
	R4: Branco.
	R5: Por influência das minhas amigas, pois na época ninguém falava muito sobre o IFRN no Ensino fundamental.
	R6: porque dentre os outros, foi o que mais me chamou a atenção (ou seja, era o menos pior).
	R7: Um pouco, por parte de adquirir experiência profissional, pôr o campus não dá margem para isso.
	R8: No início eu não gostava, mas hoje em dia, é um ótimo curso.
	R9: Não sei ao certo, mas acredito que todos eles apreciem o curso de apicultura, pois traz muita visibilidade para o campus.
	R10: Entrar em uma universidade federal para o curso de Medicina.
EA16	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Agricultor; Mãe: ASG
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: Porque eu sabia que aqui eu teria um ensino de qualidade
	R6: Porque de todos foi o que mais despertou interesse em mim.
	R7: Algumas, com relação a parte prática.
	R8: Um curso de total importância.
	R9: Por alguns é valorizado, por outros nem tanto.
	R10: Conseguir entrar em uma universidade.
EA17	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Agente de Endemias; Mãe: Manicure
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: Em razão da oferta de um ensino público e de qualidade. Algo que sempre quis e não podia por causa de motivos financeiros.
	R6: Identificação com a área e curiosidade
	R7: Sim, organização de tempo, fadiga das viagens cotidianas.
	R8: Um ótimo curso, profissionais de qualidade e se trata de uma área bastante promissora.
	R9: Na maioria dos casos, como um curso com alunos de baixo nível em decorrência da pouca concorrência no exame de ingresso.
	R10: Cursar uma faculdade e unir os conhecimentos da graduação e do técnico em um empreendimento.

EA18	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Pipeiro; Mãe: ASG
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: Por ser uma instituição de boa qualidade.
	R6: Por ser o que eu mais me enquadrava
	R7: Nenhuma
	R8: Boa
	R9: Com uma vista boa
	R10: Cursar medicina veterinária
EA19	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Autônomo; Mãe: Concursada do Estado
	R3: Públicas e privadas
	R4: Branco
	R5: Além de saber que eu seria melhor preparada para o ENEM, sabia que aqui teria mais oportunidades que as outras escolas que eu chegaria a frequentar.
	R6: Por achar uma alternativa mais fácil para ingressar no IFRN Campus Pau dos Ferros.
	R7: Não, só a carga de atividades que é grande, mas dá pra conciliar.
	R8: O curso é de extrema importância para os seres humanos, e, para os moradores da região. Pena que é um curso que sofre preconceito.
	R9: O curso dos menos esforçados ou capacitados.
	R10: Espero ingressar na faculdade, com o curso que almejo.
EA20	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Agricultor; Mãe: Agricultora
	R3: Somente públicas
	R4: Preto
	R5: Porque o ensino é melhor. E porque talvez abrisse mais portas para mim.
	R6: Porque ele era mais fácil a entrada, e porque o interesse pelos outros já tinha sido ultrapassado.
	R7: Sim, pelo fato de muitas vezes estar muito sobrecarregado, e não ter tempo de fazer algo fora da escola.
	R8: Que é um ótimo curso, que todos deveriam amar as abelhas. Pois são elas que nos abastecem.
	R9: Que todos que fazem apicultura são as piores turmas, mas na verdade não são assim, e só depois de ensinar a nós que eles conhecem de verdade.
	R10: Fazer faculdade de medicina, e usar meios da apicultura para melhorias na área da saúde.
EA21	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Caminhoneiro; Mãe: Revendedora.
	R3: Somente públicas
	R4: Preto
	R5: Pelo bom potencial dos egressos do instituto, pela estrutura e também ensino.
	R6: Apenas pela concorrência.
	R7: Minhas principais dificuldades estão relacionadas as disciplinas de exatas, sobretudo por não ter tido um capital cultural tão grande se comparado a outros.
	R8: O curso me traz uma imagem boa, já que se houvesse o conhecimento sobre o que se passa em sala de aula todos saberiam a importância do curso.
	R9: Não, sobretudo pelos professores da área técnica em informática.
	R10: Iniciar o curso de letras inglês na USP.
EA22	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Técnico de enfermagem; Mãe: Técnica de enfermagem.
	R3: Públicas e privada
	R4: Preto
	R5: Pelas oportunidades e por acesso à uma educação de alta qualidade que irá exigir o aprendizado de volta.
	R6: Menor concorrência.
	R7: Sim, interesse pelas matérias técnicas.
	R8: Um curso admirável.
	R9: Com respeito e apressado.

	R10: Estudar para cursar medicina.
EA23	R1: Zona Rural
	R2: Pai: Autônomo; Mãe: Dona de casa.
	R3: Somente públicas
	R4: Pardo
	R5: Pois vi uma grande oportunidade, já que onde moro o ensino não é um dos melhores.
	R6: Porque era um dos cursos com menor concorrência na época, e também porque não me identificava nem tinha interesse pelos demais cursos.
	R7: Não.
	R8: É um curso que descontraí muito o pensamento inicial da maioria dos alunos, pois apesar de ser encarado como o mais “fácil” de ingressar no IFRN, é um curso enriquecedor, que agrega muito conhecimento ao aluno e desenvolve nele, de certa forma, uma maior conscientização.
	R9: Em suma, creio que seja bem visto.
	R10: Ingressar em uma universidade.
EA24	R1: Zona Rural
	R2: Pai; Agricultor; Mãe: Trabalha em uma fábrica.
	R3: Somente públicas
	R4: Pardo
	R5: pelo ensino ser melhor que outras escolas, por oferecer diversas oportunidades e ter excelentes cursos.
	R6: Porque eu sempre gostei de tudo relacionado a zona rural, e tem muitas aulas práticas, e como quero fazer agronomia, escolhi fazer apicultura.
	R7: Algumas dificuldades em certas disciplinas que não são do curso.
	R8: Como eu sempre gostei de trabalhar em zona rural, pude me aperfeiçoar muito bem no curso, e é um curso excelente.
	R9: Bom, não posso responder uma pergunta muito concretizada, mais penso que é visto como um curso que possa trazer muitas oportunidades a muitos apicultores e diversas pessoas, como os alunos.
	R10: Fazer agronomia em nome de Jesus.
EA25	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Não sei responder; Mãe: Doméstica.
	R3: Somente públicas
	R4: Pardo
	R5: Pelo ensino de ótima qualidade.
	R6: Na época por pensar que seria fácil de entrar (concorrência).
	R7: Somente nas matérias de química e matemática, mas nas técnicas não tive problemas.
	R8: Um ótimo curso, interessante.
	R9: Uma grande oportunidade de aprendizado para o futuro dos alunos.
	R10: Ingressar na faculdade.
EA26	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Professor na rede pública; Mãe: Professora na rede pública.
	R3: Somente privadas
	R4: Pardo
	R5: Pela qualidade do ensino e oportunidades que o instituto tem a me ofertar enquanto estudante e pessoa.
	R6: Por recomendações dos meus amigos que o escolheram.
	R7: Não.
	R8: Muito positiva. O curso é incrível.
	R9: De forma pouco positiva, infelizmente. Entretanto, é notório que essa visão existe a partir do desconhecimento da área.
	R10: Ingressar em uma universidade.
EA27	R1: Zona urbana
	R2: Pai; Vendedor; Mãe: Aposentada.
	R3: Somente públicas
	R4: Pardo
	R5: Porque o ensino é bem melhor se comparado a outras escolas de Pau dos Ferros. O curso se parece com a área que quero seguir carreira.

	R6: Eu tinha muita curiosidade em saber como o curso era , e por não me identificar com os outros cursos.
	R7: Quanto as matérias técnicas não enfrento nenhuma dificuldade. Porém apresento muita dificuldade nas matérias de cálculo.
	R8: É um curso bastante interessante que nos proporciona um conhecimento que a maioria da população não possui.
	R9: Muitos apresentam bastante curiosidade, mas ao meu ver outros não se importam.
	R10: Pretendo entrar em uma faculdade, na área de medicina veterinária.
EA28	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Contador da prefeitura; Mãe: Secretária do fórum (Técnica Judiciária).
	R3: Somente privadas
	R4: Pardo
	R5: Na minha escola antiga eu sofria bullying, todo mundo me excluía e eu senti a necessidade de mudar –me a escola.
	R6: Eu escolhi o curso porque eu identifico-me nele, pois relaciona-se à carreira que quero seguir.
	R7: A minha dificuldade em si não foi com o curso em si, mas pela inclusão com os meus colegas pois eu sai de uma realidade de escola particular para escola pública. E com isso eu conheci novas pessoas bem diferentes das que eu estava acostumado.
	R8: O curso de apicultura é muito interessante, pois aprende-se só sobre a relação das abelhas com o ser humano, mas também sobre os alimentos. É uma área pouco valorizada, mas que se souber investir pode-se ganhar demasiado dinheiro.
	R9: O curso de apicultura é pouco valorizado pelas pessoas e eu vejo que essa falta de interesse está-se a diminuir, com relação aos professores que vejo que esta desvalorização mais pelos professores dos outros cursos.
	R10: Eu quero-me seguir na área de medicina ou medicina veterinária.
EA29	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Fazendeiro; Mãe: Fazendeira.
	R3: Somente privadas
	R4: Pardo
	R5: Pela qualidade do ensino.
	R6: Por me identificar mais do que com os outros cursos.
	R7: Sim, a má organização das matérias o 4º ano. Na minha opinião deveria ter menos matérias técnicas no 4º ano e mais no 1º e no 2º.
	R8: Um ótimo curso, que me rendeu muitas oportunidades ao longo dele.
	R9: Um curso muito bom, mas com poucas oportunidades de trabalho.
	R10: Ingressar na faculdade de medicina.
EA30	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Pescador; mãe ASG (servidora pública).
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: A qualidade do ensino.
	R6: A baixa concorrência.
	R7: Não.
	R8: Apesar de ser uma área promissora, tem o seu potencial muito pouco conhecido tanto por parte da população quanto do governo.
	R9: Os professores têm uma visão bem pessimista do curso e dos alunos, tanto pelo comportamento, quanto pela área do curso.
	R10: Entrar na faculdade, mas sem seguir na área dos apiários.
EA31	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Funcionário público; Mãe: Funcionária pública.
	R3: Públicas e privadas
	R4: Branco
	R5: Ensino médio público de qualidade.
	R6: Concorrência.
	R7: Sim. Insuficiência de prática.
	R8: Importante, porém mal valorizado no país.

	R9: Não é dada a importância devida em relação aos outros cursos.
	R10: Não pretendo seguir na área.
EA32	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Pedreiro; Mãe: Não trabalha.
	R3: Somente públicas
	R4: Preto
	R5: Porque é uma instituição que oferece uma educação de qualidade, visto que, meus pais poderiam ofertar uma tão boa quanto.
	R6: Por que é um curso que desperta muita curiosidade, mesmo existindo bastante estereótipos.
	R7: No curso propriamente dito, não, mas sempre existe dificuldades, em muitas vezes não conseguia conciliar coisas da vida com o curso (apesar de ter uma carga horária puxada), fora problemas voltados ao transporte...
	R8: Um curso que acima de todo o preconceito, tem uma forma de demonstrar o amor à natureza.
	R9: Um curso que buscar sempre levar o conhecimento.
	R10: São boas, porém não pretendo seguir o ramo, pois outro curso me cativa mais.
EA33	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Funcionário público; Mãe: Não trabalha.
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: Qualidade de ensino.
	R6: Por não sentir interesse nas outras opções.
	R7: Sim, insuficiência de práticas em campo.
	R8: Muito importante e mal valorizada.
	R9: Como um curso de importância, porém mínima em relação as demais.
	R10: O curso superou minhas expectativas, no entanto não me sinto opta a seguir com a profissão devido a deficiência de prática.
EA34	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Técnico de enfermagem; Mãe: Técnica de enfermagem.
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: Qualidade do ensino.
	R6: Facilidade para entrar e curiosidade.
	R7: Sim, nas disciplinas de exatas.
	R8: Um bom curso, com muito conteúdo e bons professores.
	R9: Em parte, com um pouco de falta de consideração.
	R10: Não quero continuar na área. Mas, quero praticar os conhecimentos que adquiri no curso.
EA35	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Agricultor; Mãe: Terceirizada.
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: Porque oferece um ensino de qualidade e conseqüentemente gerando maior oportunidade de aprendizado.
	R6: Por influência de pessoas próxima, que gerou curiosidade e interesse na área.
	R7: Sim, em observar alguns conteúdos, a sobrecarga de trabalhos e o cansaço psicológico.
	R8: Procuro sempre enaltecer o curso, pois ao longo dessa trajetória, me surpreendi bastante.
	R9: Acredito que seja motivo de orgulho, pois é uma área que está ganhando visibilidade, além de saber que estão conscientizando as pessoas sobre um assunto tão importante para o mundo.
	R10: Infelizmente não tenho interesse em trabalhar na área, mas quero levar com hobby.
EA36	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Autônomo; Mãe: Autônoma.
	R3: Somente privadas
	R4: Branco
	R5: Indicação e oportunidade de um ensino melhor.
	R6: Indicação e concorrência.
	R7: Não.
	R8: Um curso bastante interessante, mas com muitas coisas para melhorar.

	R9: Ótimo, até porque é o único do Brasil, que é ofertado pelos IFs.
	R10: Não tenho interesse na área, mas bastante boas fazer uma faculdade e ingressar no mercado de trabalho.
EA37	R1: Zona urbana
	R2: Pai: Aposentado; Mãe Professora.
	R3: Somente públicas
	R4: Preto
	R5: Por ser uma instituição com um ensino de melhor qualidade, escola com uma ótima estrutura. E também porque meu irmão já frequentou antes e tinha muito elogio da instituição.
	R6: Eu gostava dessa área e achava interessante, mas foi devido a concorrência.
	R7: Não. Só alguns obstáculos, mas possível de conseguir êxito.
	R8: Muito interessante devido ser um curso muito diferenciado dos demais da instituição.
	R9: Um curso bastante importante para os jovens que frequentam.
	R10: Não tenho muito interesse de seguir na área devido a dificuldade na região.
EA38	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: -; Mãe: Auxiliar de secretaria social
	R3: Somente públicas
	R4: Pardo
	R5: Por ser um instituto que oferece um ensino qualificado, com professores altamente capacitados nas devidas áreas.
	R6: Por ser um curso que mais me identifiquei, com relação as três opções.
	R7: Não
	R8: É um curso bom, até mais do que esperava quando entrei.
	R9: No geral, acredito que o curso é visto de forma inferior, porém não deveria, pois oferta o mesmo ensino que os demais.
	R10: Que o curso possa ser visto de uma maneira melhor. Não seguirei na área da apicultura por me identificar mais com outra área, mas é uma boa opção de curso.
EA39	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Diretor de escola; Mãe: -.
	R3: Somente privadas
	R4: Pardo
	R5: Por uma melhor qualidade de ensino.
	R6: Por ser menos concorrido, uma vez que, presava mais por matérias do ensino médio do que técnico.
	R7: Não.
	R8: Um curso ótimo para quebrar tabus relacionados a apicultura da região.
	R9: Como uma forma de aprimorar cada vez mais o conhecimento de diversos discentes, além de proporcionar uma nova visão sobre o curso.
	R10: Conseguir ingressar na faculdade que desejo, já que não quero seguir na apicultura. Pode ser que algum dia, trate a apicultura como um hobby.
EA40	R1: Zona Urbana.
	R2: Pai: autônomo; Mãe: Recepcionista
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: Porque é uma escola onde possui professores excelentes, com mestrado e doutorado, o que será ótimo para o meu futuro.
	R6: Porque era um curso com poucos concorrentes e foi o curso que mais me identifiquei.
	R7: Não.
	R8: Um curso ótimo, mas que muita gente não sabe sobre sua importância e faz pouco.
	R9: Uma grande conquista, principalmente para os de área técnica, embora tenha outros que ainda possuem um certo preconceito.
	R10: Vou cursar outra área, porém foi um curso que me trouxe bastante conhecimento.
EA41	R1: Zona rural
	R2: Pai: Pedreiro; Mãe: Agricultora
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: Por ser uma escola pública, onde oferece uma infraestrutura e também uma educação de qualidade.

	R6: Por indicação de amigos.
	R7: Não. Não enfrento nenhuma, inclusive, me identifico com o curso.
	R8: Um curso bom, que deveria ser ofertado em outros IF's, pois o IFRN-Campus Pau dos Ferros é o único que oferta em todo o país.
	R9: Acredito que por ser um curso "novo" no campus, eles têm ainda uma certa dúvida no ensino dos alunos.
	R10: Não pretendo me tornar apicultor, porém levarei tudo o que aprendi para ensinar a outras pessoas a importância da polinização e da abelha em si.
EA42	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Agricultor; Mãe: Funcionária pública
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: Pelo ensino de ótima qualidade.
	R6: Por interesse na área.
	R7: Sim, dificuldades com matérias de exatas e problemas de saúde, ansiedade, depressão que acabam me prejudicando academicamente.
	R8: Um curso um tanto que desvalorizado em comparação aos outros cursos, mas também um curso de extrema importância.
	R9: Não sei, mas acho que um curso de menos importância para alguns deles.
	R10: Ter um conhecimento evoluído na área e poder algum dia exercer na área.
EA43	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Agricultor; Mãe: Agricultora
	R3: Somente públicas
	R4: Pardo
	R5: Ter um ensino mais qualificado para poder ter a chance de um dia conseguir chegar em meus objetivos com base na educação do IFRN.
	R6: Pelo simples fato de que eu quero medicina veterinária e apicultura foi um curso que me interessou mais.
	R7: Sim, acredito que a falta de aulas práticas no apiário.
	R8: O curso de apicultura não está formando apenas técnicos e sim pessoas que consegue ver a importância das abelhas para o meio ambiente.
	R9: Por ser um curso em que não é da área de conhecimento de muitos, ocorre uma certa desvalorização.
	R10: Tentar conseguir um emprego, ou até mesmo abrir um apiário com a minha família e tentar conseguir algo com meu técnico.
EA44	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Autônomo; Mãe: Não trabalha
	R3: Somente públicas
	R4: Branco
	R5: A escola parecia ser melhor, mais aprimorada.
	R6: O mais interessante entre os ofertados.
	R7: Sim, nas matérias que não são técnicas.
	R8: No início não gostei muito, mas depois fui criando muito carinho e orgulho do curso. Hoje em dia não me imagino cursando outro.
	R9: Totalmente desvalorizado, inclusive pelos próprios professores do curso.
	R10: Poder incentivar outras pessoas na preservação das abelhas, informar sobre a importância dos produtos apícolas e se possível conseguir um emprego na área.
EA45	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Músico; Mãe: Pedagoga.
	R3: Somente públicas
	R4: Preto
	R5: Ensino de qualidade.
	R6: Os outros cursos não me interessavam, e gostava do fato de não ser um mundo com o qual eu não era familiarizado. Quis conhecer mais.
	R7: Não. Nenhuma.

	R8: Um curso que precisa de mais visibilidade e valorização pela sua grande importância para a sociedade, principalmente por ser algo novo.
	R9: No geral, se forma arrogante e desnecessária.
	R10: Ter o certificado de técnico em Apicultura, e quando tiver na área de trabalho, pretendo colocar um negócio relacionada a apicultura com meu dinheiro.
EA46	R1: Zona Urbana
	R2: Pai: Agricultor; Mãe: Agricultora
	R3: Somente públicas
	R4: Pardo
	R5: Devido as condições de ensino serem de qualidade, além de, o IFRN ofertar um curso que é bastante importante, que é Apicultura.
	R6: Por ser uma área que me identifico muito, além disso, o conhecimento dessa profissão é muito valioso.
	R7: Não, nenhuma.
	R8: O curso é muito bom e possui excelentes profissionais mais da área técnica.
	R9: Acredito que seja visto como uma área importante e que seja e que precisa de incentivos.
	R10: Pretendo, talvez, trabalhar na área, de modo a contribui com os meus conhecimentos. Ajudar apicultores locais em seus projetos ou contribuir para pesquisas.

## APÊNDICE 2 - Transcrição das respostas dos estudantes dos Cursos Técnicos de Nível Médio Integrado em Informática e Alimentos

R1: Resposta para a pergunta 1 (Analisando os três cursos técnicos de nível médio integrado ofertados pelo campus Pau dos Ferros do IFRN que imagem você faz do curso de Apicultura?)

R2: Resposta para a pergunta 2 (Na mesma perspectiva, qual a sua percepção acerca dos estudantes do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura?)

Estudante	Respostas
E01	R1: A imagem de um curso que sofre “preconceito” no sentido que não é valorizado pelas pessoas ou alguns alunos. Acaba por não ter tanta importância para as pessoas, mas que devem valorizar mais este meio.
	R2: Que deveria ter mais recurso e projetos para mostrar a importância da apicultura na sociedade e que comissão possa chamar atenção de mais pessoas no ramo.
E02	R1: É um curso bom, tem uma certa importância para o ambiente e para região pois por se trata de abelha, acaba que ele se volta a nossa região que é um pouco mais do interior.
	R2: É um curso bom apesar de não darem muito valor, por não ser uma área fácil de se conseguir empregos na área, mas é bom ter técnicos na área.
E03	R1: Uma imagem de importância pelo ato de trabalho com a espécie da abelha, que vem a cada vez mais o instinto duma espécie, ou seja uma imagem que só um campo tem.
	R2: Eu acredito que os estudantes não ver tanto uma percepção pelo ato das abelhas, que podem ajudar na nossa vida.
E04	R1: O curso é bastante importante, pois as abelhas são seres extremamente necessários para o meio-ambiente, e entender como cuidar e valorizar pela vida desses animais é importante. O curso parece ser bastante interessante.
	R2: Os estudantes desse curso estudam desde a estrutura de uma abelha, até como extrair seu mel e como cuidar desses animais. Eles possuem aulas práticas e teóricas.
E05	R1: Um curso tão necessário assim como os demais, considerando o ambiente que nos encontramos, assim como as abelhas.
	R2: São pessoas que poderão contribuir na sua área.
E06	R1: Tenho uma imagem satisfatória. É um curso muito bom para quem quer seguir na área e ter êxito no mercado consumidor. Ademais, é importante para adquirir mais conhecimentos no que se refere ao tema do curso, saber da sua produção, a influência que tem no nosso país, entre tantos outros benefícios que o curso oferece coma sua vivência.
	R2: Muito boa. De suma importância para o mercado e ser um melhor conhecedor dos produtos apícolas.
E07	R1: O curso de apicultura do IFRN é de fundamental importância pois é um curso que abrange o estudo detalhado das abelhas, sua fisiologia, sua flora e processamento. Trazer esse ensinamento para um curso técnico é importante pois possibilita um estudo acerca do mesmo, podendo trazer benefícios para aqueles que cursam o curso e tem conhecimento acerca do conteúdo, o que facilita o entendimento e o que é uma vantagem em relação ao mercado podendo atuar após a conclusão do curso.
	R2: Percepção de um conhecimento diferenciado o que possibilita uma espécie de maior interação.
E08	R1: É importante principalmente para a nossa região, já que estudos mostram dados tanto de exportação quanto consumo no país, são altos o que agrega valores na economia, a partir disso no momento em que se há um ensino conseqüentemente a visão do produto final é de qualidade.
	R2: É uma percepção média, pois não tenho tanta proximidade com eles, no entanto não é uma visão ruim, a partir do que estes realizam.
E09	R1: Que o curso é importante para a formação de pessoas em se tornar um apicultor. Requerendo do estudante preparo no manuseio das colmeias e do ambiente onde as abelhas vão se alimentar.
	R2: São estudantes que buscam uma formação como apicultor. Eles devem ter um respeito com os animais, com que eles trabalham, no caso as abelhas. É necessário saber as características do seu estilo de vida e suas necessidades para serem criadas em cativeiro e poderem produzir e prosperar.
E010	R1: Apesar de cursar informática, acredito que o curso de apicultura seja muito bom. É um curso bastante importante pois trata de assuntos bem interessantes, como por exemplo, a extração do mel. Pelo o que eu vejo, o curso parece ser bem estruturado, com ótimos professores e bastante mecanismos para poder trabalhar na parte prática do curso. É um curso que deve ser mais explorado tanto nesse campus quanto nos demais campus. Dito isso, minha opinião sobre o curso é positiva, visto que se eu não fizesse informática eu faria apicultura.

	R2: Acredito que seja como funciona o processo de criação das abelhas, isto é, como domesticá-las e criá-las. Além disso, também penso que seja como se faz a extração do mel e como comercializá-lo, como também, a prática de fazer a manutenção da colmeia, isto é, do apiário.
E011	R1: Acredito ser um curso bem completo na perspectiva de trabalho, quem se forma em apicultura não deve ter muita dificuldade para trabalhar no ramo. Para quem não deseja estar no ramo, acredito que tenham uma formação superior na área de ciências da natureza. Comparada a informática e equivalente a alimentos.
	R2: Um curso que possui muitas aulas de campo, pois é necessário a profissão. Vejo muitos trabalhos científicos nessa área e acho que eles (os alunos de apicultura) tem consciência da importância de seus trabalhos, pois a atuação das abelhas é essencial na humanidade atualmente, logo pesquisas nesse campo são essenciais.
E012	R1: Um curso importante para valorizar a cultura da região, as abelhas e mel que produzem. Trazendo ensinamentos e oportunidade de acesso a uma nova profissão. Mas infelizmente em meio aos outros cursos é o menos valorizado entre os alunos de acordo com aquilo que vejo.
	R2: Nada além do normal. São alunos como os de qualquer um dos outros dois cursos.
E013	R1: A imagem que tenho acerca do curso de apicultura é de um curso não tão abrangente como os demais, sendo focado em uma área apenas. Mas possui sua relevância no campus, onde a oferta deste curso é de raríssima oportunidade, sendo encontrada em poucos institutos do nosso país.
	R2: Minha percepção dos alunos de apicultura é que as salas são bem divididas entre meninas e meninos, diferentemente do curso de informática que prevalece o número muito maior. São alunos diversificados, sendo pessoas completamente diferentes entre si, coisa que não ocorre em outros cursos.
E014	R1: Eu tinha uma imagem bem pejorativa sobre o curso, achava que o curso não iria me agregar nada de importante e trabalhar com abelhas era chato. Nessa perspectiva, levando em consideração os três cursos, minha escolha imediatamente foi a informática tanto pelas possibilidades de emprego quanto por uma paixão pessoal. Com o passar do tempo na instituição e o convívio com alguns colegas que cursavam apicultura, minha opinião se tornou mais positiva sobre o curso pois percebi que existia a existência de matérias de empreendedorismo e outras que também te preparam bem para o mercado de trabalho e para o ENEM. Mesmo assim, esse preparo serviria para outras áreas que já não me interessam pela apicultura.
	R2: Eu não tenho perspectiva com relação a isso. São alunos como os outros.
E015	R1: Nenhuma imagem, a não ser uma ideia abstrata, onde o curso tende a oferecer o essencial para a apicultura e para emprego, tudo conforme escuto e observo do curso.
	R2: Mesma resposta da questão anterior.
E016	R1: Um curso como os demais, tem suas disciplinas propedêuticas e técnicas, e essas disciplinas técnicas, aparentam para mim, serem mais práticas.
	R2: Poucos ou nenhuma são minhas observações a respeito, não costumo me envolver com alunos de outras turmas, no entanto, aparenta ser que os alunos da minha turma criam rixa facilmente com os alunos do curso de apicultura.
E017	R1: Penso que seja um curso deveras interessante e, principalmente importante para a economia da região. Até mesmo porque esse é o único curso de apicultura dos IF's. Além disso, destaco também a contribuição evidente na questão apícola, que é de tamanha importância para nós, quando falamos em alimento e etc.
	R2: Penso não ter nada a declarar, são tão quão quanto os outros, assim seja.
E018	R1: Acho que é um curso útil para os alunos, já que há uma grande oferta de empregos para essa área na nossa região.
	R2: Não tenho nada em especial a dizer sobre eles.
E019	R1: É um curso que traz um conhecimento importantíssimo para os alunos do Campus, pois a atividade apícola é um ramo que vem crescendo bastante nos últimos anos e é uma ótima opção tanto para quem deseja ser apicultor para se manter economicamente, pois é rentável, quanto para quem deseja se aprofundar no campo do conhecimento, pois cada vez mais pesquisas vêm trazendo novidades e inovações sobre a apicultura, e isso é muito bom, pois ajuda bastante no desenvolvimento da região.
	R2: Não faço distinção de personalidades por curso, pois acho que este é um fator redundante para caracterizar os alunos.
E020	R1: É um curso diferenciado e de grande importância, principalmente agora com o risco de extinção, algo que pode afetar diretamente toda a população.
	R2: Não tenho opinião exclusiva para eles, vejo mais todos nós como um todo, mas que possuem suas particularidades e importância.

E021	R1: É um bom curso e oferece muitos conhecimentos na área. No entanto, pensando pelo lado do mercado de trabalho, nossa região não dispõe de oportunidades para a área. Pode-se dizer que para nossa região é um curso sem retorno.
	R2: Eles fazem por amor, pois como o mercado de trabalho na região é escasso, eles fazem o curso porque realmente ama a área.
E022	R1: Um curso bom, pois é um dos únicos da região, mas se comparado a outros cursos como alimentos e informática, não garante boas vagas de trabalho.
	R2: Que são estudantes que gostam do curso.
E023	R1: Eu acredito ser um curso importante para a região e também para o meio ambiente, já que abelhas são importantes para o mesmo.
	R2: Sou amiga com alguns deles, e eles dizem que gostariam do curso, mesmo que não se gostem.
E024	R1: Um curso com uma carga horária pequena, comparando aos outros. Aparenta ser um curso muito didático e com muitas práticas.
	R2: Muitos não levam a sério e consideram o curso “fácil”, com isso se trona escolha de muitos.
E025	R1: Acho que é um curso interessante, principalmente levando em conta que traz uma nova atividade econômica para a região. Portanto é um curso muito importante, não só para a escola, mas também para a região.
	R2: São alunos que alguns parecem ser interessados no curso, mas outra parte não são.
E026	R1: Um curso inovador na região que possui um apiário próprio com o objetivo transformar vidas. Vejo o curso como meio para expansão do conhecimento na área e apesar de não ter um mercado como de computadores é de extrema importância na ajuda e conservação natural.
	R2: A maioria desinteressados, não necessariamente nas matérias, mas principalmente desinteressados em dá prosseguimento na sua vida futura.
E027	R1: Eu não tenho nada contra o curso em particular, por isso não vou expressar nenhuma raiva. Na verdade, tenho uma visão otimista, visto que o curso traz um bom retorno financeiro, além de exercer um papel ecológico fundamental a meu ver.
	R2: Eu costumo ter uma ótima relação com grande parte dos alunos do referente curso. Eu sei que há muitos alunos, principalmente da tarde, que não se empenham como deveria, mas eu não vou fazer julgamento, até porque eu não a melhor pessoa para falar.
E028	R1: Um curso muito bom e que agrega muitos conhecimentos, principalmente quando se trata de pequenos criaturinhas que matem um controle gigantesco quando se fala no futuro para o planeta.
	R2: Vejo que muitos estudantes realmente se empenham, porém não posso afirmar que é por conta do curso que alguns alunos são desligados ou desinteressados, enfim, uma mesclagem entre alunos “beleza” e outros que não se interessam.
E029	R1: Bom, o curso tem seus valores, pois eles estudam as abelhas e os seus benefícios para a vida terrestre. Assim como os dois outros cursos, inovam com a criação de novos produtos provenientes do mel, tanto na área da indústria, como na área mercadológica, ou seja, na área artesanais.
	R2: Dividindo por ano, o 1º ano é sempre o mais levado que não leva nada a sério nos primeiros semestres. A partir do 2º ao 4º ano eles começam a pegar o ritmo do campus. Na minha perspectiva as pessoas do curso são chatas, ou seja, “bossais”, mas por outro lado, na verdade não tem outro lado.
E030	R1: Com base em conhecimentos adquiridos antes, e principalmente depois de ingressar no IFRN (mesmo não fazendo parte do curso de apicultura) é um curso importante, assim como os outros, e que nos dias de hoje está crescendo cada vez mais, com pessoas nesse ramo etc. Apesar de que observando aqui o Instituto, não é tão valorizado assim como os de Alimentos e Informática.
	R2: Observando os alunos e comparando-os com os dos outros cursos, a percepção é que são pessoas que aparentemente “livres” demais. De certa forma, despreocupados, mesmo em meio a tantas atividades acadêmicas que nos são colocadas e acredito que para eles não é diferente. Claro que não são todos os alunos, mas pelo menos uma grande maioria aparenta ser assim.
E031	R1: O curso de apicultura para a instituição e os alunos é de extrema importância, pois ele de certa forma abre oportunidades para muitas pessoas, traz novos caminhos já que o ramo da apicultura é de maneira significativa uma fonte de sobrevivência para grandes números de pessoa no país. Assim, percebe-se que a formação específica nesta área é de maneira significativa uma porta que pode se abrir no caminho de muitas pessoas. O conhecimento oferecido no curso para os jovens que atuam na área de certa forma aumenta a possibilidade de novas ideias no ramo e também coloca muitos destes em empregos, ou seja, gera mais áreas de emprego e uma melhoria da apicultura na nossa região, pois como sabemos muitos apicultores não tem conhecimento técnico da apicultura na nossa região.

	R2: Os alunos que atuam no curso parecem gostar do estudo na área, embora exista alguns que não tem total interesse, mas de maneira significativa acho que a maioria dos alunos tem interesse, pois o curso proporciona novos caminhos e muitas das vezes muda a vida de muitos. Os alunos em questão de comportamento são como os alunos do curso de alimentos e informática, às vezes, parecem ser mais descomportados, mas no geral percebe-se que muitos tem interesse na área.
E032	R1: O curso de Apicultura ofertado em uma região do Alto Oeste Potiguar é importante para o desenvolvimento da cultura apícola. O campus Pau dos Ferros é uma ferramenta importante não só para o desenvolvimento dessa cultura, mas é capaz de capacitar apicultores que movimentam a economia da região. Várias famílias com baixa renda são beneficiadas, tendo um ganho (dinheiro) no final do mês, graças a capacitação ofertada durante o curso. R2: Acerca dos estudantes de apicultura, não posso julgar, ou ter uma imagem negativa de todos os estudantes devido alguns indivíduos de mal caráter que pensam que o seu curso é o mais importante do campus. Infelizmente, alguns estudantes não passam uma imagem positiva do curso, ou não dão a devida importância e relevância que o curso de Apicultura tem.
E033	R1: acredito que entre os três cursos, apicultura possui a vantagem de valorização de um potencial regional, aprimorando um setor artesanal em sua parte “informalizada” e trazendo uma facilidade de manejo e processamento para o local a nível industrial. R2: Inicialmente, o curso possuía uma certa fama acerca do desinteresse dos alunos pela menor concorrência. Porém acredito que isso seja uma característica menos ligada ao curso e mais atada aos indivíduos, havendo esse problema em qualquer outra parte.
E034	R1: Na minha concepção talvez seja o curso mais bem preparado dentre outros, e também é uma formação que tenha algum retorno após o término, apresentando uma maior oportunidade de emprego e desenvoltura dos alunos com o campo. Pois não é uma disciplina apenas classe, o objetivo do curso vai além. R2: São alunos menos tensionados, em questão de querer ser melhor que o outro, o aprendizado deles vai além de provas e trabalhos, pois eles podem usufruir de aulas de campo.
E035	R1: Apesar de ser um curso interessante, de procurar desenvolver na região algo diferente, é de difícil realização. Pela grande escassez na região nordeste o direcionamento do curso para a parte teórica é inevitável, por falta de produtores próximos. R2: Alunos em grande maioria desinteressados no conteúdo teórico acerca do curso, cursam apenas por cursar.
E036	R1: Um curso único e especial, muito específico, porém que traz várias oportunidades pois é uma área que cresce no Brasil e no mundo. Diferentemente do curso de alimentos, que para mim é o melhor. R2: Sinceramente, não gosto da maioria dos alunos. Por ser o curso menos concorrido, traz consigo a ralé das outras escolas. No entanto, o IF proporciona uma melhoria na personalidade desses alunos, que ao final do curso saem como bons profissionais e pesquisadores.
E037	R1: O curso de Apicultura é o que possui menor carga horária e que trabalha mais na prática. Nesse sentido, eu acho um curso bom. Contudo, acho muito sucinto e digamos que “fácil”, quando comparado aos outros – Alimentos e Informática. Mas em síntese, é um bom curso, ótimos professores. R2: Eles têm mais tempo livre e possuem IRA's menores quando comparados aos de outras turmas. Parecem ser esforçados, mas não aplicam as áreas de conhecimento do curso, são desleixados.
E038	R1: É um curso interessante, principalmente voltado para região, uma vez que se torna uma alternativa econômica para a população. Entretanto, por se tratar de um curso mais agrícola não faz meu estilo, e, portanto, não gosto do mesmo. R2: Não conheço muitos dados sobre tais, mas considero sempre as turmas mais divertidas, sendo na minha concepção relacionada ao fato destes muitas vezes não serem tão ligados aos estudos, como alunos de outros cursos.
E039	R1: Que é pouco valorizado, apesar de ser um dos cursos mais uteis na nossa região. R2: São os mais relaxados e despreocupados com o rendimento acadêmico dentre os três cursos.
E040	R1: É um curso que, a prior, possui muitos estereótipos acerca das disciplinas e alunos. Aparente ser um curso mais leve quanto as suas disciplinas, pelo que ouço falar quando comparado com demais cursos. Imagem essa que é reforçada pela visão dos próprios estudantes que ao se inscreverem no exame dizem que irá escolher o curso porque é mais fácil. R2: Muitos são brincalhões e relaxados, que inclusive gostam muito de faltar, contudo tem-se exceções.
E041	R1: Analisando a partir da influência dos três cursos, acredito que o curso de Apicultura se apresenta por ser um curso mais peculiar, não tão conhecido e que a partir disso acaba sendo um curso de certa forma menos bem visto e conseqüentemente gerando um certo grau de desvalorização. Mas, acaba que para o mercado de trabalho o curso deixa a desejar em relação aos outros.

	R2: A percepção acerca dos estudantes é que alguns se apresentam mais “descansados”, alguns só entram no instituto com a ideia de que o curso é mais fácil, acabam se tornando a partir de alguns comportamentos como os alunos que “não liga para os estudos”, mas tem as exceções.
E042	R1: Ao analisar e comparar o curso de apicultura com os demais cursos, o curso em questão aparenta ter nível mais fácil (os próprios alunos dizem isso), com matérias simples (“embalagens”).
	R2: Ao andar pelo pátio é possível ver que diversos alunos não assistem aula, em sua maioria alunos de apicultura, principalmente no tótó, mas eu preferia ser de apicultura mesmo levando em conta o que foi dito.
E043	R1: Acho um curso interessante e diferente, no entanto se compararmos a Alimentos e Informática, percebemos que tem uma disponibilidade menor de mercado de trabalho, na qual se trata ao sair do técnico em busca de um emprego. Então, na nossa região não utiliza tanto a técnica em apicultura como utilizaria o curso de informática. Assim, considero que seja um curso com pouca importância devido as condições de nossa região não ser própria para tal área.
	R2: Todo curso tem alunos bons e ruins, no entanto, a imagem que se tem do aluno de Informática é mais um nerd, já de apicultura de uma pessoa que estuda pela realidade deles, não sei falar se é verdade, porém isso é uma visão ampla e estereotipada pela maioria dos estudantes do instituto.
E044	R1: Um curso interessante, porém falta mercado de trabalho. O que me faz achar que o curso é “descartável”, mas tenho consciência de que é importante o estudo das abelhas.
	R2: Que alguns alunos são subestimados apenas por fazerem o curso.
E045	R1: Em relação ao contexto da região, é importante pois desenvolver o conhecimento de alunos que pedem estágios na região. Mas podemos consolidar que o curso é vulnerável em relação aos outros, em relação a matérias aplicadas, podendo comparar com matérias e projetos desenvolvidos por informática a diferença ou agregação cultural e histórica é gritante.
	R2: Alunos que em sua maioria se mostram despreparados, se percebe que o nível de facilidade das matérias técnicas comparado a colegas de outros cursos é exagerado. Muitas vezes, não dão importância nenhuma para participação ou atividades estagiárias, quanto presença de aulas. Alunos do curso de Informática e Alimentos são mais bem preparados para o mercado de trabalho.
E046	R1: Que ele é o mais “estigmatizado” pois sempre o consideram inferior e na maioria das vezes não se dão conta da sua importância e também da especialidade pois é o único Campus que oferta no RN, é o de Pau dos Ferros.
	R2: Que geralmente são os de menores desempenhos, pois devido ao preconceito enraizado, eles mesmos tratam seu curso como inferior, mas nos últimos anos isso vem mudando.
E047	R1: Infelizmente, no campus Pau dos Ferros, é o único campus que oferece esse curso, levando em consideração a importância das abelhas no meio ambiente, vemos o quão importante é o curso, entender que o quão é válida a importância do mesmo, pois o curso valida o ensino sobre a importância dele também.
	R2: Acredito que todos veem a importância de carregar uma formação do curso técnico de apicultura, pois ele abrange uma grande importância para o mundo, e acredito que 90% dos alunos pretendem seguir na área.
E048	R1: Um curso que deveria ser mais valorizado e ofertado em diversos estados do Brasil, outros campus, pois só é ofertado no IFRN, no nosso campus, Pau dos Ferros. Apresenta pouca oferta de estágio para os alunos concluintes, quer dizer, existem poucas possibilidades de estágio, por não ter empresas ou outros meios que trabalhem com apicultura na nossa região, por isso, alunos enfrentam fazer o TCC para concluir o curso. A apicultura é muito importante na parte dos alimentos que dependem muito dela. É um curso interessante, é tanto que seria minha segunda opção.
	R2: São estudantes que, na maioria dos casos, escolheram apicultura pois não queriam alimentos ou informática por ouvir de outras pessoas que os outros cursos são “mais difíceis”. Uma bobagem isso. Acredito que alguns não aproveitam muito o que o curso oferece.
E049	R1: É um curso excelente, contudo, devido a demanda ser pouca no estado, as vezes sofre desvalorização. O estado, mais específico do agreste, oferta vegetação propícia a criação de abelhas, contudo necessita de profissionais da área, e o curso de apicultura tem formado muitos técnicos nessa área.
	R2: Alguns são bem esforçados, outros nem tanto. Alguns chegam no campus sem conhecimento algum, e se apaixonam pelo curso, enquanto outros não gostam e só concluem por concluir mesmo.
E050	R1: Dentre os três cursos citados acima, o integrado em apicultura destaca-se dos demais devido a oferta de práticas apiárias e apícolas. Além das abordagens sustentáveis que o curso busca apresentar a comunidade externa, resultando assim, em uma visão de qualidade do curso.

	R2: Geralmente são estudantes que vem de famílias e comunidades rurais e buscam aplicar o conhecimento do curso na propriedade, os demais geralmente ingressaram no curso devido a não identificação com as outras duas opções ofertadas pelo campus.
E051	R1: Aparentemente é um curso ruim, porém quando nos adentramos no interior da instituição, percebemos que o curso técnico em apicultura é, digamos que peculiar. O curso vai muito além de cuidar de abelhas e comer mel, entram questões ambientais, matemáticas, de gestão e também geográficas. Como sabemos, o curso é ofertado apenas em Pau dos Ferros, o que é bom, pois a partir desse curso a cidade ganha mais destaque no semi-árido. Então concluímos que: Apesar de ser visto como o pior curso, isso não é verdade, pois o mesmo oferece grandes oportunidades.
	R2: O curso de apicultura é um ótimo curso, porém os alunos que os compõem precisam entender a complexidade do curso e se portarem como alunos de uma instituição federal. Muitos alunos escolhem o curso por “falta de opção” e por acharem ser o mais fácil, por isso quando chegam no campus o desprezam, e muitas vezes agem como, desculpe o termo, folgados e vagabundos. Portanto, os alunos devem melhorar nesse quesito, pois o curso é muito bom, mas os alunos não dão valor.
E052	R1: Na minha concepção, o curso de apicultura existe como um dos mais importantes da rede de Institutos Federais, uma vez que está relacionado a uma importante área da economia agrícola do país.
	R2: Percebo que os estudantes de apicultura raramente demonstram interesse em seguir na área, seja como técnico ou superior. Contudo, revelam grande afinidade com as matérias técnicas.
E053	R1: Vejo como um curso importante e necessário para o cuidado com as abelhas. No entanto, para a nossa realidade, o curso serve apenas como uma forma para ingressar no ensino médio de qualidade, muitas das vezes. Além do mais, é necessário também perceber que a falta de empregos na área prejudica a visibilidade da importância durante o curso, pois muito dificilmente o aluno tem contato com outros apiários, ficando locado apenas no apiário do campus. Haja vista isso, é um curso necessário e pouco importante para o contexto em que se vive devido aos fatores supracitados.
	R2: Pelo que vejo, a maioria dos alunos ingressaram no curso apenas pelo ensino médio de qualidade para poder ter uma maior facilidade de se adentrar uma universidade quando concluir o ensino médio. Vezes percebo que os alunos de apicultura são alvos de chacotas, até eu mesmo já fiz, talvez por saber que é um curso que não atende atualmente o que a sociedade quer: capital e desenvolvimento. E além do mais, os alunos são considerados como aquele que tem pouca cobrança por quase todas as outras pessoas de cursos diferentes acharem fáceis as disciplinas técnicas.
E054	R1: Na minha opinião o curso de apicultura apresenta grande relevância para a nossa região, tendo em vista a presença de apiários nesta. Além disso, é de grande importância para o reconhecimento do campus Pau dos Ferros, pois este é o único campus do IFRN que oferta esse curso.
	R2: Aparentemente os estudantes de apicultura gostam do curso, embora alguns não pretendam seguir na área.
E055	R1: É um curso interessante, tem coisas que podem ser aplicadas no nosso cotidiano e é uma área bem legal.
	R2: Vejo que alguns não estão nem aí para o curso, e segundo alguns deles, passam porque é o menos concorrido.
E056	R1: É um curso que tem bastante importância, assim como os demais cursos.
	R2: A minha percepção sobre os estudantes do curso, é que muitos fazem o curso apenas para cursar/estudar em uma escola/instituição federal, e que muitos não pretendem seguir na área do curso.
E057	R1: É um curso importante assim como os demais, pois a apicultura é um ramo que vem crescendo e preparar os jovens para esse mercado de trabalho faz com que tenham consciência de quão cruciais são as abelhas para o nosso ecossistema.
	R2: Muitos estudantes ingressam no curso sem ter consciência do que se trata ou por achar que é o curso menos concorrido ou seja, entram no curso não por interesse no mesmo e sim, por querer estudar na instituição, alguns passam a gostar depois, outros não (entram também por acreditar que é o curso mais “fácil”).
E058	R1: O curso de apicultura é importante ramo assim como outros cursos. Nele aprendemos o manejo correto das abelhas, a importância destas para a vida como um todo. É uma atividade que deve ser mais explorada na região, principalmente pelo fator econômico que traz, como social para as pessoas. Enfim, um curso que apesar de novo se mostra muito importante, mas que deveria receber o devido crédito dos seus integrantes.
	R2: A maioria dos estudantes de apicultura não entram no curso amando as abelhas ou atividade apicultora. Muitos não se dão bem com cálculos ou não gostam da parte técnica de alimentos. Na verdade, são turmas

	sem perspectiva de crescimento técnico, bagunceiros com o objetivo apenas de terminar o ensino médio: não valorizando a verdadeira essência do curso.
E059	R1: O curso de apicultura ofertado no nosso campus tem em sua íntegra ofertada, uma grade curricular que capacita o estudante a desenvolver seu ofício, além de nossa região favorecer, no sentido da prática apícola ser cultivada, por apicultores pequenos, tratado como trabalho que tem um retorno rápido do capital inicial investido. Entretanto, temos candidatos que concorrem ao curso, que não se interessam pela área, apesar de alguns seus pais trabalharem na área, pois muitas vezes se inscrevem pelo fato de achar o curso mais fácil, coisa que acredito ser um pensamento errôneo.
	R2: É composto principalmente de estudantes de baixa renda, isso algumas turmas tem sua maioria. Além de, alguns terem se arrependido do curso, coisa que não são todos os alunos, outros falam que “achava que era mais fácil” ou “que iria desgostar, mas fiz porque ouviu dizer que era uma boa para ajudar no curso de medicina”. Enfim acho que são normais.
E060	R1: De início, tomando como base noções mais estereotipadas e gerais, há uma negligência opinativa a respeito do curso de apicultura, pois já taxei como o “mais fácil”. Todavia, depois que conheci melhor e pude notar os projetos que desenvolvem e as ferramentas/estudos propiciam, mudei minha concepção, penso que é um curso que proporciona a abertura de muitos caminhos, sendo importante para a nossa região, especialmente.
	R2: Noto que alguns são bem esforçados e são realmente apaixonados pelo ramo, desenvolvendo projetos em parcerias com os professores, inclusive. Ademais, acredito que o panorama de apicultura não difere do geral, pois também existem aqueles que não tem o propósito de seguir no curso e o levam como uma carga horária para cumprir.
E061	R1: Por ter um pai que foi apicultor vários anos, sempre fui bastante consciente da importância da apicultura. Dessa forma, sempre considerei o curso como uma grande oportunidade socioeconômica e ambiental, para as pessoas interessadas, visto as oportunidades do curso na nossa região.
	R2: A maioria das pessoas que conheço que fazem o curso não optaram pelo mesmo por afinidade, no entanto ao longo do curso pode ser que se identifiquem ou não.
E062	R1: Acho que é um curso com grande potencial, levando em consideração a nossa região, que poderia trazer muitos benefícios, tanto para a instituição quanto para a comunidade externa. No entanto, não há um investimento ideal para que isso aconteça, muitas vezes o curso é negligenciado.
	R2: São poucos os que realmente se empenham e se dedicam a área, a grande maioria acaba escolhendo o curso por ser o menos concorrido no processo seletivo e isso acaba contribuindo com a desvalorização do curso.
E063	R1: O curso em si, é importante para a nossa região. Aqui é uma área onde esse ramo está muito presente e é valorizado.
	R2: Os estudantes são os que mancham o curso, nenhum realmente gosta, e só fizeram porque consideram o mais fácil de todos os cursos, essa percepção já é disseminada em muitas cidades. Os próprios alunos desvalorizam.
E064	R1: Dos três cursos ofertados pelo campus Pau dos Ferros o de apicultura é o que eu não escolheria. Neste sentido, apesar do curso mostrar-se interessante, não é o mais aconselhável para os que buscam o ENEM, visto que o curso tem seu foco voltado a matérias que fogem do conteúdo ENEM, apesar dos outros cursos também, no entanto os outros apresentam matérias técnicas que parecem o conteúdo das matérias propedêuticas.
	R2: A maioria escolhe o curso porque acha menos concorrentes e mais fácil para passar e estudar no campus, mesmo não gostando da área. No entanto, se esforçam.
E065	R1: É um curso legal, porém sem mercado de trabalho na região, o que me faz descartar a possibilidade de fazer. E também não gosto de abelha.
	R2: Bom, alguns são bem legais e inteligentes, porém existe alguns muito bestas. Mas vejo que muitos dos alunos são subestimados por fazerem apicultura, por se tratar da menor concorrência do campus.
E066	R1: Na minha opinião é um dos cursos menos qualificados do campus.
	R2: Acho que grande maioria dos estudantes do curso de apicultura fizeram por não ter capacidade em passar em outro curso ofertado, e grande maioria não querem seguir na área, fizeram só pelo ensino médio.
E067	R1: Uma imagem que tenho, é o fato que naquele curso são ensinadas práticas de manejo com abelhas e coisas relacionadas a elas, pois com todos que converso, a maioria defendo com garra as abelhas.
	R2: São estudantes que fizeram sua inscrição no mesmo, com medo da concorrência dos outros. Entretanto, apesar de no começo não gostarem, no final terminam apaixonados pelo ramo.

E068	R1: É um curso importante, acredito. Mas não vejo utilidade prática em sua existência. Por exemplo, o curso de informática e alimentos trabalham em áreas de relevância diretas no mercado. Já o curso de apicultura não é observado uma atividade clara de sua função no mercado de trabalho.
	R2: O que se ouve nos corredores, e o que muitas vezes permeia o meu pensamento, os alunos do curso de apicultura só o escolhem fazer por ser aparentemente o curso “mais fácil” e o menos concorrido, por também acharem que não tem utilidade prática no mercado de trabalho ou ainda por que não queria fazer alimentos ou informática e optou pelo que sobrou que foi apicultura.
E069	R1: Por mais que apicultura não seja um curso altamente disputado (procurado) eu acho, ele tem um diferencial em nossa região, e é de suma importância para ela. O curso as vezes é marginalizado, chacoteado e etc, até mesmo pelos estudantes do próprio.
	R2: Alguns estudantes de apicultura apenas escolhem esse curso para poder entrar no IFRN e ter um ensino de qualidade, não visando o técnico em si. Eu creio que apicultura é um ótimo curso, só fazem muito descaso dele (eu mesmo teria feito, mas fiz informática iludido).
E070	R1: Um curso muito necessário para incentivar a cultura apícola na região e pode se expandir até o Brasil todo, porém ele não é visto dessa forma por muitos.
	R2: Vejo que muitos não valorizam o curso e fazem apenas para ter o diploma do IFRN.
E071	R1: Um curso que é muito bem desenvolvido pelo IF, contudo, não faria, porque acredito estar em risco devido a falta de políticas que visem a manutenção da vida das avelhas. Acho um curso necessário, porém, não muito lucrativo em quesito financeiro. Mediante a isso, foi minha última opção quando fui realizar minha inscrição.
	R2: Desse modo, minha percepção é de que a maioria não quer seguir na área de apicultura, embora tenham muito potencial para desenvolver projetos na área.
E072	R1: Um curso que assim como os outros oferta as disciplinas características do próprio curso. Obviamente envolvendo abelhas, como a manipulação delas e como extrair algo para o benefício humano.
	R2: Alunos que estão interessados no ensino médio ofertado, não no curso propriamente dito, são raros os alunos que seguem ou pretendem seguir na área.
E073	R1: Não tenho conhecimento das matérias que são ofertadas no curso de apicultura, mas estou ciente que o objetivo principal do curso é formar apicultores e prepará-los para o mercado de trabalho, em geral é apenas mais um curso.
	R2: Eu vejo que poucos tem interesse em seguir carreira no curso, onde a maioria busca apenas a conclusão do ensino médio.
E074	R1: Parece ser um curso de carga mais leve, e até mais divertido pela grande quantidade de aulas práticas que vejo. Não penso que seja um curso mais “desocupado”, como muitos o descrevem no meu dia a dia, apenas parece ter uma ementa de estudo mais fácil e interessante.
	R2: Muitos parecem não ter muito interesse no técnico, focando mais na parte propedêutica.
E075	R1: Não consigo fazer uma análise do curso, já que não tenho quase nenhum vínculo com o curso. Mas vejo como sendo um curso que preza muito com o meio ambiente (a preservação das florestas). Já no quesito ocupação, vejo que não é muito “puxado” já que boa parte dos alunos ficam nos corredores.
	R2: Pessoas legais, gostam do curso como um todo, mas aparentemente poucos desejam ou pretendem seguir na área. Não conheço nenhum pra ser sincero.
E076	R1: Como um curso diferente, e digamos assim como um curso exclusivo já que é o único na região e talvez país. Além disso é necessário para a nossa economia que em parte bem do mel e para isso é necessário um conhecimento aprofundado na área do mel e das abelhas. Portanto, apesar de ser desvalorizado, o curso de apicultura é de extrema importância e valor assim como qualquer outro.
	R2: Os alunos têm um porte de estudante formal que em sua maioria se interessa realmente pelo curso, mas nem todos querem seguir na área.
E077	R1: Eu vejo que é um curso que tem bastante proveito aqui na região, tem mais oportunidade e valoriza o que tem na região.
	R2: Em relação aos estudantes a gente não se dá muito bem, mas vejo que são alunos dedicados, alguns amam o curso, outros só faz por falta de opção.
E078	R1: É um curso que tem sua importância, como as demais áreas de ensino/trabalho. Que tem como prioridade ofertar capacitação adequada aos discentes.
	R2: Acredito que concluem o curso com o mesmo nível qualificado de conhecimento, assim como os demais cursos ofertados pela Instituição.
E079	R1: A primeira imagem do curso que tenho é que seja um curso onde os conhecimentos dados, são únicos. Por ser algo inovador, algo novo essa troca de informações, as pessoas tenham um pouco de dificuldade

	em relacionar algo a isso. Claro que as abelhas vem sempre, mas não é apenas isso, todo o processo que vem desde o nascimento da abelha, até a extração do mel e os conhecimentos que vão lá.
	R2: Pessoas boas e normais, como de qualquer outro curso. Claro que tem suas desavenças, coisas normais de todo mundo e isso não faz uma pessoa ser diferente de outra. Além da rivalidade presente em alguns eventos escolares internos que tem a disputa de salas e conseqüentemente, dos cursos e gera brigas etc.
E080	R1: Hoje tenho uma boa impressão do curso de Apicultura, pois ele é um diferencial em relação aos cursos ofertados no Campus Pau dos Ferros e nos demais Campus do país.
	R2: Os estudantes de Apicultura são estudantes como os outros, que tem o mesmo potencial que os alunos de Informática e alimentos, sendo até mais comunicativos em relação aos outros.
E081	R1: Um curso necessário, tanto por estudar e preservar as abelhas, quanto por desenvolver renda e trabalho para aqueles que pretendem seguir trabalhando com os conhecimentos ofertados pelo curso.
	R2: Acredito que tenham características semelhantes ou iguais aos demais alunos da Instituição, já que diferem apenas no núcleo técnico, e possuem cobranças semelhantes com os demais núcleos. As vezes tenho a percepção que eles são mais felizes sentimentalmente.
E082	R1: Em um primeiro momento questioneei a importância de tal curso, contudo na grade curricular do curso de alimentos temos no 4º ano a disciplina de “Tecnologia do mel” e através dela conheci mais sobre o curso, compreendi sua importância e deixei de lado o estereótipo de desvalorização do mesmo. Acredito que falta difusão sobre a relevância dele, principalmente na nossa região.
	R2: Os estudantes desse curso são muitas vezes subjugados dentro da instituição, acredito que pela própria imagem desvalorizada do curso. Contudo, acredito que todos os alunos do Campus possuem a mesma capacidade acadêmica. Além disso, a “rixa” entre os cursos (Alimentos, Apicultura e Informática) influencia na imagem formada.
E083	R1: Em verdade o curso de apicultura é o que mais destaca-se aqui no Campus. Apicultura sempre tem seus trabalhos expostos até uma emissora de TV mostrou o valor e importância que o curso tem. Como é importante ter mais apicultores e qualificados como os alunos de apicultura saem daqui.
	R2: Como em qualquer instituição há uma disputa em qual curso é o melhor, aqui não é diferente dos outros. Alunos de apicultura sofre um pouco de preconceito a meu ver não há para que isso. Todos os alunos que aqui estudam entraram com seus esforços e permanecem com muito estudo. E também eles são bem competidores, eles fazem de tudo para ganhar nas competições e quase sempre eles ganham.
E084	R1: É um curso com certas peculiaridades, mas é o menos desvalorizados pelos próprios alunos do curso. Claro que existe uma certa repulsa pela comunidade externa também, pois é uma área menos aproveitada menos aproveitada pela região. Apesar de todo investimento feito pelo Campus, ainda temos uma visão bem restrita do curso.
	R2: Os alunos de Apicultura são privilegiados, pois possuem sua própria área de produção em nosso campus, porém o curso ainda sofre um pouco de preconceito, pois no início era o curso menos concorrido. Porém, o curso de Apicultura possui os alunos mais debochados do Campus.
E085	R1: É um do qual se assemelha com Alimentos devido os assuntos que estudamos, dessa forma aparenta ser interessante, porém não para mim, pois as pessoas no geral são bastante desagradáveis e o curso aparenta ser chato.
	R2: As pessoas costumam ser egocêntricas, pois muitas falam sobre a importância das abelhas ser fundamental, desprezando as demais áreas.
E086	R1: Acho que o curso é de suma importância, pois a apicultura é uma atividade geradora de lucro para pequenas famílias e pode ser uma alternativa de sustento.
	R2: Diante da minha experiência com tais, os julgo invejosos, ignorantes e que não respeitam os demais cursos fazendo brincadeiras de mal gosto com os demais cursos.
E087	R1: É um curso importante assim como os demais, que agrega valor a economia local, visto que a apicultura é um meio de sustento para diversas famílias da região, assim como também valoriza o contexto histórico da apicultura que não é tão valorizado/reconhecido em outras regiões. Além disso, na minha opinião o curso deveria ser ofertado em um número maior de campus para atribuir reconhecimento, visto também que não é curso muito caro para ser disponibilizado. Porém como nem tudo é benéfico, é um curso que não propõe muitas áreas de trabalhos.
	R2: Alguns (para não generalizar, porém descreve a maioria) tem postura arrogante e tratam os estudantes dos demais cursos com indiferença, além de fazerem brincadeiras e comentários desnecessários.
E088	R1: A apicultura e suas tecnologias são importantes para entender o funcionamento e a relação que se tem com o ambiente, influenciado também no desenvolvimento de produção de alimentos e do meio ambiente, sendo assim, acredito que o curso é essencial para ter esse entendimento, como também, na possibilidade de desenvolver projetos pouco explorados na área e para serem explorados futuramente.

	R2: De maneira superficial, não tenho o contato direto com nenhum dos estudantes, mas já houve casos de ignorância, competitividade e rivalidade. Então não prefiro ter tal contato. Além de que sempre houve essa rivalidade entre os cursos.
E089	R1: Um curso que proporciona novos conhecimentos e uma visão diferenciada sobre as abelhas e matérias envolvidas, ensina o manejo correto desses animais, como também compreender melhor sobre o mel, suas propriedades, tanto nutricionais, como terapêuticas.
	R2: Alguns alunos são não são providos de educação, desmerecem outros cursos, no entanto, existem aqueles que respeitam e tem uma relação boa com outros estudantes, como também mostram verdadeiros interesse pelo curso e suas informações.
E090	R1: Visão global: Um curso muito bom, mas que na região ainda está um pouco escasso (ou eu que não conheço o suficiente). No curso de alimentos temos contato breve com apicultura na disciplina de Tecnologia do mel, que mostra (embora a professora não colabore) que a disciplina é interessante.
	R2: Primeiro: Nada de generalizar, pois algumas pessoas do curso são legais. Segundo: Seria maravilhoso que alguns alunos não se comportassem como se existisse alguma superioridade em seu curso, ou que são mais privilegiados que outros etc. Respeitar os coleguinhas de Informática e Alimentos seria muito legal.
E091	R1: Sinceramente considero um curso essencial para o entendimento das abelhas e conseqüentemente o entendimento da flora, auxiliando e criando caminhos para perpetuarmos nossa espécie. Obs.: Acho estranho glorificarem o curso falando da essência das abelhas, mas jogar fumaça nelas.
	R2: Estranhos e “nojentos” em sua maioria, normalmente são pessoas que não se comunicam com pessoas de outros cursos e também se acham demais. São técnicos em apicultura, porém se acham reis (sua maioria).
E092	R1: É um ótimo curso, mesmo não sabendo muito, mas vejo que pode contribuir muito para que essa área possa crescer.
	R2: Em relação aos alunos eles são as vezes chatos, não todos. Mas eles parecem que se acham mais que os outros cursos, sendo que somos todos iguais.
E093	R1: A imagem que passa é que aparenta ser um curso importante, que aborda um assunto interessante, porém pouco conhecido por muitos. Porém, se comparado com os demais cursos ofertados no campus, aparenta ser o “mais fácil”.
	R2: São alunos, que assim como todos do Campus, busca uma melhor qualidade de ensino médio. Porém, são conhecidos por muitos como chatos e metidos.
E094	R1: Um curso muito interessante bastante específico, mas que pelo pouco que sei e que eu imagino consegue trazer muitos conhecimentos e aprendizados importantes sobre a natureza, de modo que ainda conseguem mostrar o quão rica é a região do semiárido e isso tudo apenas com o estudo da apicultura e a formação dos técnicos da área.
	R2: Muito carismático, mas embora tenha um certo preconceito com eles por causa do curso, são ótimos alunos e que aparentemente são muito inteligentes de modo que não acho eu haja uma superioridade dos alunos dos outros cursos.
E095	R1: A imagem que eu tenho curso de Apicultura é a de um curso interessante. Como todos os outros é de extrema importância, pois gera um enorme impacto social, principalmente em nossa região, e tem suas peculiaridades.
	R2: Não tenho muito a dizer, geralmente são pessoas legais e inteligentes.
E096	R1: Geralmente, penso que quem escolhe fazer Apicultura, é por querer uma forma “fácil”. Porém, nesses últimos anos adquiri uma visão diferente, apicultura é um curso muito importante, já que graças as abelhas temos vida e são elas que fazem a manutenção de todo nosso planeta.
	R2: São alunos mais descontraindos.
E097	R1: É um curso que se enfrenta maiores dificuldades, por a área ser de difícil acesso na região, não levado para o lado comercial, isso influencia na quantidade de estágios ofertados aos alunos do curso para uma prática profissional, é um contraste com áreas como a informática, por exemplo. Precisa de maior valorização.
	R2: São geralmente as pessoas mais extrovertidas do Campus, participativas.
E098	R1: Uma imagem boa, é um curso muito bom, só que temo por eles por saber que na região não há muita oferta de emprego para a área deles, ademais o curso é bem completo, ninguém nunca reclamou do curso, tem ótimos professores, daria nota 9.
	R2: Eu gosto muito deles, são os mais extrovertidos e brincalhões, são dados e conversam com todos e fazem amizade fácil, são bem sociáveis, há uma rixa entre Alimentos e Apicultura, mas é porque alimentos é tudo cheio de mimimi e quer ser dono da verdade.

E099	R1: Que é um curso interessante.
	R2: Não conheço muito bem, mas acho que são bem empenhados.
E0100	R1: Acho que é um curso bastante interessante, que aborda várias áreas do que se diz respeito as abelhas e suas complexidades. No curso de alimentos é visto brevemente sobre mel e suas derivações e eu achei muito envolvente, como todo o estudo da apicultura deve ser.
	R2: Acho todos bastante legais, pessoas que em geral são bem comunicativas e gostam de ajudar, sempre que tenho dúvidas na matéria de Tecnologia do mel eles estão aptos para ajudar.
E0101	R1: É um bom curso, por mais que tenha rivalidade, o curso mostra ser bem importante e com isso as pessoas que estudam ele também, pois é uma realidade do sertão a apicultura e traz bastante atrativo.
	R2: Eu não posso falar muito, pois não conheço muitos alunos, porém os que eu conheço posso falar que são bastantes legais e alguns acho melhor nem comentar, já que se acham demais.
E0102	R1: Bem, é um curso que eu sinceramente não faria, pelo simples fato de não gostar de lidar com insetos, porém considero o nosso contexto no que diz respeito a localização, creio que o curso de Apicultura é de suma importância, pois as informações que são repassadas, até mesmo as mais básicas, como o equipamento de proteção, são muitas vezes negligenciadas pelos apicultora “amadores”, essas informações são importantes para que não haja eventuais acidentes.
	R2: A maioria são pessoas amigáveis e simpáticas, assim como as abelhas, eles aprecem trabalhar sempre em conjunto, em busca de um bem comum, são raras as exceções.
E0103	R1: Parece ser um bom curso, na qual oferece diversas oportunidades de trabalho. Um curso bastante interessante nas aulas práticas e de conhecimento a cerca da produção de mel.
	R2: São alunos que tem um maior convívio com a natureza e abelhas, que buscam conhecimento sobre tal produção e desenvolvimento de trabalhos na área.
E0104	R1: Sei que as abelhas são extremamente importantes para diversos fatores do meio ambiente, acho importante e admissível estudar sobre elas, mas de acordo com o que vejo, sobre fatos (matérias, trabalhos etc.) sobre o curso, não vejo o curso de Apicultura como uma garantia profissional, diferente dos cursos de Alimentos e Informática, onde pós conclusão, o mercado trabalho é extenso.
	R2: Igual aos outros estudantes, tanto do meu curso como de Alimentos, são inteligentes, esforçados, o único defeito não está nos alunos e sim no curso.
E0105	R1: A imagem que eu faço do curso é uma imagem relativamente positiva. Nós estudantes tendemos a valorizar o curso de acordo com a oferta de trabalho na área, logo, como a demanda é baixa creio que o curso seja desvalorizado. Entretanto, eu acho que é uma área bastante interessante e já que a demanda é baixa, os profissionais aqui já formados podem criar esta demanda e, além de promover bens sociais, promove um bem para o meio ambiente, já que as abelhas exercem um papel importante nele.
	R2: Alguns bastantes sociáveis, outros nem tanto, devido a arrogância (geralmente) ou pelo ego bastante elevado. Felizmente os sociáveis são maioria, são na maior parte inteligente.
E0106	R1: Que é um curso muito importante para os alunos, pois lá é mostrado a importância do mundo das abelhas, onde então é mostrado para que as abelhas devam continuar vivendo e os perigos que podemos ter caso elas entrem em extinção.
	R2: Pessoas legais que estão determinadas a aprender sobre o mundo das abelhas.

**APÊNDICE 3** - Transcrição das respostas dos docentes

R1: Resposta para a pergunta 1 (Analisando os três cursos técnicos de nível médio integrado ofertados pelo Campus Pau dos Ferros do IFRN, que imagem você faz do curso de Apicultura?)

R2: Resposta para a pergunta 2 (Na mesma perspectiva, qual a sua percepção acerca do potencial acadêmico e das possibilidades de sucesso profissional dos estudantes do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura?)

DOCENTE	RESPOSTAS
D1	R1: É um curso muito bom para nossa região, pois somos uma região agrícola com terras de difícil cultivo pela ausência constante de água e nesse cenário a criação de abelhas possibilita uma renda boa para o trabalhador do semiárido. Só lamento que a maioria de nossos alunos não tem como foco o trabalho na área.
	R2: São estudantes, em sua maioria, que entram no curso com intuito de estudar numa escola de excelência e, por isso, não valorizam o curso como deveria e não tem perspectiva de trabalhar nessa área.
D2	R1: Eu vejo o curso de apicultura com um poder principalmente de empreendedorismo muito forte para a região do alto oeste. Porém ainda existe muito amadorismo no setor. O curso de apicultura vem com uma das propostas de sanar essa lacuna e tentar desenvolver o setor de forma empresarial. Tanto capacitando verdadeiramente os apicultores como colocando no mercado profissionais com interesse de fazer diferente
	R2: Os estudantes do curso técnico em apicultura na sua maioria infelizmente não têm perfil para a profissão, isso é um grande gargalo. Entram com objetivo de fazer ensino médio de qualidade, gratuito. Porém, os que entram com o perfil para apicultura se diferenciam. Alguns estão se saindo muito bem na pesquisa em universidades.
D3	R1: Indispensável
	R2: Batalhadores
D4	R1: Que é um curso menos valorizado
	R2: São bons alunos, mas alguns se julgam abaixo da média
D5	R1: Inovador
	R2: Acredito que poucos prosseguirão com essa profissão
D6	R1: Um curso de grande importância para o meio ambiente e, conseqüentemente, para a nossa região, afinal de contas forma profissionais que poderão desenvolver melhorias no manejo com as abelhas quanto a sua dinâmica de difundir, espalhar e controlar a vida na natureza. Desse modo, o referido curso prepara os alunos para a vida e a melhor qualidade de existência humana no meio em que vive.
	R2: Muito embora o curso de Apicultura demonstre tamanha importância, muitos estudantes não o valorizam em detrimento aos demais cursos. O que acontece é a falsa impressão de que o referido curso é inferior aos outros e que não há mercado de lucro imediato na região. Muitos estudantes acabam se evadindo e não valorizando a oportunidade que possuem. Outros terminam o curso e ingressam em áreas distintas. Mas há alunos que seguem firmes na área e os resultados são pequenos empresários e pesquisadores, professores e seres humanos preparados para o mercado apícola.
D7	R1: Curso bastante relevante na região devido à grande concentração de apicultores nos municípios que rodeiam o campus, além de ser um curso que está inserido no tripé da sustentabilidade (atividade socialmente justa, economicamente viável e ambientalmente correta).
	R2: Atualmente vemos uma melhoria no nível intelectual dos alunos ingressos, no entanto, são poucos os que desejam seguir a carreira de técnico em apicultura. A grande maioria quer ingressar na Universidade.
D8	R1: Talvez o curso que mais impacto social se os resultados forem corretamente aplicados.
	R2: Formandos podem transformar a apicultura da região, mas infelizmente não estou percebendo isso acontecer.
D9	R1: Produção animal e sustentabilidade
	R2: Estudantes carentes, mas com vontade de vencer na vida (trabalho, universidade)
D10	R1: Promissor

	R2: Carentes
D11	R1: O curso de apicultura tem um papel importantíssimo no desenvolvimento da economia local. Inserir no mercado local profissionais com conhecimentos de processamento de mel, própolis, geleira e produtos da atividade apícola traz benefícios para população e habilita os produtores locais a concorrer com produtos de outras regiões.
	R2: Apesar de não existir uma forte indústria local na área de apicultura, conhecimentos sobre processamento de mel habilitam os profissionais a trabalharem na agricultura familiar local.
D12	R1: O curso em si, é diferenciado, acredito que atenda uma demanda da região e é um bom curso. É repleto de aulas práticas, mas que precisa de uma organização e cuidados: casa do mel é subutilizada e apiário precisa ser cuidado por todos e não apenas 1 ou 2 docentes do curso. Também acho que precisa de uma atualização e reestruturação do pop. Com relação aos alunos, vê-se com frequência a entrada de alunos com o mesmo perfil: uma base ruim e bastante desinteressados no curso.
	R2: Os alunos em sua grande maioria têm uma base bem ruim, o que dificulta o ensino das disciplinas. É recorrente em uma aula, ter de não dar um determinado conteúdo porque a grande maioria não sabe a base. Essa base que eles não possuem é frequentemente dada e revisada em aulas, o que gera um atraso no cronograma da disciplina. Além disso, eles mesmo já entram na instituição desvalorizando o próprio curso, porque segundo eles é mais “fácil de passar”. Sempre que as turmas entram, fazemos uma conversa inicial sobre expectativas e motivações, e esse argumento é recorrente. A maioria apresenta comportamento indisciplinar, com aparente apatia e desinteresse pelas aulas, o que gera rendimentos muito baixos. Mesmo aulas práticas ou com metodologia diferenciada, muitas vezes não é suficiente para despertar o interesse. Lógico que isso não se aplica a todos, mas infelizmente é a maioria.
D13	R1: Considero que apesar das adversidades encontradas, é um curso de referência nacional
	R2: Em sua maioria são alunos de um potencial muito grande e capaz de alcançar muitas conquistas profissionais. Entretanto, eles têm dificuldades de perceber isso.
D14	R1: O mais interessante, e na realidade que vivemos, o que mais pode contribuir com o ambiente que estamos. Vale destacar também o certo grau de ineditismo desse curso na nossa região.
	R2: Estudantes que vão descobrindo como o curso é interessante no seu percurso. Alguns por não possuírem rotinas de estudos demoram um pouco mais a se adaptar e por vezes recebem notas baixas e até mesmo são reprovados.
D15	R1: Boa no sentido de que o curso tem uma ótima relação com os arranjos produtivos da agricultura familiar.
	R2: Existe uma diferença de nível de qualidade dos estudos relativos ao ensino fundamental. Mas não vejo como um grande problema. No geral as turmas tem aproveitamento/rendimento escolar bom.
D16	R1: É um curso muito bem estruturado e formado por professores capacitados. Capaz de formar bons profissionais para o mercado de trabalho.
	R2: A maior parte dos alunos me parece empolgados com o curso. Entretanto, percebo que alguns não aproveitam da melhor maneira a oportunidade que estão tendo em se tenficar e terem perspectiva de continuar na atividade após a formação.
D17	R1: É um curso que tem sua importância na região (uma vez que temos muitos apicultores locais e uma associação na cidade de Pau dos Ferros), mas que ainda é pouco valorizado pela sociedade, e necessita de maior divulgação de sua importância enquanto formação e atividades mais voltadas para atender às demandas locais.
	R2: A grande maioria dos estudantes que tive a oportunidade de trabalhar não compreendem a real importância desta formação e, como consequência, não se interessam pela atividade apícola. A maioria apenas foca nas disciplinas propedêuticas e negligencia a formação técnica.
D18	R1: Em termos de conhecimento, os mais deficientes. Em termos de evolução cognitiva, os mais disponíveis. Sempre busco trabalhar com as turmas de apicultura, pois ao mesmo tempo que é um desafio, é um imenso prazer e realização profissional vê/perceber a grande evolução cognitiva dos alunos e alunas.
	R2: Alunos com grande potencial para evoluir.
D19	R1: Curso único na região acho excelente
	R2: Estão perdendo a oportunidade de realmente aprender em um curso excelente e único na região.

D20	R1: Um curso que não tem muito sua colocação dentro da demanda da IES. R2: Alunos como os demais.
D21	R1: De relevante importância e associado a dinâmica socioambiental da região. R2: Interessados é participativos apesar de ainda existir um minoria sem foco.
D22	R1: O curso de Nível Médio Integrado de Apicultura é um curso que claramente explora uma potencialidade econômica e ambiental local, oferecendo aos alunos a possibilidade de introduzir-se numa atividade econômica concomitantemente ou ao fim do curso. Em nossa região, certamente há uma potencialidade econômica para essa prática, e o curso explora essa demanda ou potencial regional: o curso oferece inúmeras perspectivas de inserção no mercado de trabalho, seja no sentido de elevar a prática da apicultura já praticada na região a um novo nível de excelência através de métodos científicos, seja no sentido de explorar toda a gama de produtos apícolas, que é uma dimensão que o curso permite aos alunos vislumbrar. Nesse sentido, o curso visa contribuir com o desenvolvimento econômico a um nível local e regional. R2: É evidente que a primeira observação a ser realizada é realidade heterogênea de qualquer sala ou curso: há alunos em diferentes estágios de desenvolvimento cognitivo, de domínio da leitura ou escrita, etc. Se numa mesma turma é possível observar essas variações no desempenho acadêmico, assim como também em termos de participação e motivação dos alunos, é evidente que essa realidade heterogênea se evidenciará em diferentes cursos. Dito isso, porém, comparativamente e de modo geral, é possível perceber uma pequena defasagem de motivação, de participação nas aulas e no desempenho acadêmico em relação aos outros dois cursos; essa suposta defasagem, há que se salientar, é percebida a um nível intuitivo e emocional, mas nunca foi alvo de uma análise comparativa sistemática e quantitativa por esse professor; é percebida, por exemplo, como uma sutil diferença de interesse e participação nas aulas, ou por um resultado acadêmico um pouco pior que outras turmas de outros cursos obtiveram na mesma atividade; porém, é importante observar que não se trata de uma regra geral válida universalmente, havendo turmas e alunos que revelam um desempenho muito superior ao presente em outros cursos.
D23	R1: Todas as turmas de Apicultura a que ensinei até hoje são muito participativas. Geralmente, o rendimento é levemente (alguns décimos) menor do que o das demais turmas. R2: No geral, são alunos bastante cordiais e participativos.
D24	R1: Embora seja um curso que integra a economia rural, característica da região do alto oeste, na prática não corresponde as necessidades dos cidadãos desta região, pois a sequência dos estudos (em nível superior) e da carreira na área da apicultura é quase inexistente entre os seus alunos. R2: Geralmente estudantes que optam pelo curso por falta de uma outra opção ou por causa da menor concorrência
D25	R1: Curso importante para a região, pois muitas pessoas trabalham com a extração de mel, mas muitas vezes, só possui o conhecimento empírico passado pelos ancestrais. O curso de apicultura desenvolve técnicos capazes de ajudar a melhorar a produção do mel do alto oeste potiguar. R2: Aparentemente, são pouquíssimos alunos que desejam trabalhar na área de apicultura. O ensino médio ainda é o maior diferencial para os jovens.
D26	R1: Considero que o curso de Apicultura, quanto à formação profissional, atende a uma necessidade e a uma característica da região, que tradicionalmente produz mel, mas sem os processos técnicos adequados. Além disso, a área de Ciências Agrárias, a que pertence o curso, é uma das que mais está envolvida em pesquisas no campus, contribuindo para a construção de conhecimento e a formação científica dos alunos que se integram a essas atividades. R2: Em relação à formação geral, entendo que os demais cursos apresentam um desempenho melhor do que o de Apicultura, o que pode se dever, em parte, às características da seleção de ingresso, pois muitas das vezes tem sido o curso menos concorrido nos processos seletivos. Isso não significa, porém, que o nível de aprendizagem e de desempenho dos alunos seja baixo em termos absolutos, apenas me parece menor quando comparamos aos demais cursos. Em relação à formação profissional, porém, creio que as atividades de ensino e de pesquisa conseguem formar nos alunos uma identidade bastante clara do curso e das possibilidades profissionais.
D27	R1: Símbolo de aproximação com a realidade social de nossa região.

	R2: Estudantes com atitudes e ações naturais para nível de ensino médio. Alunos dedicado e participantes nas ações do campus.
D28	R1: Curso de extrema importância para região, abre novas possibilidades de geração de emprego e renda para os formados nessa área.
	R2: Geralmente são alunos, em sua maioria, de classes pobres de Pau dos Ferros e região. Contudo, muitos são excelentes alunos e conseguem evoluir pessoal e profissionalmente no decorrer do curso.
D29	R1: Um curso com potencial de formação qualificada para a região. Entretanto, a região passa constantemente por períodos de estiagem o que dificulta o interesse pela prática. Observo que grande parte dos alunos não seguem a formação nessa área. Na verdade, ao me ver, o curso serve de mola propulsora para a formação geral e entrada no ENEM.
	R2: Geralmente são alunos que chegam com a base de conhecimentos um pouco comprometida.
D30	R1: Penso que é um curso técnico com potencial, mas atualmente vejo que não tem tanta demanda para técnicos nessa área na região de Pau dos Ferros e municípios vizinhos
	R2: Pela experiência vivida dando aula nos três cursos é notório um nível cognitivo um pouco abaixo dos outros dois e a grande maioria pensa em seguir para Universidade em outra área
D31	R1: Os três cursos são de excelência. O destaque vai para apicultura que é referência nacional.
	R2: Não tive contato com os estudantes de apicultura.
D32	R1: Um curso que conta com excelentes profissionais na sua condução. Tanto a coordenação como os professores das disciplinas técnicas são extremamente preparados para a formação dos alunos. Noto, porém, um certo desinteresse por parte de alguns alunos.
	R2: Temos excelentes alunos nos curso de Apicultura. Alunos com potencial real e com grandes chances de sucesso profissional, apesar de termos também muitos alunos que parecem não pensar muito sobre questões profissionais.
D33	R1: Ótimo curso, com professores capacitados e que permitem o conhecimento prático.
	R2: Apesar da limitação do campo técnico em que pese a região, há sim uma valorização da área. Os alunos, por sua vez, saem capacitados para o ingresso em universidades.
D34	R1: Um curso heterogêneo, que apresenta alunos muito díspares
	R2: Acredito que têm o mesmo potencial que os outros.
D35	R1: O curso apresenta grande relevância para o arranjo produtivo local. É inovador em sua proposta. Possui ampla possibilidade de práxis (indissociabilidade entre teoria e prática) na formação dos educandos.
	R2: Devido a parca oferta desse curso no Brasil, ele possui múltiplas potencialidades. Entretanto, presumo que a continuação ainda pode ser restrita no âmbito da graduação. Para os níveis de mestrado e doutorado penso que a área tem se ampliado e pode abarcar a formação continuada de nossos educandos. No âmbito profissional, penso que o arranjo local apresente potencialidades reais para a atuação.
D36	R1: Boa
	R2: boa
D37	R1: Percebo como um curso com uma grande capacidade de alavancar uma atividade (apicultura) ainda pouco explorada na região, mas com grande potencialidade.
	R2: Veja que hoje ainda é incipiente, no entanto, com a exploração da atividade apícola, apoiada pelo próprio curso de apicultura, as possibilidades profissionais tendem a melhorar.
D38	R1: Um curso de excelência e com bastante potencial, uma vez que a região possui um demanda considerável na área, capacitando novos profissionais para trabalhar na área. Além de incentivar a apicultura entre pecuarista da região do semi-árido, uma vez que muitos estudantes são filhos de pecuaristas e tem oportunidade explorar uma nova área através do curso.
	R2: Na perspectiva acadêmica os estudantes possuem a chance de realizar iniciação científica na área, como na participação de eventos como Secitex e Expotec da próprio instituição. No profissional, posso aferir com certeza, uma vez que não leciono para, porém os relatos que ouvi dos professores da área é que os alunos terminam trabalhando em fazendas de apicultura ou com um negócio próprio nas propriedades dos pais.
D39	R1: Que é um curso bastante específico que trata muito de manejo, e ajuda na formação para que o aluno seja apicultor e tenha seu próprio negócio.
	R2: O potencial acadêmico é enorme, podendo proporcionar o aluno a se interessar pelas áreas agrônômica e zootecnia em uma futura graduação. Porém, acredito que somente com o curso

	técnico em apicultura, as chances de atuar nessa área de forma profissional como técnico na região, é pequena.
D40	R1: De um curso consolidado
	R2: As possibilidades não são diferentes dos outros cursos, uma vez que o potencial acadêmico dos alunos não é diferente dos demais e as chances de empregabilidades são tão restritas quanto o curso de alimentos por exemplo. Mas esse é um problema de mercado, não da formação técnica do aluno.
D41	R1: O curso de apicultura é pioneiro, está bem correlacionado com matriz produtiva da região e possui um corpo docente e estruturas laboratoriais satisfatórios. Tem potencial social e educacional. Infelizmente os índices educacionais dos alunos ainda precisam melhorar pois são inferiores quando comparados aos demais cursos.
	R2: Do ponto de vista acadêmico as perspectivas são as mesmas dos alunos dos demais cursos, pois dispõem da mesma infraestrutura e corpo docente. Do ponto de vista profissional o técnico recebe uma formação que envolve desde o conhecimento biológico das abelhas, passando pelo manejo, técnicas de produção, beneficiamento e análise dos produtos. Portanto um profissional capaz de atuar em várias etapas da cadeia apícola.

## APÊNDICE 4 - Transcrição das entrevistas com ex-alunos

### Transcrição da 1ª Entrevista com ex-aluno(a) (EXA1)

P: Bom, vamos começar. A primeira parte da entrevista é só uma caracterização para termos uma ideia de quem está respondendo, então vou precisar que me informe a data de nascimento.

EXA1: 04/01/97

P: Qual a idade da sua mãe e do seu pai?

EXA1: Mãe é de 66 e a diferença para pai... não recordo agora, não sei se é de 5 anos, pai é um pouco mais velho.

P: Qual o nível de instrução da tua mãe?

EXA1: Mãe só estudou assim o primário, talvez 3ª ou 4ª série.

P: Fundamental incompleto?

EXA1: Incompleto.

P: E a profissão dela?

EXA1: É dona de casa

P: E seu pai?

EXA1: A data de nascimento dele eu não me recordo. Eu acho que é 60, mas não tenho certeza. Eu sei que ele completa ano segunda-feira, mas não tô...

P: O nível de instrução dele?

EXA1: Agricultor.

P: Me referi ao nível de instrução. A profissão é agricultor, eu já registrei aqui.

EXA1: É igual a mãe, fundamental incompleto.

P: Do 5º ao 9º ano, você enfrentou alguma dificuldade (financeira, transporte, rendimento escolar) para concluir o ensino fundamental?

EXA1: No ensino fundamental?

P: Sim, se enfrentou alguma.

EXA1: A única dificuldade foi que a gente se mudou uma vez, eu lembro que eu tava na 3ª série, aí por problemas pessoais de pai, a gente viajou para Tocantins.

P: Foi longe!

EXA1: Foi. Eu pelo menos fiquei lá seis meses. Ele ficou mais tempo porque foi primeiro. Depois a gente voltou aí houve uma quebra nisso da 3ª para a 4ª série.

P: Você cursou o ensino fundamental todo em escola pública?

EXA1: Foi.

P: Não teve escola privada?

EXA1: Não.

P: Houve apoio ou estímulo de professores, colegas e direção no teu percurso acadêmico? Estou falando do ensino fundamental.

EXA1: Sim porque no ensino fundamental eu gostava muito de teatro, de artes. Minha tia era professora de inglês e, por ela ser atriz, eu ficava muito próximo dela e gostava, tentava fazer poesia, coisa assim.

P: Teve esse apoio?

EXA1: Era como se fosse mais ou menos uma inspiração, talvez.

P: Entendi.

P: No seu ensino médio, por que escolheu o IFRN?

EXA1: O IFRN..., eu soube do IFRN quando passaram nas escolas falando e pelo menos uma professora que eu tive, que depois passou a ser professora substituta no tempo que eu estava lá, NOME DA PROFESSORA, ela era da secretaria da educação e dava aula na minha escola do ensino fundamental ainda. Então, no 8º ano eu soube do IF e comecei a me preparar, mas não me preparando, não tinha a rotina de estudar mesmo, já fiquei com vontade. Eu tentei no 8º ano, aí tentei no 9º e não passei. Eu, se não me engano, eu passei talvez na 4ª tentativa no IF e na 4ª eu já nem queria mais, só que passei e fui, porque fiz um ano ainda no ensino médio.

P: Você fez um ano no ensino médio na rede pública regular, só o ensino médio?

EXA1: Isso, foi. Aí foi, eu tentei, mas nem querendo mais e tentei por causa que WELINGTON, funcionário de lá, ele era amigo do meu irmão na época, era muito próximo, andava lá em casa... e ficou falando..., vá, tente... é muito bom. E todo mundo ficava falando que saia de lá empregado e isso ficou na minha cabeça e eu quis entrar.

P: Então a ideia era ir para o IF porque lá teria uma segurança maior, oportunidade de trabalho, essas coisas?

EXA1: Sim.

P: E por que você escolheu o curso de apicultura?

EXA1: Pela concorrência na época. Porque o número de vagas era maior e eu achava que, por ser um curso novo, ninguém queria, inclusive também não sabia, não sabia nem o que era apicultura... aí tinha uma cartilha do SEBRAE em casa, aí fui ver que era abelha, fiquei com medo.

P: Ficou com medo de abelha, mesmo assim decidiu fazer? [risos]

EXA1: Não, eu fiz duas inscrições, fiz a de informática e a de apicultura... e fiquei até a última hora tentando decidir, porque todas as vezes eu tinha tentado só informática, que era o que eu queria. Aí, por ter o número de vagas maior eu disse não, vou tentar.

P: E por talvez ser mais fácil?

EXA1: É... e na época quando eu quis entrar eu não pensava em apicultura, eu não queria fazer nada com isso. Eu estava de olho no ensino médio e só porque falavam que a formação era melhor.

P: Então eu posso dizer que o seu objetivo, quando entrou no IF, era mais o ensino médio?

EXA1: Era, muito embora ficassem falando que saia de lá empregado. Eu não sei, eu tinha um medo: Se sair de lá vou trabalhar com abelha, não quero trabalhar com abelha.

P: Entendi. Quando você entrou no IFRN, você teve alguma dificuldade na aprendizagem dos conteúdos curriculares?

EXA1: A partir do 2º período do ensino fundamental eu comecei a ter dificuldade com matemática e isso seguiu até o IF... então no IF as disciplinas de matemática e de física, que usa muito matemática, eu tinha dificuldade.

P: Como você superou essas dificuldades?

EXA1: É... no período que eu tive mais dificuldade em física, foi no último ano... assim... eu tinha dificuldade, mas eu conseguia desenvolver alguma coisa que a gente se reunia para estudar na biblioteca, sempre estudava às tardes, mas o período de maior dificuldade foi no último ano, quer era o ano de conclusão que tem tudo junto. Aí, se não me engano, fui para a recuperação e a gente era estudando em grupo... eu nunca fui de estudar em monitoria não... as monitorias eu não quis, eram CA's (CENTROS DE APRENDIZAGEM).

P: Para além dessas questões de aprendizagem, você enfrentou outros problemas no ambiente escolar durante o seu ensino médio no IFRN?

EXA1: Não. O único problema rotineiro era transporte, porque como eu sou da zona rural... aí sempre tinha esse.

P: Com relação a sua trajetória profissional após a conclusão do curso técnico de apicultura... Faz quanto tempo que você terminou o curso?

EXA1: Faz 4, eu terminei em 2015.

P: Após a conclusão do curso você desenvolveu atividade profissional no setor de apicultura?

EXA1: Trabalhar como técnico mesmo?

P: Sim, atividade profissional no setor de apicultura.

EXA1: Assim... desde que eu saí eu trabalho com abelhas, mas na universidade...

P: Como bolsista na universidade? Você faz o curso de agronomia (graduação) é isso?

EXA1: Sim.

P: Em sua opinião são boas as perspectivas de desenvolvimento da apicultura na tabela da economia brasileira?

EXA1: Sim.

P: Por quê?

EXA1: É... pegando aqui... fazendo um recorte da perspectiva regional, a apicultura tem... pode se desenvolver muito mais ainda, sabe? Ali perto do IF tem o município de Marcelino Vieira com uma associação muito grande, mas ainda não são tão organizados assim, porque geralmente o tempo que eu trabalhei na EMBRAPA (EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA), fui estagiário na EMBRAPA, é... a gente ficava coletando as informações lá, geralmente era um apicultor que mandava em tudo, que comprava mel, só que eles podem se organizar muito mais, sabe? Então, há Apodi também que é aqui na região, que já tem um entreposto, que se não me engano foi inaugurado o ano passado. Em Portalegre tem um entreposto também, então são cenários que fazem a gente pensar que tem muito a desenvolver ainda, mas também tem muito que trabalhar... porque eles poderiam, pegando a questão que a gente fez em Marcelino Vieira, eles colhem mel quando não estão fazendo nada, alguns... deu a florada, a colmeia tá cheia, vai lá coletar... mas o que eles podiam fazer era organizar melhor essa colheita ao longo do ano, sabendo quais são os períodos de florada e até agregando valor ao mel. Se no período de tanto a tanto a florada é essa... eu posso fazer um mel que pode custar mais caro que um mel unifloral, de uma florada só. Isso a EMBRAPA deu para o pessoal de Marcelino Vieira... um inventaria florístico. A aplicação não saiu ainda, mas eles deram isso para lá.

P: Deixe ver se entendi... Você está dizendo que a atividade é viável e seria mais viável economicamente se fosse mais profissionalizada, não é isso?

EXA1: Exatamente.

P: E qual o papel do IFRN nesse contexto da viabilidade da apicultura nessa região?

EXA1: ...

P: Melhorando a pergunta... qual o papel do IF, ofertando o curso de apicultura, para que essa atividade, além de viável, ela aconteça de fato na região?

EXA1: Assim... além da formação dos técnicos, que seria a mão-de-obra para tentar levar essa coisa mais profissional para próximo deles, mas uma aproximação da cadeia mesmo com o instituto através de pesquisa... porque assim, na academia a gente vê as coisas mais... de uma forma mais metódica e no ambiente prático não é assim. O que o IF poderia ajudar é nisso... e para talvez fazer um pouco mais de extensão para tentar apresentar o que é feito... e também ser demandado, nesse sentido... conhecendo os problemas.

P: Você tem conhecimento de colegas do seu curso técnico que estejam na atualidade a desenvolver atividade profissional no setor de apicultura? Que estejam trabalhando com apicultura?

EXA1: Eu sei de uma aluna de ABREU (professor do curso) que ele me falou uma vez, só não recordo o nome dela agora. É uma que está fazendo enfermagem na UERN (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE). Embora esteja fazendo enfermagem, parece que ela faz um trabalho de consultoria.

P: Deixe ver se entendi... Ela terminou o curso técnico, trabalha como técnica prestando consultoria e faz faculdade de enfermagem em Pau dos Ferros mesmo?

EXA1: Foi o que ABREU me falou uma vez. Além dela tem outro rapaz que faz Zootecnia na UFRN (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE) que eu sei que ele trabalha com abelhas lá.

P: Então deve estar morando em Natal/RN e não na região de Pau dos Ferros?

EXA1: Ele é de Marcelino Vieira, mas está morando lá em Natal.

P: Você recomendaria o curso de apicultura para seus filhos? Quando você os tiver, claro.

EXA1: Recomendaria se ele mostrar que tem interesse por essa área das ciências agrárias ou por uma coisa mais relacionada a as ciências naturais, sim.

P: Percebemos conversando com alguns alunos e em alguns questionários aplicados que grande parte dos estudantes de apicultura não tem interesse em atuar na área, por que você acha que isso acontece?

EXA1: Talvez porque o curso não seja uma coisa tão conhecida na região, embora tenha ganhado dimensão com a reportagem (referência a reportagem veiculada nacionalmente pela TV Globo, falando sobre o curso de apicultura)... porque assim... quando eu comecei apicultura eu não sabia o que era nem api + cultura juntas significava... então talvez, mas se bem que no meu tempo, quando foram divulgar o curso na escola, não tinha apicultura ainda, falaram mais de informática e de alimentos.

P: Não, mas me refiro aos estudantes do 4º ano, que estão terminando, passaram 4 anos, conhecem o curso e mesmo assim muitos deles não querem atuar na área, por que isso?

EXA1: É... eu vou contar assim... eu acho que é perspectiva... o IF te permite você ver tudo, ou pelo menos ampliar o que você via antes. Quando eu entrei no IF e até o segundo ano, eu queria fazer Letras-Língua Portuguesa ou Pedagogia, porque quando eu entrei a minha perspectiva era ali, de ficar em Pau dos Ferros e estudar ali na UERN... e das opções que tinha na UERN, o que me interessava era Pedagogia e Letras-Português... e por mais que eu começasse a iniciação científica logo no primeiro ano e comecei a trabalhar... nem comecei a trabalhar no início com abelha... eu trabalhei com visitantes florais, então incluía qualquer coisa, até vertebrados, invertebrados. No decorrer do curso foi ampliando, pensei em fazer Sociologia, pensei ir para Fortaleza, pensei ir para João Pessoa (capitais dos estados do Ceará e Paraíba, respectivamente) e fui pensando até eu chegar, que eu queria fazer Agronomia mesmo. Mas, até chegar a fazer agronomia eu fui mais influenciado pelos meus professores, porque eu queria fazer aquilo já, trabalhar com abelha, apicultura, a maioria dos meus professores eram agrônomos, zootecnistas... eu vi a diferença dos dois e decidi fazer agronomia. Eu acho que tem mais a ver com o ensino de maneira geral no IF, a junção do ensino, pesquisa e extensão... é possível fazer o que você quiser... e professores de biologia, doutor, que geralmente trabalha com uma coisa específica e você se interessa, mas não... isso eu vejo no curso tal...

P: Mas você pensou, especificamente, vou terminar o curso e vou trabalhar como técnico em apicultura nessa região?

EXA1: Não tinha esse interesse.

P: Você não tinha?

EXA1: Não tinha. Como técnico, não. Porque eu queria fazer graduação.

P: Era sobre essa questão que eu estava falando... pouquíssimos estudantes do 4º ano disseram querer trabalhar com apicultura, como técnico em apicultura... Você conhece algum amigo ou colega do curso que diga: Terminei o curso, vou trabalhar como técnico de apicultura?

EXA1: Não, no meu tempo não. Porque no meu tempo, acho que o único interessado talvez fosse eu.

P: Da sua turma inteira?

EXA1: Eu lembro que quando eu terminei, algumas pessoas disseram que tinham interesse, só que acabaram não fazendo nada na área. Eu e OUTRO COLEGA fomos para as agrárias. Eu já sabia o que queria, que era abelha e ele foi fazer Agroindústria na UFPB (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA)... começou trabalhando com abelhas lá, só que achou desorganizado e acabou não trabalhando mais, hoje ele não trabalha. Acho que da minha turma só esses dois.

P: Você não acha que há uma contradição aí, entre o IFRN ofertar um curso técnico e todo mundo que conclui esse curso técnico não querer atuar como técnico? Porque o objetivo do IF quando oferta um curso técnico é formar um profissional que possa atuar na área e aí, quase todos que fazem, pelo que você está me dizendo, quase todos que fazem esse curso não querem, não há uma contradição aí?

EXA1: Sim, há. Mas, eu já... no tempo que eu tava no curso... quando eu terminei, eu já sabia que não queria atuar como técnico. Durante o curso, uma professora ficava na minha cabeça... cria abelha, faça alguma coisa na propriedade, seu pai...

P: Sim, porque você já era da zona rural, em tese já teria o espaço...

EXA1: Eu até pensei, mas acabei desistindo. Hoje eu crio abelhas, mas sem ferrão. É porque eu estudo mesmo, gosto e coloco lá, mas nada profissional.

P: Eu posso dizer que a sua estratégia pessoal era diferente da estratégia institucional do IFRN?

EXA1: Sim, eu entendo... formar técnicos, mas os técnicos não...

P: Em tese, pelo que você está dizendo, se eu entendi bem, os alunos entram lá com o objetivo diferente do objetivo da instituição.

EXA1: Concordo.

P: Você acha que pode ser feita alguma coisa para corrigir isso a nível institucional ou esse é um... enfim, por que que o aluno entra lá com outro objetivo? Se ele não quer o ensino técnico seria mais fácil fazer só o ensino médio na rede pública regular. Por que, tendo só o ensino médio na rede pública, com duração menor (3 anos), ele prefere passar mais tempo no IFRN, fazendo um curso técnico que ele não vai atuar na área?

EXA1: Ah, pela qualidade do instituto... essa opção de fazer no IFRN. Tem uma estrutura melhor, você tem... você pode fazer ensino, pode fazer pesquisa, pode fazer extensão... mas a... talvez algo que o instituto poderia fazer era dar a opção de não fazer o técnico, mas embora seja uma escola técnica.

P: Mas é um instituto especializado exatamente na oferta desses cursos técnicos...

EXA1: Exato.

P: Eu acho que é isso. Penso que tocamos nas questões centrais. Queria saber se tinha alguma pergunta sobre a pesquisa, que queira esclarecer melhor uma ou outra questão que eu coloquei aqui? Mais algum comentário a acrescentar sobre o que a gente discutiu?

EXA1: Não, não. É isso mesmo. Desde que eu saí do IF nunca deixei de estudar/trabalhar com abelhas, mas como técnico, não.

P: Então vamos encerrar aqui a gravação e agradecer pela entrevista.

### Transcrição da 2ª Entrevista com ex-aluno(a) (EXA2)

P: Bom, para que possamos começar tem uma parte inicial que é só uma caracterização para termos uma ideia de quem está respondendo, então vou precisar que me informe a data de nascimento.

EXA2: 12/10/1998

P: Qual a idade da sua mãe?

EXA2: 39.

P: E seu pai?

EXA2: 41.

P: Qual o nível de instrução da tua mãe?

EXA2: Ensino Médio Completo e painho também.

P: Qual a profissão dela e dele?

EXA2: Mainha é faxineira e painho é servidor público municipal no matadouro público de Pau dos Ferros.

P: Do 5º ao 9º ano, você enfrentou alguma dificuldade (financeira, transporte, rendimento escolar) para concluir o ensino fundamental?

EXA2: Não. Eu morava perto da escola, essas coisas de transporte não tinha muita dificuldade.

P: Você cursou o ensino fundamental todo em escola pública?

EXA2: Foi.

P: Não teve escola privada?

EXA2: Não.

P: Houve apoio ou estímulo de professores, colegas e direção no teu percurso acadêmico?

EXA2: Mais no IF...

P: Me refiro ao ensino fundamental, já chegamos ao IF.

EXA2: Não, no fundamental não.

P: Com relação ao ensino médio, por que escolheu o IFRN?

EXA2: A qualidade do ensino e assim, todo mundo sabe que quem vai para o IF já sai mais com um aprendizado... capacitado para você ir para a faculdade... você aprende bem mais... foi mais a qualidade de ensino e... segunda opção a questão do curso que eu me identificava um pouco.

P: Isso eu já ia te perguntar... Por que você escolheu o curso de apicultura?

EXA2: Porque eu já via muita gente da minha família que me envolvia um pouco com apicultura. Eu achava interessante e queria conhecer mais sobre.

P: É mesmo? Você tem familiares que trabalham com apicultura?

EXA2: Sim, tenho. Poucos... uma três pessoas que são apicultores.

P: Na região (de Pau dos Ferros)?

EXA2: Sim, em Marcelino Vieira.

P: O IFRN desenvolveu alguns projetos na cidade de Marcelino Vieira, você também trabalhou nesses projetos?

EXA2: Não, porque eu já morava em Pau dos Ferros... aí não participei em Marcelino. Eu morava em Marcelino, depois me mudei para Pau dos Ferros.

P: Ao ingressar no IFRN, você teve alguma dificuldade na aprendizagem dos conteúdos curriculares?

EXA2: Inicialmente sim, por causa que o ensino fundamental é muito básico e bem precário na escola pública, principalmente em disciplinas como matemática... bastante dificuldade.

P: Como você superou essas dificuldades?

EXA2: Questão de monitoria, os professores ajudavam bastante. Foi mais por essas questões.

P: Para além dessas questões de aprendizagem, você enfrentou outros problemas no ambiente escolar durante o seu ensino médio no IFRN?

EXA2: Não, graças a Deus eu fui privilegiada com isso porque eu morava na cidade... em comparação aos outros alunos que tinham que vir de cidades distantes. Graças a Deus, tive um apoio muito grande da minha família, meus pais me ajudaram em tudo, graças a Deus.

P: No ambiente escolar mesmo, nenhum problema?

EXA2: Não, nenhum.

P: Faz quanto tempo que concluiu o curso de apicultura?

EXA2: 3 anos

P: Após a conclusão do curso você desenvolveu atividade profissional no setor de apicultura?

EXA2: Não.

P: Por que você abandonou esse setor de apicultura.

EXA2: Porque eu queria mais me envolver na área da pesquisa. Não seria economicamente viável para mim... a questão do capital que eu não tinha... aí preferi ir para a área da pesquisa e desenvolver mais.

P: Me explique melhor, não seria economicamente viável trabalhar com apicultura na região?

EXA2: A questão do dinheiro, a renda inicial eu não teria para custear, comprar colmeias, essas coisas... e eu não tinha o terreno, não tinha condições necessárias.

P: E se você tivesse tudo isso?

EXA2: Demais, sem dúvidas estaria lá trabalhando como técnica.

P: Em sua opinião, são boas as perspectivas de desenvolvimento da apicultura na tabela da economia brasileira?

EXA2: Muito boas, porque assim... a apicultura ela se enquadra em muita coisa, em praticamente tudo da agricultura, as abelhas são muito importantes para o ecossistema, a biodiversidade, tudo. No curso de agronomia eu percebo ainda mais que tudo se encaixa as abelhas, a importância delas.

P: Mas do ponto de vista econômico... a apicultura é viável no Brasil?

EXA2: É relevante.

P: Você tem conhecimento de colegas do seu curso técnico que estejam na atualidade a desenvolver atividade profissional no setor de apicultura? Que estejam trabalhando com apicultura?

EXA2: Não, ninguém... só temos eu e OUTRO ALUNO que estamos na área da pesquisa (como estudantes).

P: Você não conhece nenhum colega de curso que esteja, mesmo que não tenha sido da tua turma?

EXA2: Sim, tem um que tem um apiário próprio, só ele.

P: Por que grande parte dos técnicos que concluem o curso no IF não querem trabalhar como técnico de apicultura?

EXA2: É questão de interesse. Tem muita gente... o pessoal de apicultura que entra no IF eles tem pouco interesse, eles tem mais interesse no ensino.

P: No ensino? Como assim?

EXA2: Na qualidade do ensino do IF, não é tanto no curso. O maior defeito que eu acho do pessoal que faz apicultura é justamente esse. Que eles visam mais o ensino e não o curso.

P: O ensino médio?

EXA2: Sim, o ensino médio.

P: Então poderia ser qualquer curso?

EXA2: Poderia ser qualquer curso, eles só querem o ensino médio.

P: Você acha que a maioria (pensa assim)?

EXA2: A maioria, sem dúvida. 95% não quer o curso de apicultura, não se identifica.

P: Não é uma contradição?

EXA2: É sim, estudar sobre, ver que é importante e mesmo assim não seguir a área.

P: Não só isso, por exemplo: o IFRN é uma escola técnica e existe ensino médio, com duração menor (3 anos) ofertado na rede pública estadual, então se você quisesse só o ensino médio teria no estado, no IFRN só temos o ensino médio integrado ao técnico, não seria mais fácil fazer só o ensino médio no estado?

EXA2: Sim, eu não consigo entender. Acho que a minha revolta é justamente isso... não dá valor.

P: Tem a ver com a qualidade?

EXA2: Sim, a falta de qualidade do ensino público (estadual) aí eles resolvem fazer IF pra ir para a faculdade.

P: Você recomendaria o curso de apicultura para seus filhos, quando você os tiver?

EXA2: Demais, ave maria.

P: Por quê? gostaria de entender melhor.

EXA2: Pela afinidade com a área... eu gosto demais... os professores são muito capacitados. Os professores de apicultura do IF são excepcionais.

P: Voltando a questão da contradição. Não é complicado o IFRN ofertar um curso técnico e não ter técnicos trabalhando na região?

EXA2: Sim, é.

P: Aplicamos alguns questionários e grande parte dos alunos do quarto ano, que estão concluindo o curso, conhecem a importância da atividade, a viabilidade econômica e tudo mais, mas mesmo assim quase ninguém...

EXA2: Ninguém quer seguir na área, não é?.

P: Ninguém, por quê?

EXA2: Queria entender também. Eu não concordo, porque tenho muita afinidade com o curso, acho que é por isso. São poucas pessoas...

P: A gente pode dizer que as estratégias dos alunos, quando entram no curso, são diferentes das estratégias da escola.

EXA2: A estratégia da escola é formar um técnico para que ele desenvolva o mercado e a do aluno é totalmente diferente é só a qualidade do ensino.

P: Pelo tempo que o curso está sendo ofertado na região, já temos em torno de 4 turmas que concluíram, você acredita que houve algum incremento na atividade econômica da apicultura na região?

EXA2: Não, eu acho assim... o curso seria mais viável se fosse voltado para os apicultores da região e não para os alunos do nível médio.

P: Mas para os apicultores da região o IFRN já oferta cursos de qualificação profissional de menor duração Para profissionalizar essa atividade era importante que esses técnicos atuassem na região.

EXA2: Sim, que os técnicos atuassem.

P: se não querem mesmo atuar, por que você acha que seus colegas escolheram o curso de apicultura?

EXA2: Pela concorrência, porque os cursos de alimentos e informática são mais concorridos, tem mais pessoas que optam por esses cursos... aí eles escolhem o menos concorrido para entrar no IF.

P: Então todo esse pessoal que optou por apicultura poderia fazer qualquer curso?

EXA2: Sim, a maioria da minha turma tinha mais afinidade com alimentos e com informática, só que como achavam que não iam entrar pela concorrência, optaram por apicultura.

P: Então a estratégia é entrar no...

EXA2: No IF em busca do ensino médio de qualidade.

P: O curso técnico poderia ser qualquer um...

EXA2: É, tinham uns que faziam com raiva as disciplinas técnicas, outros despertavam interesse, mas sabiam que não queriam seguir na área, porque por acaso gostavam mais da área de direito... ah não vou seguir na apicultura porque eu gosto mais de direito, mas eu tenho afinidade... fica como uma segunda opção sabe.

P: O ano passado os alunos concluintes de apicultura divulgaram uma pesquisa que dizia que grande parte dos alunos de apicultura se sentiam vítimas de um certo preconceito, dentro da escola, por parte dos outros alunos e professores. Você sentiu isso? Acha que isso existe?

EXA2: Não, não senti isso não. Não senti diferença.

P: Mesmo assim você acha que esse, eventual, preconceito seria determinante para os alunos de apicultura não seguirem na área?

EXA2: Não, acho que não. É porque não queriam mesmo atuar, desde o início.

P: Você disse que é revoltada com esse pessoal?

EXA2: Porque eles não dão valor ao curso, a estrutura.

P: Você está se referindo aos alunos dos outros cursos que não dão valor ao curso de apicultura?

EXA2: Não, os de apicultura mesmo que não dão valor ao curso.

P: Mas ultimamente o curso de apicultura virou, de certo modo, uma vitrine do campus, no ano passado, principalmente, foi matéria de reportagem nacional, mesmo assim os alunos não se interessam?

EXA2: Eu não sei a situação atual como está. No ano passado vieram três turmas para cá (UFERSA-UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO), visitar o setor de apicultura lá na fazenda. Era nítido o desinteresse das três turmas, os professores ficavam assim... o nível de interesse na palestra era zero.

P: É complicado, não? Porque pelo que você está dizendo o curso técnico perde o sentido.

EXA2: Perde o sentido, totalmente. E assim, para uma reportagem dessa (referencia a reportagem que divulgou o curso e o campus no Globo Rural) o curso é maravilhoso, mas quando você vai para a realidade... os alunos... pela reportagem você viu... o curso é maravilhoso e tal... até na reportagem... um menino mesmo falou que não gostava do curso... ele disse que entrou sem gostar e não gostava do curso.

P: Não seria mais fácil optar por outro curso?

EXA2: É a concorrência.

P: Acho que encerramos, nesse período curto a gente tratou das questões centrais. Queria te agradecer e saber se tem alguma dúvida sobre essa pesquisa, algum ponto que você queira esclarecer?

EXA2: Não, nada.

## APÊNDICE 5 - Transcrição da entrevista com o Coordenador do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Apicultura

### Transcrição da Entrevista

P: Bom, como você é o coordenador do curso e estamos colhendo uma visão institucional, não há como garantir a confidencialidade no seu caso.

Coordenador do Curso: Tranquilo, sem problemas.

P: Então vamos começar, Qual o objetivo do curso de apicultura?

Coordenador do Curso: Hoje em dia cara, pelo nosso PPC (Projeto Pedagógico do Curso), tá como objetivo formar um profissional que atue na área de colheita, processamento, análise de mel e produtos apícolas e, nesse meio de campo aí, que ele faça também a parte de manejo de apiários, de assistência técnica, de acompanhamento de produtores. Esse assim, na verdade é algo semelhante ao que a gente encontra no catálogo do MEC (Ministério da Educação). Só que as nossas disciplinas não foram pensadas para obedecer a isso. Já me adiantando, não está nem na sua pergunta, mas já me adiantando, o objetivo que está no nosso, de formação do nosso profissional, não coincide com o que está no catálogo do MEC e muito menos com as disciplinas que são ofertadas no curso.

P: Mas na sua opinião, qual deveria ser o objetivo do curso?

Coordenador do Curso: Assim, agora já falando pessoalmente, acho que deveria focar mais no que dá maior empregabilidade que seria o acompanhamento de apicultores, porque assim, não só aqui no Rio Grande do Norte, mas em todo o Nordeste, os apicultores tem essa grande necessidade de um acompanhamento técnico, até porque a maioria deles tem uma escolaridade muito menor do que a maioria dos nossos meninos. Então, existe um nicho de mercado muito grande para isso, não é à toa que depois da reportagem do Globo Rural a gente é muito procurado por alunos que possam atuar nessa área, só que nossa formação não é nessa área. Como eu te falei, é mais para a questão da colheita, processamento, boas práticas, análises dos produtos apícolas. Só hoje eu recebi duas ligações de fora do estado, um rapaz do Ceará e um rapaz da Bahia, perguntando sobre a possibilidade de contratar técnicos, contratar profissionais. E aí assim, o que acontece, nosso aluno, ele vê muito por alto essa parte de manejo de apiários, de trabalhar com as colmeias, de trabalhar com as abelhas, com os apicultores propriamente ditos e isso é o que o mercado mais cobra, que o mercado mais anseia, mais deseja. Por incrível que pareça, assim, todo mundo fala que o aluno de informática, ele se forma e pode começar a trabalhar imediatamente com a área, já o de apicultura não, muito pelo contrário, nosso aluno de apicultura, ele tem toda a possibilidade de começar a trabalhar na área, porque aqui ao redor da escola tem muitos apicultores, a região tem muito apicultor. Nós vivemos do lado de um dos maiores produtores de mel do Brasil, que é o estado do Ceará, o Piauí logo depois, que compete com o Ceará com a maior produção de mel do Brasil. Só que nosso aluno ele tem essa dificuldade, realmente. É uma coisa que o grupo de apicultura (professores) já discute desde 2014, o curso foi fundado em 2012, com três anos a gente já discutia, tem tudo pronto até hoje, mesmo antes dos primeiros NCE's (Núcleos Estruturantes) a gente já tinha discutido para mudar essa característica. Porque nosso aluno acaba saindo, além de estar inseguro para o mercado de trabalho, ele também não tem, digamos assim, uma carga horária de capacitação em cima desse ponto específico.

P: Você está falando especificamente do curso, do perfil do curso ofertado hoje, mas com relação aos alunos, o que a coordenação espera dos alunos quando eles concluírem o curso técnico de nível médio integrado em apicultura?

Coordenador do Curso: Cara, eu vou te dar duas respostas, a primeira o professor que chegou aqui no ano de 2013 e a segunda do professor que está aqui no ano de 2019. Em 2013 o que eu pensava era, profissional que pudesse trabalhar na área aqui, contribuindo para a região, para a cadeia apícola como um todo.

P: Isso era o que você pensava antes?

Coordenador do Curso: Quando eu cheguei aqui. Nos devemos formar profissionais para uma cadeia que é muito, mal vista, não é mal vista assim, ela não tem apoio de políticas públicas, eu não estou falando a nível federal, tanto estadual, quanto municipal, é geral. Eu trabalhei na secretaria de agricultura no Estado do Ceará por uns dois anos e eu tive a oportunidade de rodar o estado do Ceará inteiro e isso eu vi que era um problema geral. Há a necessidade de técnicos, existe sim, ela é latente. Você chega em EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) que nem fumegador, nem macacão tem, mas tem apicultores. Então existe realmente. Então eu pensava, vamos formar alunos para fortalecer a cadeia, porque a cadeia (produtiva) realmente precisa, ela necessita e vamos tá contribuindo com a apicultura brasileira.

Hoje o que eu espero do meu aluno, eu espero formar um cidadão. O que eu fui vendo no decorrer dos anos, primeiro pelo fato de entrar numa escola de qualidade, que é o instituto federal, e as vezes pela questão da pouca concorrência, outras vezes, por incrível que pareça, pela não identificação com os outros dois cursos (informática e alimentos). Nos últimos dois anos eu tenho conduzido muitos projetos integradores para tratar sobre esse assunto, por que o aluno entra aqui? Para o meu espanto, não é porque a concorrência é menor, melhor dizendo, não é só porque a concorrência é menor, mas é porque ele não se identifica com os outros dois cursos. Assim, eu não me identifico com alunos porque penso que alimentos eu vou trabalhar preparando comida, informática eu vou trabalhar consertando computadores, então se não gosto de nenhum dos dois eu vou para a apicultura.

Então hoje eu espero que o nosso aluno saia daqui formado como um cidadão, ou para uma faculdade que não precise necessariamente ser da área de ciências agrárias ou pelo menos para contribuir com a sociedade. Esse é meu ponto de vista hoje, já que quando você chega no primeiro ano e você faz uma coleta de dados dessa, só de amostragem mesmo, quem entrou aqui porque gosta de abelha? Uma pergunta bem simples, talvez nenhum aluno levante a mão. E aí assim, não sei se você já percebeu isso na sua coleta de dados, isso vai se invertendo com o passar do tempo do curso. Ele entra e não conhece nada do que é o curso de apicultura. Ele só imagina, eu vou trabalhar com abelhas, vou trabalhar com mel e vou levar ferroadas. Aí ele vai ter contato conosco da área técnica, aí no segundo ano já vai ter contato com a pesquisa, no terceiro ano vai ter contato com a prática profissional, com os projetos integradores, aí quando ele começa a se identificar, o aluno do terceiro ano em diante, ele se identifica muito mais com o curso do que o aluno do primeiro. Quando você chega no terceiro e quarto anos e pergunta quem tem intenção, você já vê um ou dois levantando a mão. Isso porque ele vai conhecendo o curso dele e vai se identificando com as ciências agrárias. Ele vai criando essa identificação com o passar do tempo, por incrível que pareça.

P: Você acredita que, na nossa região, a apicultura é uma atividade economicamente viável?

Coordenador do Curso: Ela é viável em qualquer lugar. Agora assim, o que eu vejo no Rio Grande do Norte, nós estamos muito atrasados, o Rio Grande do Norte está muito atrasado em relação ao resto do Brasil. Existem certos absurdos aqui, que eu fico, meu Deus, quem capacitou esse pessoal? Então, a nossa região tem potencial, a atividade aqui é explorada a partir da mata nativa, a partir da caatinga, ou seja o produtor não vai ter gasto nenhum para produzir mel e com abelhas que são muito bem adaptadas. São abelhas que vieram da África, o clima é praticamente idêntico, então você vai produzir mel, tranquilamente. O que falta aqui é a cultura, nós não temos cultura e isso não é do Rio Grande do Norte, é do brasileiro, nós não temos a cultura do consumo do mel, do trabalho com as abelhas, de ver a abelha como um animal que te fornece um produto de qualidade ou um serviço de qualidade. Infelizmente nós não temos isso, mas a região aqui é riquíssima. Para onde você quiser ir, vai encontrar apicultores e verá que todos estão produzindo e em escala maior ou menor ganhando dinheiro. Se você pega aqui as serras, nós temos resquícios de Mata Atlântica em Portalegre, Martins, isso é maravilhoso para a criação de abelhas e o mel produzido é um mel diferenciado. Quem pode dizer que produz mel de mata atlântica? Porquíssimas pessoas. Imagina o potencial que a gente tem. Mas aí entra o que eu te falei, quando não se tem o conhecimento, porque assim, se eu me empodero dessa informação: estou produzindo mel de mata atlântica, eu posso agregar valor ao meu produto, então a gente poderia inclusive na região ter o valor diferenciado do mel porque não poucas as regiões no Brasil que têm essa característica. Acho que, não recordo o nome agora, acontece com o champagne que só pode ter esse nome se for produzido em determinada região da França, aqui poderia acontecer a mesma coisa, mel do alto-oeste potiguar porque a gente tem uma característica de vegetação que só tem aqui. Você não vai ter resquício de mata atlântica no Piauí, no Ceará, ou na Paraíba, no Pernambuco, para você ver o tamanho do potencial que nós temos aqui na região.

P: Você disse que no início curso ninguém se interessa por abelha, por nada, mas no decorrer do curso, essa opinião vai mudando, em questionários aplicados aos estudantes do 4º ano, grande parte informou que não tem interesse em atuar como técnico de apicultura, muito embora muitos deles tenham dito que o curso é importante, o curso é muito bom, muito embora a opinião sobre o curso realmente possa ter mudado, grande parte deles não querem ou não demonstram interesse de atuar como técnicos de apicultura, por quê?

Coordenador do Curso: Vamos lá, vou até me corrigir, é a identificação com o curso que muda com o passar do tempo. Quando ele entra aqui, não sabe nem o que é apicultura, não tem identificação nenhuma. É zero. Com o passar do tempo ele vai vendo o que é o curso dele, então ele se identifica, quando chega o 4º ano ele tem um empoderamento, não deixa ninguém falar mal do curso dele. Quando ele entra aqui o pessoal fica, você vai trabalhar com abelha? Vai passar fome? Abelha só ferroa, produz mel, mel ninguém gosta, e aí quando ele vai entendendo o curso dele, já não aceita esse tipo de preconceito. E aí a falta do interesse talvez ocorra porque as ciências agrárias no Brasil não são valorizadas não. É uma área de conhecimento que coloca comida na mesa do brasileiro todo dia. E aí não técnico de apicultura, é o agrônomo, o veterinário, o zootecnista, a gente não tem reconhecimento. Não tem. Ninguém sabe, mas sem o zootecnista não tem o churrasco, não tem o ovo. Sem o agrônomo você não vai ter grãos, você não ter uma farinha, não vai ter a soja, não vai ter o óleo, e quem valoriza esse profissional? Então eu vejo mais como o valor que você dá para o profissional. O profissional da área de agrárias é muito marginalizado, discriminado. Talvez seja isso que os alunos veem e isso deixa eles assim, já vem da dificuldade muito grande da nossa região, poxa, meu pai trabalha com agricultura familiar, eu vou trabalhar com agricultura? Tudo bem que é um nível mais técnico, mas ele tem essa rejeição. Ele não quer isso para ele.

P: Você como coordenador do curso deve ter acompanhado, alguns alunos do 4º ano em 2018 fizeram uma pesquisa e diagnosticaram que um dos grandes problemas que existe no curso de apicultura é o preconceito que existe na comunidade externa (familiares, sociedade) e na comunidade interna (professores e aluno). No âmbito da coordenação do curso você já identificou esse problema? Que fatores podem explicar essa atitude? É sobre isso que você se referia?

Coordenador do Curso: Cara, certamente. Na comunidade externa não é uma coisa exclusiva do Rio Grande do Norte, da região do Alto-Oeste Potiguar. Trabalhar com agrárias é um preconceito total que você vai ter em qualquer local, não só aqui. Quando a gente vai falar de IFRN, campus Pau dos Ferros, o próprio aluno de apicultura, não sei por que isso acontece, ele se deixa muito ser rebaixado, se deixa levar por esse preconceito. O que é dito até por colegas mesmo, que o aluno de

apicultura é mais fraco que o aluno de informática, é mais fraco que o aluno de alimentos, e o próprio aluno de apicultura se deixa levar por esse preconceito. Assim, você falou do ano passado, ano passado nos tivemos alunos laureados, tinha aluna que tinha um IRA (ÍNDICE DE RENDIMENTO ACADÊMICO) maior que muito aluno de informática e alimentos. Uma aluna fenomenal, mas que não fazia propaganda do rendimento dela, que se orgulharia do rendimento dela, isso é muito notório neles.

P: Você acha que esse preconceito é determinante para essa resposta dos técnicos de não querer seguir na profissão?

Coordenador do Curso: Com certeza. Imagina assim, começa na escolha do teu curso, tua própria família falando isso. Você vai continuar com isso até o seu 4º ano, apesar de como eu te falei, você começa a ter identidade e defender um pouco mais a causa, mas quando você termina o quarto ano o que tem pela frente? Vou continuar nessa linha, sofrendo preconceito da minha família e da sociedade, ou vou ser médico? Por que médico todo mundo olha e diz, ele tá feito na vida, tá resolvido na vida. Então a quantidade de alunos que me procuram em busca de informações sobre cursinhos em Fortaleza (capital do Ceará) porque ele quer tentar medicina é muito grande.

P: Você não acha que o aluno já entra aqui não querendo o curso técnico? Por mais que ele mude aqui, passe a achar mais ou menos importante, a decisão dele de não trabalhar como técnico de apicultura não estaria tomara já antes de ingressar no IFRN?

Coordenador do Curso: Com certeza! Agora isso não é só em apicultura não. São nos três cursos, nossos três cursos integrados tem essa mesma característica. Lógico que tem o filho do agricultor familiar, que eles podem se identificar, como também você tem o cara que vai pensar que informática é manutenção de computadores e ou trabalhar no office e ele entra por causa disso, porque ele gosta, assim como tem o pessoal de alimentos que, sei lá, gosta de cozinhar, ele vai entrar por isso. Porque ele não tem a mínima ideia do que são os cursos, ele vai conhecer aqui dentro. Mas lógico que isso acontece bastante.

P: Vamos partir da premissa que você relatou, que ele não quer o curso técnico de jeito nenhum, não seria mais fácil fazer só o ensino médio em uma escola estadual, que só ofereça o ensino médio?

Coordenador do Curso: Seria, aí é que tá, a diferença é a qualidade dos nossos professores propedêuticos. Onde que ele vai ter um professor que é doutor em matemática, que tem um conhecimento diferenciado? Isso não existe. Nem nas capitais você encontra isso. A excelência que a gente tem nessa escola é totalmente diferenciada, aqui é uma outra realidade. O principal que eu vejo nessa escola, não só para os alunos de apicultura, mas para os de outros cursos, é a oportunidade. A oportunidade que ele tem, eu vou dar meu exemplo pessoal de vida, eu nasci numa capital, então eu tive oportunidade porque tive a sorte de nascer em uma capital, o que um filho de um agricultor familiar aqui da região teria se não fosse essa escola? Qual oportunidade ele teria de abrir as portas? Apesar de todo preconceito, toda dificuldade, ele vê nessa escola a oportunidade. Esse é o diferencial.

P: Você não está se referindo ao ensino técnico e sim ao ensino médio de qualidade?

Coordenador do Curso: Do ensino médio, mas aí, voltando para apicultura, apesar de ser o curso mais discriminado, que mais sofre preconceito, mas ele vê que vale a pena tudo isso para ter essa oportunidade. Isso eu vejo muito nos nossos alunos. O que está acontecendo com o passar dos anos, quando a primeira turma entrou, eles não expunham tanto isso, sabe? Eles tinham vergonha de dizer: eu escolhi apicultura porque seria mais fácil tá aqui dentro. Então quando eu perguntava quem tá aqui porque gosta de abelha, o aluno levantava a mão e dizia que gostava, mas com o passar do tempo, que a gente fazia amizade com o aluno, ele já desmentia a estória. Com o passar do tempo, se hoje eu chegar no primeiro ano e fizer uma brincadeira, vocês estão aqui por causa da escola e não por causa do curso, eles não têm inibição e dizer: é verdade professor, coisa que não faziam nas primeiras turmas, talvez porque lá na primeira turma tinha muita concorrência para estar aqui dentro, então eles tinham medo, se eu der uma resposta assim pode ser que o cara (o professor) me persiga, eu não consiga sair, só que hoje isso é totalmente aberto. Quando você pega um aluno de primeiro ano de apicultura ele vai dizer, estou aqui por causa disso, por causa do ensino médio de qualidade. Isso infelizmente reflete na parte, na vida acadêmica dele. Tem aluno que considera a parte técnica quase que como um castigo. Que ele tem que passar por essa provação para terminar o IF.

Eu posso dar um exemplo: a turma do 4º ano da manhã é uma turma, das turmas que a gente tem, é a que mais sofre com a parte técnica, porque eles já têm essa característica, é uma turma que quer dar um jeitinho de passar, eles estão aqui, ah eu vou me formar numa escola federal, mas qual o jeito mais fácil de conseguir isso? Isso é uma característica da turma, eu estou generalizando, tem algumas exceções, mas a grande maioria quer que isso aconteça, quando você vai para a parte técnica vê que a nota tem uma queda, são alunos bons, mas eles se sentem punidos de estar no quarto ano. A da tarde já é mais carinhosa, então diz que gosta para não ofender o professor da área técnica, estou falando do 4º ano. Ai nós temos uma turma do 3º ano que é excepcional, são alunos muito bons mesmo, temos o 2º ano que eu estou conhecendo agora e não posso te dar uma resposta, mas parecem ser turmas muito boas, e aí a gente chega no 1º ano que são turmas assim, que já estão demonstrando a punição por estar cursando o curso de apicultura, pode ser que com o passar do tempo e a identificação eles melhorem, mas hoje em dia são duas turmas que olham assim para a parte técnica e dizem: Por que a gente tá fazendo isso?

P: Se grande parte dos técnicos de apicultura formados pelo campus Pau dos Ferros não pretendem atuar como técnicos, qual o sentido do curso? Que função ele cumpre?

Coordenador do Curso: Vou voltar para a expectativa que eu tinha ao chegar aqui. Eu imagino isso, dar a contribuição para a sociedade de estar formando um técnico. Eu tenho essa expectativa, se não morrer com o passar dos anos, quando eu me formo eu acho que o nível superior (graduação) vai resolver a minha vida, então eu ainda tenho essa esperança que o egresso do superior, volte para a nossa realidade e veja que o técnico pode contribuir as vezes até mais que o superior dele. Eu ainda espero por esses egressos, a gente formou a primeira turma em 2015, tá muito cedo ainda. Mas eu tenho muita ansiedade, para que esses alunos voltem para a nossa realidade e vejam que o curso técnico que eles fizeram não foi em vão. Eu acho que nós temos essa missão, essa obrigação com a sociedade mesmo. Hoje realmente você pode me questionar e eu posso contribuir com alguma coisa. Pode ser que a aptidão da região não corresponda com a aptidão do curso. Mas se esse mesmo curso tivesse sido ofertado em Apodi, você teria um resultado totalmente diferente porque o aluno, posso falar porque ajudo muito na parte de apicultura do outro campus, se eu faço esse curso lá, tem muito mais apicultor, muito mais filho de apicultor do que aqui. Lá a apicultura é muito mais organizada. Você tem lá uma cooperativa que reúne quase 150 apicultores, aqui no máximo vai ter uma associação que eles utilizam para comercializar o mel deles. Não é nem para se organizar.

P: Mas não seria esse o papel que o curso deveria cumprir aqui? De tentar construir essa realidade que você diz já existir em Apodi? Não seria esse também um papel do curso?

Coordenador do Curso: Sim, é o que a gente tenta fazer, só que como estou te falando, o problema é a mentalidade, posso até estar falando bobagem, porque não sou da região para falar, estou dizendo a minha experiência nos últimos seis anos aqui na cidade. É que a mentalidade ainda tem que ser mudada. Não adianta eu chegar lá para o aluno e passar isso para ele. Ele tem, que amadurecer. Isso é uma característica de todos os nossos alunos. Eles são muito imaturos. Então eu sempre falo que o pai é muito mais importante aqui dentro da escola porque ele tem a maturidade de entender o que eu estou falando e tentar passar isso para o filho dele. Só que as vezes o que acontece, o pai é mais, tem uma formação muito menor que a do filho, então ele até tem vergonha de vir para a escola. Você pega pela reunião dos pais, no primeiro ano é lotado o auditório, no quarto ano não tem ninguém, eles mandam o filho pegar (as notas). Então, eu vou chegar para o aluno e dizer: tú é importante por causa disso, mas ele não vê isso ainda, por isso que te falei, talvez quando nós tivermos egressos que retornem das faculdades, para voltar a morar aqui na região, eles vejam isso, meu curso é importante para mim, não só na formação do meu caráter, para o nível superior, mas também porque eu posso viver de abelha, posso viver dessa atividade. Só que atualmente não, que eles querem, eu vejo muito isso aqui, eu sou filho de agricultor familiar, eu vejo meu pai trabalhando na roça e eu não quero isso para mim, então vou estudar para sair daqui, vou voltar como doutor e não vou ter a vida que meu pai teve. Só que as vezes, hoje o nível superior não te garante nada, você pode voltar doutor para a sua região e ter que voltar para a agricultura familiar. Um exemplo que temos aqui é que um aluno nosso subsequente (outra modalidade de oferta para quem já concluiu o ensino médio regular em outras escolas) foi para Areia (cidade do estado da Paraíba) fez graduação em Agronomia e retornou para cá e hoje é técnico da Prefeitura de Pau dos Ferros. Ele trabalha com essa parte de acompanhamento técnico. Ou seja, ele tinha uma mentalidade, ele voltou e viu que a realidade dele, ele contribuiria muito mais com o curso técnico do que com a graduação, porque assim, quando eu o vi pela última vez no ano passado ele não tinha acabado o curso de agronomia, então estava trabalhando na prefeitura como técnico de apicultura e não como agrônomo ainda.

P: Por tudo que você disse, podemos dizer que as estratégias individuais dos alunos são diferentes da estratégia institucional do IFRN?

Coordenador do Curso: Eu acho que sim. Institucionalmente falando, acho que temos que nos adaptar a realidade deles. Nós, professores da área técnica, tentamos fazer isso, eu pelo menos tento muito dar uma aula voltada para a realidade dele. Eu acho que a instituição as vezes peca muito nisso. Nós sabemos que a nossa região é diferenciada só que, eu sou muito ruim dessa parte de normas da instituição, mas eu acredito que a mesma aula que é dada aqui tem que ser dada em Natal, mas a gente sabe que a realidade aqui não é a de lá. Talvez, um exemplo que eu dou muito aqui para meus alunos é a questão da sociologia, tem que ser engessada, aqui você vai trabalhar com produtores, você tem que saber trabalhar com produtores, você falando sobre sociologia do trabalho, não é igual a sociologia do trabalho de um produtor rural que as vezes é analfabeto. Então você não pode chegar para ele falando do seu curso técnico, com a linguagem técnica se você não tem aquela formação em sociologia, só que ela tá amarrada pela nossa instituição. A mesma coisa que um professor de Natal ministra, o professor de Pau dos Ferros tem que ministrar, só que Natal é uma realidade, as pessoas com quem ele vai trabalhar, que ele vai conviver no mercado de trabalho, talvez ele utilize mais, que depende da sociologia do trabalho, e aqui é totalmente diferente, você vai trabalhar com pessoas que viveram no campo, vivem da terra e as vezes tem um conhecimento muito limitado, até a forma de se expressar, quantas vezes cheguei pro produtor que ele tem tanta vergonha de falar que ele chama a esposa, o filho, um parente, aí sempre falo para os nossos alunos, muito cuidado na hora de tratar com esse pessoal, escute mais do que fale, nunca aponte erros, critique, porque para ele qualquer coisinha vai criar uma barreira e nunca mais você consegue voltar. E aí assim, nossa instituição talvez peque por isso, qual é a nossa realidade aqui, do nosso aluno? Nosso aluno é pobre, é carente e como eu te falei lá no começo, ele está aqui por conta da qualidade do ensino. A estratégia do aluno é buscar uma instituição que ofereça um ensino público de qualidade para que ele possa ter uma oportunidade de ter um emprego que o tire dessa realidade dele aqui. Eu acho que o que nossa instituição poderia fazer é se adequar, mostrar que

nessa realidade daqui, de dureza, de seca, de falta de recursos, a gente pode ter um futuro bom. Não precisa sair daqui. Eu acho que deveria ser uma meta adotada no Nordeste como um todo porque a nossa realidade é que nós temos agricultores familiares que vivem daquilo, só que hoje se o profissional da área agrária não é valorizado, imagine o produtor, ele é muito menos, as vezes ele vende tudo, vai para uma cidade, vai ter uma vida marginalizada, porque isso é ilusão, e nós, é uma coisa que nós não trabalhamos com nosso alunado é isso, e aí não é falando da apicultura não, é como um todo, o curso na informática foi feito para você ficar aqui na sua região, para ganhar dinheiro, para você ser empreendedor, o de apicultura da mesma forma, o de alimentos da mesma forma, nós temos que nos adaptar, mostrar que é possível. Nós temos um projeto de extensão em apicultura em montar uma unidade demonstrativa, então assim, já é um passo para mostrar para o aluno que ele pode ganhar dinheiro aqui, é um passo que estamos dando no curso que advém até de uma necessidade de ter estágio, a gente não tem como, nós estamos tentando fazer estágio por meio de extensão, Então, montar uma unidade demonstrativa é levar meu aluno de primeiro ano, lá para o produtor e mostrar que o produtor tá ganhando dinheiro produzindo cera, você pode ganhar também, E não precisa de ninguém, você sozinho pode ter abelhas, pode colher a cera, processar e vender. Esse é um passo que está surgindo de uma necessidade. Acho que as vezes isso acontece, a necessidade nos leva a ser criativos e bolar estratégias para sair. Mas eu vejo que a instituição é muito rígida, engessada, essa é a palavra, as vezes a gente não vê que a realidade dos nossos alunos é diferente da sala de aula. Nós temos professores de qualidade que transformam, tentam fazer essa adaptação, mas nem todos são assim.

É difícil eu falar de abelha com um aluno que já vem com aquele bloqueio. As vezes eu tento, vamos conversar com apicultores, perguntem como é a vida deles, como é que é viver de abelhas, como é que ele vê a atividade, se tem uma esperança, eles fazem esse trabalho. Mas as vezes isso não é suficiente, como te falei, gente vamos no apiário, vamos ver como é, vamos trabalhar no apiário, e as vezes eles tem a curiosidade de conhecer as abelhas, mas quando eles conhecem eles não querem mais voltar no apiário. Porque não é fácil você colocar um macacão, ir para o sol, ficar com fumaça, tomando ferroada, tem que gostar muito, é verdade. E as vezes eles dizem logo, isso aqui não é pra mim não. Eu quero ir para o laboratório, fazer análise físico-química de um mel, ver se o mel é tem umidade alta ou baixa. E aí parte muito da gente, de trabalhar essa, eu também ministro disciplina no segundo ano, que é manejo de apiários, eu falo gente aqui tá a empregabilidade de vocês, aproveitem bastante, vejam, tirem conclusões para a vida de vocês, mas as vezes ele encara como uma disciplina técnica normal, ele estuda, passa e vai embora e enfim, vou dar um exemplo, no ano passado, não, esse ano, nós já vamos na 7ª proposta de emprego de fora do estado, para trabalhar devido a reportagem do Globo Rural e nossos alunos não se candidatam. As vezes eles até entram em contato comigo, perguntam tem que trabalhar com abelha lá, é porque eu tô inseguro, não sei se vou dar conta, eu posso estagiar com o senhor um mês, eu disse venha, mas ele não vem. A gente até tem esse contato, mas aí assim, eu acho que a gente tem que traçar estratégias, é uma coisa que converso muito na coordenação, com os colegas, a gente tem, todo mundo tem que conversar junto, as propedêuticas, as técnicas, pra gente tentar mudar a mentalidade, mudar a cabeça desse aluno. Porque senão, vai ser o que você falou mesmo, estamos formando um profissional que não tá servindo para o mercado de trabalho, pelo menos é a minha concepção.

P: Acho que tratamos das questões centrais, atendemos ao propósito da entrevista. Tem mais alguma questão que você queira colocar? Alguma dúvida ou questionamento?

Coordenador do Curso: O que eu gostaria de falar, até defendendo meio o curso tá. Eu acho que é uma escolha muito acertada de ter um curso técnico, deveriam ter mais no Brasil. Eu escuto muitas críticas até de colegas da área acadêmica sobre o nosso curso. Porque existe um mundinho que a gente vive aqui em Pau dos Ferros, mas quando você sai, para um congresso de apicultura, você vê o tamanho do nosso curso. Quando você pega produtores, o exemplo que eu te dou é de 2016, nossos alunos pareciam popstar no Congresso Brasileiro de Apicultura. Eles eram parados por produtores, professores, para tirar foto. E assim, eles não tinham ideia do que era aquilo, por que estavam sendo parados para tirar fotos. Eu escuto de acadêmicos, rapaz por que que tem quatro profissionais, cinco agora, mestres e doutores (referência aos professores da área de apicultura) numa instituição no interior do Rio Grande do Norte? Eu digo, tem que vir aqui e conhecer, como foi mostrado na reportagem do Globo Rural. Eu já fui questionado por professores, por colegas da área, como pode? Na UFC (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ) que é gigante, tem um professor de apicultura e aqui me questionavam: Por que lá tem cinco? Qual a função, qual a finalidade? Aí eu vejo o nosso curso precisa. Essas falas são muito pautadas por quem não vive o mercado, não vive a atividade porque como eu te falei, eu tive a oportunidade que agradeço muito, que recebi, que foi trabalhar numa secretaria de estado e poder rodar o meu estado, o cearense no caso, eu conheci quase cem municípios, em todos eles precisava de técnico de apicultura, tinha bolsa sobrando para técnico, não era o técnico de apicultura, era técnico de agropecuária, mas assim, tinha a necessidade de ter um técnico formado na área de apicultura. Esse curso que o IFRN criou não deveria estar só aqui, deveria estar em outros estados, principalmente no Nordeste que é tão forte na apicultura do jeito que é. Me pergunto por que não tem no Ceará, não tem no Piauí? O Rio Grande do Norte não está nem entre os cinco maiores produtores no Nordeste e é pioneiro nisso. No Ceará você tem apicultura em todo município e apicultura forte e não

tem um curso desse. No Piauí que tem muito apicultor também, se produz muito mel e não tem um curso como esse. Não estou querendo cavar vagas no Ceará não, mas precisa.

Agora eu vou te falar de política pública, a apicultura ela é marginalizada demais, não tem política pública voltada para a apicultura e não estou falando do atual governo, porque no governo passado era, desde a ditadura militar é assim. Falando um pouco de abelha, a abelha que a gente trabalha que é conhecida como italiana, é a apis melífera, ela foi trazida para o Brasil em 1957, o processo de africanização, essas abelhas africanas que vieram para cá e foram liberadas acidentalmente na mata começou em 1963, chegou no nordeste, o primeiro curso que eu conheço que começou a trabalhar com apicultura foi na UFC em 1984, com uma professora de cunicultura. Essa professora levou 11 anos para formar o primeiro profissional lá do Ceará, para ele começar a ofertar a disciplina de apicultura no curso de agronomia e levou três anos para se formar o primeiro Mestre da UFC em apicultura. Se você pegar 1963 quando as abelhas chegaram aqui e você pegar a criação do nosso curso de apicultura que é de 2012, olhe o tanto de tempo que se levou para reconhecer a atividade.

Agora pergunta para as pessoas mais idosas como em 60, 70, 80 eles já tiravam mel no mato. Eu te falo sem medo de errar, em qualquer propriedade que você chegar na região e perguntar se tem italiana, porque ele não sabe o nome da abelha, ele vai dizer tem, você tira? Se ele não tirar, tem alguém que tira para ele. Ele tira de forma artesanal e divide o mel com a pessoa que tirou. As vezes eu sou questionado: Qual o sentido do curso? Tá aí o sentido do curso. Abelha tem em todo canto, apicultura tem em todo canto. Mesmo que não seja tecnificada, tem de forma artesanal, que o pessoal chama de meleiro. Se você for em uma feira aqui em Pau dos Ferros, em Apodi, em Mossoró, vai ter garrafa de mel para vender lá, então existe realmente a necessidade. Só que o governo brasileiro, seja federal, estadual, municipal, eles vieram as costas para os apicultores. Em 2013, quando cheguei aqui eu vi no G1 (Portal de notícias da Rede Globo de televisão na internet) uma reportagem que 80% das colmeias do Rio Grande do Norte estão despovoadas, aí te pergunto o que o governo do Rio Grande do Norte estava fazendo para ajudar essas pessoas que vivem da apicultura? Eu vou te falar do meu estado, do Ceará, quando eu saí de lá em 2011 a gente estava numa seca brava, não tinha política pública para ajudar o apicultor não. Você encontrava política pública para leite, para ovinos e caprinos, mas não encontrava para abelha.

Se você pegar a legislação de mel, é a mais complicada de todas as legislações é a nossa. Por exemplo: um colega nosso está abrindo uma cervejaria aqui próximo, se fosse uma casa de mel, ele jamais abriria, cerveja tem mais água, a possibilidade dela fermentar e fazer mal é muito maior do que o mel que só tem 20% de água, mas a nossa legislação não permite nem pensar em extrair mel numa área urbana. O preço que se gasta para montar uma estrutura de processamento e casa de mel, você não gasta menos de 100mil reais. Qual apicultor, qual cara que mora no interior que vai ter esse dinheiro? Novamente eu coloco, nossa legislação é desatualizada, é de 2001, é um copia e cola da legislação europeia. Tem coisas absurdas cobradas dos nossos apicultores. Não tem política para subsídio de mel. O mel do Rio Grande do Norte é comprado entre 3 e 4 reais, se for em Natal é vendendo entre 70 e 80. Quem tá ganhando essa diferença é o empresário e o governo tá fazendo o que? Nada. Aqui na região temos dois tipos de abelha: as com ferrão que é a apis melífera e as nativas que é sem ferrão, uma bem conhecida é a jandaira, não tem legislação para abelha sem ferrão, de mel, de caracterização de mel. Então como que eu vou agregar valor no meu produto se eu não tenho uma legislação que me respalde? Infelizmente é uma atividade marginalizada e aí eu pego um colega de profissão que me faz a pergunta: Por que tem um curso de apicultura no interior do Rio Grande do Norte? Eu até respondo, Por que não tem em todo canto? Porque deveria ter, se você for aqui em Ceará-Mirim, tem um dos maiores produtores de apitoxina do Brasil. Ele utiliza um equipamento desenvolvido por um aluno nosso, do campus zona norte ou natal central, do curso de eletrônica e fez um coletor de apitoxina. E aí cadê a gente nessa história? Por maior que seja a dificuldade que a gente comentou aqui, mas é um curso que deveria ter mais apoio. Hoje em dia não é mais feio você falar que fez agronomia, veterinária e tal, mas por que que é feio falar que eu faço apicultura? Por que eu sofro preconceito se falar que é apicultor? Não sei a sua idade, mas no início da década de 90 tinha uma propaganda na TV: coma ovo, o ovo era marginalizado, hoje em dia o ovo, o pessoal vai para as academias, comem aqueles ovos cozidos, mas foi uma política que o Brasil adotou, ficava massivamente na TV aquela propaganda chata na sua cabeça, quando você vai ver a propaganda: coma mel? Não tem. Temos todos os nossos problemas, mas infelizmente também não temos ajuda. Assim, parabênzo o IFRN, não porque trabalho aqui, se estivesse em outro lugar também estaria parabenizando, pela iniciativa, só que infelizmente parece que a gente tá, parece que o que a gente faz é uma utopia, um sonho. Eu tô fazendo no mês de agosto 15 anos na atividade apícola, como eu gostaria que a gente tivesse mais cursos de apicultura, porque é única forma que eu tenho de desmistificar, de o nosso aluno parar de ter preconceito com abelha, é na hora que ele notar que a abelha é uma fonte de renda, uma forma de viver. Posso falar isso porque são 15 anos e nunca me faltou emprego, nunca passei um dia desempregado, nunca deixei de colocar dinheiro dentro de casa, e eu trabalho com abelha. Eu até brinco com meus alunos de 1º ano: Vocês não escolheram errado, vocês só escolheram um curso que é mais difícil que os outros. É muito mais fácil eu com o título de técnico de informática, me empregar numa loja, posso desenvolver um sistema para controlar o estoque ou coisa parecida. Mas eu me formar como técnico de apicultura, se não suar a camisa, não consigo ganhar dinheiro. P: É isso. Deu para colher as informações essenciais. Gostaria de te agradecer a disponibilidade.

**Apêndice 6 - Transcrição da entrevista com membro da Equipe Técnico-Pedagógica (ETEP)****Transcrição da Entrevista**

P: Bom, como você é o Membro da ETEP e estamos colhendo uma visão institucional, não há como garantir a confidencialidade no seu caso.

Membro da ETEP: Sem problemas. Acho que não vão me perguntar nada demais não.

P: Analisando e comparando os três cursos técnicos de nível médio integrado, ofertados pelo campus Pau dos Ferros do IFRN, que imagem você faz do curso de apicultura?

Membro da ETEP: Bom, eu estou aqui há um ano e alguns meses, nem dois anos, mas o que me dá impressão, isso é uma impressão, é que o curso de apicultura, ele parecer ser um curso que tem uma, parece não, ele objetivamente ele é um curso que tem um corpo docente qualificado, no sentido de títulos, nós temos uma relativa boa estrutura para oferecer determinadas questões, mas comparando ele com os demais, eu acho que o curso de apicultura tem sofrido é aquele estigma de ser primeiro um curso, o menos concorrido e que em alguns anos tem mudado. No ano passado ele não foi o menos concorrido. Eu acho que até porque se popularizou tanto isso que as pessoas fazem. Inclusive ontem, não tentando fugir da situação, eu recebi o telefonema de alguém que me consultava dizendo: olha, eu fiquei sabendo que as inscrições estão abertas, eu queria saber de você qual era o curso menos concorrido para meu filho entrar e depois eu mudar, porque ele quer informática. E assim, as vezes o curso de apicultura tem tido esse estigma, de ser um curso fácil de entrar e aí quando as pessoas entram e até não tem condição de mudar, começa a haver uma frustração. Esse espírito de frustração também as vezes tem afetado o rendimento dos alunos. E aí assim, cria um ciclo vicioso de ser o mais fácil de entrar, depois o mais taxado por ser o curso que tem o menor rendimento. E aí as pessoas também entram naquele ciclo de uma construção imagética, que passa a ser uma construção muito real, de ser o curso em que os alunos eles têm um rendimento baixo. Então passa a ter esse estigma, infelizmente, de ser um curso que dentre os três é o de menor, é mais fácil entrar e é o mais, o menor em termos de status. Maior seria informática, o segundo seria alimentos e o último seria apicultura.

P: Mas essa é uma imagem que você faz também?

Membro da ETEP: Não! Eu estou dizendo assim, é uma imagem que eu estou dizendo que ela, infelizmente, é feita e ela é retroalimentada porque os alunos, por exemplo, nós costumamos entrar como ETEP nos primeiros anos, para conversar com eles. Esse ano, em todas as turmas, nós tivemos uma pergunta que a gente fez questão de fazer: Por que você escolheu o curso? Até porque nós já estávamos lidando com certos desânimos e especificamente no curso de apicultura. E quando a gente ia conversar com os alunos, eles diziam assim: ah é porque eu entrei aqui, mas eu não queria fazer esse curso, mas porque o curso era mais fácil de entrar, depois eu descobri que não era o que eu queria. Na verdade, ele entrou sabendo que não era o que ele queria. E aí nós perguntávamos, nessas andanças aí, porque você escolheu apicultura, e pouquíssimos, do curso de apicultura, chegou a dizer assim: eu entrei porque eu gostei, ou tinha uma ligação histórica com a apicultura, ou porque queria realmente seguir essa carreira. Mas geralmente era: eu não gostava de informática, achei que alimentos não era meu, então eu não tinha opção, entrei em apicultura, ou ah, entrei em apicultura porque eu ouvi dizer que apicultura era o curso mais fácil de entrar. Eu não tenho essa visão, na verdade a minha visão pedagógica é, já conversando com alguns professores, que o curso de apicultura começou com uma pegada muito mais na área de alimentos, até por causa do Tabela docente, o que não é a proposta, se a gente pegar o calendário (referência ao projeto do curso), pegar algumas questões que lá entram no perfil de egresso, nós não estamos formando aquele egresso do calendário, porque nós temos uma pegada muito mais, por causa até mesmo do corpo docente, foi por uma questão mesmo de inércia, nós tínhamos um corpo docente muito qualificado nas questões de tecnologia de alimentos e aproveitamos isso muito na nossa apicultura, no nosso curso especificamente. E aí ele ficou muito mais ligado a uma tecnologia de alimentos voltado para os produtos apícolas do que, realmente, a formação do técnico de apicultura. Então assim, isso é bom porque é uma conversa que é fruto de uma reflexão que a gente já teve com os próprios professores do curso. Então os professores do curso já estão conscientes de que nós precisamos mudar algumas questões e alguns enfoques para, na verdade, a gente entrar definitivamente no trilho da proposta oficial do curso de apicultura. É um curso que tem muito potencial, tanto regional, quanto até no sentido pedagógico mesmo. Nós temos um corpo docente que pode dar cabo disso de uma maneira muito interessante. Tanto que, eles estão, de uma maneira muito madura, refletindo sobre qual é o perfil do aluno que nós estamos colocando e mostrando que o perfil que nós estamos construindo não é o perfil de fato que a gente deveria ter se a gente seguisse, por exemplo, o calendário e a proposta do que é realmente o perfil de egresso do curso de apicultura.

P: Nessa mesma perspectiva, qual a sua percepção acerca do potencial acadêmico e das possibilidades de sucesso profissional desses alunos de apicultura?

Membro da ETEP: Olha, eu assim, vou fazer isso baseado em observações, óbvio. Eu não tenho aqui como precisar por estatística. Mas eu acredito que no final, como a nossa proposta é uma proposta integrada (ao ensino médio), eu acredito que todos os alunos de apicultura, apesar de toda, quando você falou da questão acadêmica, eu amplio isso. Eu acho que nós não pensamos, nem eu advogo isso, eu acho que a maioria também não advoga, eu já estou há 13 anos nessa instituição e a gente tem construído essa coisa. Quando um curso de integrado ele é proposto, ele é proposto não para a gente ser isso

análogo ao, antigamente os cursos técnicos que havia uma equivalência de área, ah se você entra em apicultura você tem que seguir a carreira no ensino superior na área de produção alimentícia ou em áreas afins, não. O curso integrado ele é construído para qualquer um dos cursos, seja ele informática, seja ele apicultura, seja ele alimentos, no nosso caso aqui os três, o aluno no final, ele possa ter um potencial de prosseguir seus estudos, independente da área que ele quiser. Se ele quiser seguir na área de apicultura, acredito que ele seja um aluno que tenha uma boa base. Mas também se quiser seguir em outra área, também ele tem uma boa base porque a estrutura do integrado e nós, especificamente do Rio Grande do Norte, é de formar esse aluno e garantir que esse aluno no final desse processo de formação, desse itinerário formativo, ele seja alguém que esteja apto para ir para o ensino superior, independente da área. Então, eu acredito que há, potencialmente, tanto na proposta, quanto o que a gente tem visto, um futuro acadêmico muito bom, porque nós garantimos isso, pelo menos dentro da média, garantimos essa formação e essa possibilidade.

P: Qual seria a trajetória ideal de um estudante de apicultura após o término do curso?

Membro da ETEP: É, o ideal, você diz depois de terminar aqui?

P: Sim.

Membro da ETEP: Olha, nós esperamos que, porque eu vou estar muito preso às leituras e o que eu advogo que é educação integral, ou ensino médio integrado (ao técnico). O ensino médio integrado ele é projetado em cima de uma possibilidade de ou o aluno que não tem condições de prosseguir para ensino superior, por diversas questões e a questão que pesa aqui é muito mais a questão da sobrevivência. Ele venha ter, pelo menos renda, dentro daquele ofício ou daquela profissão que o instituto ofereceu. Ou, se ele tem condição de prosseguir os estudos, é ir para o ensino superior. Por isso que eu digo é muito difícil eu dizer a você qual é o ideal. Porque isso vai depender muito das condições muito individuais de cada aluno. Quer dizer, o aluno, o ideal para todos, será que o ideal para todos é o ensino superior? Eu acho que não. Não estou dizendo aqui que nem todo mundo é para o ensino superior, não é isso. Mas, nem todo mundo tem condição de ir para o ensino superior, por diversas questões. Mas, a proposta do ensino integrado é que, não havendo essas condições e questões muito ligadas a questões objetivas, materiais, ele possa ser um bom profissional e esse profissional e o exercício dessa profissão ela ser plena. Eu acredito que não há o ideal. O ideal é o que você faz com isso depois, e dentro de sua sobrevivência. Eu acho que o nosso aluno de apicultura, isso eu estou dizendo porque ouvi outros professores dizendo isso. Eu estou me enfiando na área de quem disse, na competência de quem disse. Ele não seria um técnico em apicultura. Ele seria um bom produtor de produtos apícolas, mas ele não seria um apicultor. Porque o apicultor, ele precisava ter muito mais ênfase em algumas questões de manejo e tal, e alguns professores que eu tenho conversado a respeito disso, até no processo de avaliação do próprio curso, ele diz, olha, o nosso aluno ele não teria um perfil de um técnico em apicultura, ele teria muito mais uma ênfase na questão da produção e beneficiamento de produtos apícolas do que realmente no manejo das abelhas, na questão de várias outras coisas que envolvem isso. Mas, mesmo assim, eu ainda acredito que dentro dessa ênfase, se a gente pode chamar isso de desvio, os professores dizem que seriam alunos que seriam muito bons no que fariam. E aí, mais uma vez, essa sua pergunta do ideal, dentro das conversas que temos, nós não temos uma formação ideal como técnico de apicultura. Nós temos uma formação em que tem muito mais uma ênfase em produção e beneficiamento de produtos apícolas do que realmente técnico em apicultura. Não sei se eu respondi, mas quando você fala de ideal é muito complicado nessa situação, porque o ideal é o que você faz com aquilo. Vai depender muito da realidade de cada um. Se você, mesmo passando por aqui, você não tem condição de ir para o ensino superior, mas você vai ser um cara que vai usar esse conhecimento técnico que você tem, eu acho que é um conhecimento técnico muito bom, para você ter uma garantia de vida objetiva, isso é o ideal para aquela pessoa, mas para outros é prosseguir com os estudos.

P: Em questionários aplicados aos alunos do 4º ano do curso técnico de nível médio de apicultura, grande parte, quase a totalidade desses estudantes, informou que não têm interesse de atuar como técnico de apicultura. Por que razão isso ocorre?

Membro da ETEP: Eu acho que já respondi isso, mas aí eu estou ponderando porque na verdade o que eu tenho afirmado anteriormente são conjecturas. É o que eu tenho observado. Eu tenho observado que o problema em si, não está na formação em técnico de apicultura, apesar desse desvio que eu tenho dito e que outros professores têm salientado. Eu acho que é justamente a perspectiva de mercado que, de uma forma ou de outra, nós não conseguimos, ou pelo menos o grupo não consegue vislumbrar. Então, assim, é,

P: O grupo de alunos, o grupo de professores?

Membro da ETEP: Eu acho que o grupo de alunos. Eu acho que o grupo de alunos. Eu não sei o grupo dos professores, porque eu não fiz essa pergunta aos professores, para ser sincero. A resposta que eu tenho é do que eu tenho deduzido e para mim não é surpresa nenhuma isso que você está constatando, porque a gente já tem conversado com eles sobre isso, mas também,

P: Essa questão específica de não quererem seguir na área já foi discutida em reuniões pedagógicas?

Membro da ETEP: Tá certo. Na verdade, a gente não vem discutindo isso numa reunião pedagógica porque isso é reunião muito de grupo. Numa reunião pedagógica eu acho que enfadaria os demais, de outros cursos. Mas a gente tem discutido, até mesmo por causa desse processo de avaliação das ofertas. A gente tem ensinado algumas discussões no grupo de apicultura sobre essa questão. Porque eu sei que sua pesquisa está muito ligada a apicultura, mas surpreendentemente isso também acontece nos demais cursos. Em informática, em alimentos. Na maioria dos alunos de alimentos, por exemplo, eu digo isso porque a gente já fez isso com alimentos, eles não querem seguir a carreira na área de produção alimentícia. Eles

não querem. Eles estão ali porque sabem que aqui é um curso que vai dar respaldo para o vestibular e eles querem fazer direito, fazer medicina, eles querem fazer outra área. Mas não, entraram aqui para alimentos. Eu estou pegando alimentos para assim, ter uma ideia que isso não é um fenômeno apenas em apicultura.

P: Diante dessas informações, o curso técnico não perde o sentido? Porque a gente uma escola técnica, que oferta cursos técnicos e os técnicos que se formam nessa instituição já dizem de cara que não querem trabalhar como técnico.

Membro da ETEP: E naquela área, o mais estranho isso.

P: A oferta do curso técnico não perde o sentido? A estratégia institucional é colocar esses técnicos no mercado para trabalhar?

Membro da ETEP: Sim, sim. A princípio sim. Essa é uma discussão que a gente está pisando em ovos. Porque, por exemplo, eu fico pensando aqui no tempo do Fernando Henrique Cardoso (presidente do Brasil de 1994 a 2002), que ele homologou o decreto 2208 que dividiu o ensino médio da educação profissional e a justificativa dele era justamente essa. Quer dizer, ele tinha estatísticas dizendo que a maioria, a maioria mesmo dos alunos que frequentavam as escolas técnicas, os CEFET's, eles passavam por ali, mas não prosseguiram os estudos na área. Ai isso é delicado porque eu acredito enquanto educador que se eu for buscar uma visão pragmática, eu concordaria em dizer assim, nós estamos perdendo tempo, isso perde o sentido. Mas eu acho que a gente tem que pensar além da pragmática. Nós estamos oferecendo um curso, esse curso é um curso de excelência, em que nos revezes da vida, um cara desse, mesmo que não queira, por exemplo, prosseguir, mas de repente ele precise disso, ele tem isso na manga. Ele tem esse curso, tem essa preparação, tem essa habilitação na manga. Então assim, a gente pensa muito mais nessa questão mais ampla, do que nas questões mais específicas, porque aí a gente vai entrar em outros detalhes que reforçam um discurso pragmático que a gente quer distância. E também a gente começa a criar uma atmosfera de dizer assim: olha, você está aqui em informática e você precisa ir para o ensino superior em informática. Eu acho que essa não é a proposta do integrado. A proposta do integrado, mais uma vez voltando para essa questão das concepções filosóficas, é que se tenha uma formação técnica, que aquele indivíduo que não tenha condição, por questões objetivas, financeiras, ele vá viver com aquilo ali porque ele tem uma profissão, tem uma habilitação. Mas também isso não tira a possibilidade de essa pessoa prosseguir para outras questões, para outros rumos. Porque senão a gente vai entrar também, por exemplo, vou pegar como paralelo a isso, se a gente for fazer uma pesquisa, na nossa licenciatura, por exemplo, a maioria também não quer estar ali. A maioria diz, eu pergunto assim: você escolheu o curso por quê? Ele diz que é porque não teve opção. Eu estou aqui porque não tenho opção. Eu quero fazer um curso superior, se tivesse outro eu faria, mas eu tô aqui, mas,

P: Então por que esse aluno entra aqui no curso técnico se ele não quer de fato o curso técnico?

Membro da ETEP: Porque nós garantimos uma boa, você sabe dessa resposta, você quer que eu diga. Porque a gente garante, no final das contas, uma boa formação de nível médio. Isso eu acho que é quase que consensual de todos que estão aqui. Eu quero entrar no instituto federal porque eu vou ter uma formação no final que vai me garantir um espaço e uma possibilidade de ir para qualquer lugar, concorrer em qualquer universidade, no ENEM (EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO) no caso aqui, e eu passar no curso que eu quero. Então há esse fenômeno que a gente não pode ignorar. Mas também a gente não pode chegar e dizer assim: ah, porque existem casos que, por exemplo, nós temos aqui profissionais que eu conheci no integrado, por exemplo, a nossa técnica de laboratório do campus era (aluna) de alimentos de Currais Novos. E onde que ela está? Seguiu carreira. Então existem essas coisas que, no processo de formação você se descobre apicultor. As vezes você se descobre técnico de alimentos. Eu sei que você tá pegando aí alunos na saída, no quarto ano, que é a sua amostra. Não sei se infelizmente, mas eu quero só dizer para não dar a impressão de que é só um fenômeno de apicultura. A gente já tem visto isso em todos os cursos aqui, os três. E todos os cursos têm um grande número de alunos que não querem prosseguir no curso, ou por desencantar, porque alguns disseram, por exemplo, vou pegar aqui o curso que de maneira, é, tem uma coisa de dizer que é o curso da elite, que é informática. Eu já peguei muitos adolescentes frustrados, eu entrei em informática, mas eu imaginava que era outra coisa. Por isso a nossa pergunta no primeiro dia foi por que escolheu o curso? Teve respostas muito interessantes, por exemplo em informática, foi assim, ah, entrei aqui porque eu quero ser um hacker. Eu disse: você vai se decepcionar, porque a gente não ensina isso aqui. E assim, você vai para apicultura e outros dizem, os que chegam querem prosseguir ou não, eu quero apicultura porque ele foi o curso mais próximo da área que eu quero cursar, superior. Eu quero cursar veterinária, tem a ver o bichinho lá da abelha.

P: Imagino que uma das justificativas para criação desse curso de apicultura era a possibilidade de desenvolver essa atividade, ou profissionalizar essa atividade econômica que já existia na região com os nossos técnicos no mercado. Quando os técnicos não querem atuar...

Membro da ETEP: Falha. A gente fica frustrado. Não é que a gente falha, mas a gente se sente frustrado. A frustração foi de uma proposta que potencializasse um arranjo produtivo local e social, que eu acredito que tenha aqui, que tem o potencial para isso, mas de repente essa mensagem ainda não foi introduzida. Não sei também se a gente tem tempo suficiente para isso, será que a gente não tá tendo paciência de semear uma cultura e essa cultura será que já precisava ter sido implantada, implementada. Por exemplo, eu não vejo muitos apicultores daqui dentro do instituto. Eu não, eu não conheço. Então, será que não trazendo essas pessoas, porque assim, eu posso usar outra experiência? Eu vim de uma outra instituição que foi uma escola agrícola. Lá nós tínhamos informática e técnico em agropecuária. A maioria dos alunos de agropecuária eram de pais que viviam de agricultura de subsistência, agricultura familiar. E quando você perguntava a eles, você está fazendo esse

curso por quê? Porque eu quero voltar para casa, quero potencializar e otimizar a produção da minha família. Sabe? Então aqui eu não vejo muito isso. Eu não vejo filhos de apicultores aqui.

P: Será que, por ter essa concepção do ensino médio integrado que você já relatou, a instituição, os atores institucionais, eles naturalizaram essa questão de os alunos não quererem seguir na área? Acham isso normal?

Membro da ETEP: Eu acho que falta uma reflexão disso, que talvez você tenha tomado na sua pesquisa. Nós enquanto equipe técnico pedagógica temos vistos, mas que o que a gente não sentou foi para discutir o que a gente já sabe e o que a gente precisa fazer para isso mudar, sabe? Porque eu não sei se é uma questão mais antropológica, alguém já me falou, mas isso também, eu acho que ainda está no nível de bom senso, mas de algumas leituras rasas que eu tenho feito a respeito disso. Mas alguém já me falou uma questão muito interessante, que a nossa cultura brasileira é uma cultura que é voltada muito para o produto e não para o processo. Então a gente olha muito o produto, a gente olha muito o sucesso da pessoa. Mas a gente não para pra pensar o processo que levou aquele sucesso. E aí, agora voltando para apicultura, nós olhamos para o produto. Ah nós precisamos potencializar e otimizar a apicultura nessa região, que tem o potencial para isso. Mas a gente olhou só o produto. Eu acho que a gente está começando a ver que para produzir esse produto, e alguns a gente já tem produzido, que é o técnico em apicultura, a gente não tem refletido como isso tem, dentro do processo, impactado a região. Eu acho que o que está faltando para nós da instituição é esse feedback. É assim, a gente pegar um grupo aqui de apicultores e perguntar qual é a relevância do curso de apicultura para vocês? Que mais uma vez eu tenho insistido assim, eu não tenho visto nem filhos e nem apicultores frequentando o nosso curso aqui. E tem que começar por eles. Eu já conversei com alguns professores e disse, ah, mas é porque eles fazem tudo errado, eu disse sim, mas a gente está aqui para isso, para confrontar o que eles fazem de técnicas que eles aprenderam ao longo de muito tempo, que estão erradas e que nós temos agora como melhor de teoria para isso. Então eu acho que o que está faltando, talvez, em nós, é essa ida para ouvir quem realmente está interessado em colher esses frutos dessa sementeira que é o curso de apicultura aqui. A gente não tem feito isso. A gente não tem pesquisa do impacto dessa nossa instituição e especificamente do curso de apicultura nessa região. A gente não tem essa pesquisa. E como a gente não tem essa pesquisa, a gente fica no achismo. E aí é aquilo que eu tenho reforçado. São observações que eu tenho feito. Eu acho que o que está faltando é justamente uma pesquisa nessa área, de ver o impacto do curso da região e por que a gente, visivelmente, não estamos vendo esse impacto, esse produto que a gente sonhou e não está conseguindo ver. A gente parou no produto, a gente quer ver o produto, mas a gente tem negligenciado o processo desse produto. Eu acho que a gente tá falhando nisso. Não no processo de formação técnica, de formação básica que a gente tem, isso é muito bom. Mas eu acho que é no impacto social, no impacto social que a gente espera. Aí talvez a gente reflita dentro dessa questão, se o impacto social que a gente espera realmente vai ser um impacto positivo para essa região. A gente não tem nem esse dado ainda. Será que seria positivo? Isso eu não sei, eu acho que sim, a gente aposta que sim, mas a gente não tem esse dado.

P: No ano passado, estudantes concluintes de apicultura, em seu trabalho de conclusão de curso, diagnosticaram que grande parte dos alunos de apicultura sentiam-se vítimas de preconceito pelo fato de cursarem apicultura. Esse preconceito vem da comunidade externa (familiares e sociedade) e também de professores e alunos. No acompanhamento pedagógico desses estudantes, vocês identificaram esse problema? Se identificaram, que fatores poderiam explicar essa atitude? Que consequência isso pode ter no resultado dos alunos?

Membro da ETEP: Eu acho que essa sua pergunta, a resposta está na minha fala inicial. Eu já inicio fazendo isso, dizendo que realmente há essa angústia dos alunos, isso é real, uma angústia real. É uma angústia que ela por se processar de uma maneira quase que sistêmica em quase todos os cursos, em quase todos os anos de apicultura, ele reverbera em algumas questões da baixa autoestima dos alunos, de não quererem participar de alguns projetos que a gente tem aqui. Eu acho muito bonito essa questão dos projetos integradores. A gente tem tido muita dificuldade também com a participação dos alunos de apicultura nos projetos integradores, como outros cursos, por exemplo, porque eles acham que eles vão ficar desnivelados.

P: Os estudantes de apicultura apresentam maiores dificuldades de aprendizagem se comparados aos estudantes dos demais cursos?

Membro da ETEP: Sim, se a gente pegar os números a gente vê que o rendimento acadêmico de turmas de apicultura, no geral, da tarde, no geral, tem se apresentado mais baixo. Há uma diferença interessante da manhã para a tarde também. As turmas da manhã, muitas vezes, já se chegou a ter um nível muito próximo, ou até supera de vez em quando, em alguns bimestres, vai variado muito, em alimentos e informática. Mas, geralmente, as turmas de apicultura vespertino têm um rendimento abaixo da média dos demais cursos. Se a gente quer aqui colocar uma comparação entre cursos, geralmente as turmas da tarde, elas têm mais dificuldade com isso. Segundo alguns relatos, de alguns professores, são as turmas mais apáticas. Estou usando um termo que tem sido corriqueiro entre os professores para conceituar o que eles sentem quando entram em algumas turmas da tarde, é apatia.

P: Você acha que esse preconceito com os alunos de apicultura pode ser uma das causas desse desejo de não atuar na área?

Membro da ETEP: Acredito que sim. Eu não tenho respaldo para dizer tanto isso, mas eu acredito que sim porque é aquilo, quando você convence alguém que aquilo que você está fazendo é menor, as pessoas não vão querer prosseguir. Mas, por outro lado, eu tenho visto um grupo que hoje está no segundo ano que eu acompanho desde o ano passado. É um grupo que já chegou sabendo desse estigma e quer mudar esse estigma. Então assim, para alguns isso funciona como um dinamismo. Eu estou aqui e vou mostrar para você que isso não é o que você está pensando.

P: Esses que chegaram querendo mudar esse estigma, você acha que eles querem trabalhar como técnicos de apicultura? Eles entraram querendo?

Membro da ETEP: Na sua grande maioria, não. Infelizmente há um estigma, que começa não aqui, começa lá fora. Que assim, eu quero entrar no instituto federal, quero entrar no IF a qualquer custo e aí qual é a porta mais fácil de entrar? O estigma é apicultura. Eu acho que isso tem se massificado tanto que no ano passado apicultura foi o segundo mais concorrido, por quê? Porque todo mundo pensou igual. Ah eu vou entrar aqui porque é o menos concorrido, mas acabou sendo um dos mais concorridos. Então as pessoas já entram com essa questão. Eu vou entrar porque aqui é mais fácil de entrar.

P: Eles já têm uma estratégia?

Membro da ETEP: É, sim. Inclusive eu volto a dizer, eu recebi ontem um telefonema de um pai que está desesperado e que disse olhe eu quero meu filho no IF, eu disse por que você quer seu filho no IF, ele disse: porque eu não consigo pagar mais a escola. Ele tá terminado o ensino fundamental e eu tenho certeza que eu não tenho condição, o ensino médio é muito caro, o ensino particular. Eu queria que você me dissesse qual é o curso mais fácil do meu filho entrar, porque eu quero que ele entre de qualquer jeito. Eu cheguei e disse: eu não posso dizer de qualquer jeito, porque acho que não é de qualquer jeito que a gente entra numa situação dessa. Disse que era uma escola de educação profissional. Nós enquanto profissionais temos o compromisso com a formação de um profissional, e esse profissional precisa ter o coração ali naquela profissão. E aí eu disse o que teu filho quer, ele respondeu informática, ele quer informática, mas informática é muito difícil. Eu disse para investir no seu filho para ele entrar em informática. Porque a pergunta seguinte foi: Mas se ele entrar em apicultura, ele pode mudar para informática lá dentro? Eu respondi que, olha, a gente fará de tudo para dificultar, porque são vagas públicas e a gente precisa ter consciência de que quando você entra, faz uma matrícula, uma inscrição em um curso, é porque você está com o coração ali.

P: Isso é o que a instituição espera? Uma situação ideal de quando o aluno venha ele...

Membro da ETEP: Ele venha com o coração ali, naquela área. Porque é o que a instituição aposta numa formação de um profissional que não seja só técnico, que seja um profissional cidadão. Então para ser um profissional cidadão, você precisa ter o coração ali, naquela profissão. E o que nos frustra é que nossas estatísticas mostram que a maioria que está aqui é pelo ensino médio, mas não pela profissão que essa instituição dá a ele e é de boa qualidade. Isso causa uma certa frustração, mas eu relativizo isso porque fico muito feliz quando vejo qualquer aluno aqui, no ensino superior, em qualquer profissão, sendo um bom profissional. Porque aí tem uma outra parcela que a gente contribui para que esse profissional seja ético e cidadão dentro do mundo do trabalho, independente do ofício, da profissão que ele queira. Quando a gente vê que um profissional ele saiu daqui, mesmo que não seja de apicultura, de informática, mas ele tá sendo um bom professor, um bom advogado, um bom médico, ele tá sendo um bom engenheiro do petróleo, de edificação, isso envaidece, valeu a pena, porque a gente plantou lá a semente de um profissional ético, competente, de alguém que tem compromisso com os estudos, que tem compromisso com a profissão seja ela qual for. Mas é claro que a gente ficava mais feliz de saber, já teve situações de a gente encontrar com alguém que diz: olha, aquele curso foi uma semente para hoje eu ser um engenheiro de alimentos, ser um agrônomo porque eu comecei com apicultura e tal. Eu acho que é o que a gente quer, mas a dinâmica humana não é sempre tão redonda, não é sempre tão quadrada.

P: Bom, acho que abordamos as questões centrais. Quero agradecer a disponibilidade para essa nossa conversa.

## Apêndice 7 - Transcrição da entrevista com a Diretora Acadêmica do *Campus* Pau dos Ferros

### Transcrição da Entrevista

P: Bom, como você é o Diretora Acadêmica e estamos colhendo uma visão institucional, não há como garantir a confidencialidade no seu caso.

Diretora Acadêmica: Sem problema, compreendo.

P: Para que possamos começar, que fatores foram determinantes para decisão institucional de ofertar o curso técnico de nível médio integrado em apicultura?

Diretora Acadêmica: Bom, basicamente a gente não teve, a exemplo dos outros, nós não tivemos nenhuma audiência pública, não teve realmente, porque alguns cursos do Instituto Federal têm essa prática de fazerem audiências públicas para determinar isso. Os cursos anteriores, que com exceção de apicultura foi desde a fundação, quando a gente chegou já tinha isso determinado, foi a partir do grande número de apicultores que a gente sabia que tinha na região, em toda a região e assim, a falta de mão-de-obra, a reclamação que a gente ouvia extraoficialmente, relatos de pessoas até de alguns alunos que tinham pais que trabalhavam com isso, alunos dos outros cursos. E aí a gente percebia que não tinha ninguém de fato, nenhuma instituição a não ser na UFERSA (UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO), mais próximo que trabalhasse com isso. Então a gente entendeu naquele momento que era uma necessidade de atuação para toda a região.

P: Analisando e comparando os três cursos técnicos de nível médio integrado ofertados pelo Campus Pau dos Ferros, que imagem você faz do curso de apicultura?

Diretora Acadêmica: Olha, eu não vejo diferença com relação ao curso, até porque acho que isso terminou se criando e para mim isso teve início lá, anteriormente no primeiro ano, quando a procura foi menor, então para eles, daquele primeiro ano criou-se, ah é um curso que é, abro aspas, inferior ou que tem uma qualidade menor do que os outros, mas na verdade isso não aconteceu, tanto não tem, o projeto pedagógico, nas suas disciplinas propedêuticas, por exemplo, são semelhantes, são iguais a alimentos e informática. As disciplinas técnicas nós temos os profissionais, hoje temos com exceção de dois que são mestres, os outros são doutores, laboratórios que vieram posteriormente. Como aconteceu com o de alimentos, como aconteceu com o de informática também, então assim, eu acho que o que precisa são os próprios alunos, e aí isso tem uma rotatividade, é muito comum, a cada ano tem cursos que entram e aquele perfil daquelas turmas são mais trabalhosas ou possuem um nível de dedicação menor. Então, assim, acontece com apicultura como acontece com os outros e aí, existe porque também já existiu quando tinha só alimentos e informática, por exemplo, eu acho que é uma característica não só daqui, não sei de onde veio, as pessoas de informática tem a tendência a achar que são sempre superiores e isso é muito comum nos cursos. E aí tinha aqui, no início como era esses dois cursos, como eu disse, um problema inicial, começaram a tentar criar isso de minimizar o curso de alimentos, por exemplo, ah vocês são cozinheiros e os outros diziam: e vocês só servem para ajeitar computadores, então assim, os próprios alunos que sabem o perfil, que sabem o que acontece, tinham isso entre si. E aí à época foi até interessante, porque desde que começou aqui, historicamente, o curso de alimentos tem os maiores IRA's (Indicadores de Rendimento Acadêmico). Salvo uma turma ou outra, assim, onde a gente tem os maiores resultados sempre são no curso de alimentos. E aí assim, a gente conseguiu fazer ver que o curso não era superior e depois de informática eu acho que é sempre assim, o filho caçula que a gente termina judiando mais. Então em alguns momentos também fizeram isso, mas isso já aconteceu com relação a informática e apicultura, essa briga interna entre eles de achar que o curso é inferior ou não. Mas assim, institucionalmente tem todas as condições semelhantes aos outros.

P: O que a Direção Acadêmica espera dos estudantes ao concluir o curso técnico de nível médio em apicultura? Exercer a profissão de técnico? Seguir para a universidade?

Diretora Acadêmica: Olhe, assim, enquanto Diretora Acadêmica eu não tenho, eu sinceramente, assim como os outros, eu espero que todos sigam para a universidade. Eu acho que os cursos técnicos a gente tem que ter uma qualidade que garanta, caso esse aluno tenha desejo, não porque ele não teve oportunidade ou não teve condições, mas tenha o desejo de seguir na sua área técnica, que ele tenha condições técnicas para fazer isso, técnico-profissionais. Mas eu, particularmente, o que eu desejo de alunos de 17, 18 anos, é que eles todos tenham condições de ir para a universidade. Isso se for da vontade deles. Porque já tivemos aqui excelentes alunos, que aí disse não, eu quero atuar até em áreas profissionais diferentes da formação aqui, mas sempre disse eu quero atuar, já começar a trabalhar, então se for desejo sim. Mas o que eu tenho assim como desejo, é que todos tenham condição de ir para a universidade. São alunos muito jovens e que se tiverem oportunidade, interesse e tenham encontrado identidade, que possam até verticalizar nas suas áreas, mas independente disso que todos tenham a condição de verticalizar seus estudos no ensino superior.

P: Na avaliação da Diretoria Acadêmica, há de fato perspectivas de mercado de trabalho para o técnico de nível médio de apicultura, aqui na região?

Diretora Acadêmica: Olhe, para trabalhar em empresas, quase que não. Mas assim, e aí se a gente for ver isso é, eu estou sempre retomando aos outros cursos para a gente não pensar assim, ah isso acontece com o curso de apicultura. De maneira geral eu acho que nenhum dos três cursos, uns um pouco mais, outros um pouco menos, mas a gente não tem. E aí pensar que, o que a gente sempre desejou é a questão do aluno empreendedor. Então esse seria, no meu ponto de vista, a maior

sacada que esses alunos poderiam desenvolver. A gente tem ainda, um grande número de apicultores e é um curso que é muito influenciado pela questão da seca, então a gente sabe que, dependendo da época, sofre muito. Uma, um período de estiagem muito prolongado é claro que interfere diretamente na vida dos apicultores, mas acho que é, acredito sim que se esse aluno tentar ser um aluno empreendedor ele tem grandes oportunidades na área de apicultura, na região. Agora mercado de trabalho formal, para ele chegar, ah quero um emprego, realmente, possivelmente, poucos vão conseguir.

P: Em questionários aplicados aos estudantes do 4º ano de apicultura, grande parte informou que não tem interesse de atuar como técnico de apicultura. Por que isso ocorre e que medidas podem ser adotadas para contornar essa situação?

Diretora Acadêmica: Olha, a questão da atuação, na minha avaliação os institutos federais hoje vivem uma crise de identidade. A minha perspectiva não é no curso de apicultura, se você aplicar esse mesmo questionário no curso de alimentos, de informática. Se você for em Apodi, em Natal, grande parte desses alunos vão responder a mesma coisa. Assim, com algumas exceções e aí não é do curso x ou y, são de pessoas mesmo, essas pessoas hoje buscam, e a nossa região também que não tem, procuram cursar o ensino médio de qualidade. Isso eles encontram aqui, então assim, essa questão do ensino profissional é, no meu ponto de vista, a gente tem essa crise de identidade tremenda porque os alunos querem fazer o ensino médio, tanto que, em um momento anterior quando não teve certos parâmetros para certificação do ensino médio, logo quando iniciou, existia uma debandada, porque o que eles querem é, digamos assim, um degrau para a universidade. E aí eu não vejo, particularmente, enquanto Diretoria, ou de forma isolada, ou no curso de Apicultura, que medidas a gente possa fazer para isso. Isso é muito comum em todos os cursos do IFRN e, ousou dizer, de todas as escolas técnicas que a gente tem da rede federal hoje. Pelo menos no Rio Grande do Norte, que é a realidade que eu conheço, isso é muito comum.

P: Aproveitando essa questão da crise de identidade que você relatou, não é uma contradição o IFRN ofertar um curso técnico e ninguém querer atuar como técnico? É nesse sentido que você faz referência a crise de identidade?

Diretora Acadêmica: Eu não diria contradição, mas assim um problema que a gente tem. Aí assim, eu vejo por dois lados, tem um lado negativo porque a gente tem uma infraestrutura aqui, muito boa em todas as áreas, como são em todos os campi, são muito parecidas em toda a rede no estado do Rio Grande do Norte. Mas, ao mesmo tempo, tem o lado positivo que isso só tem porque hoje a gente tem um acesso muito mais fácil para as universidades, porque possivelmente se não tivesse, vamos dar o exemplo de Pau dos Ferros mesmo, eu cheguei aqui, há dez anos atrás, a gente tinha apenas a UERN (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE) funcionando, praticamente a noite, hoje você tem uma cidade do tamanho de Pau dos Ferros, três grandes universidades públicas, duas federais, a UERN com um número maior de cursos, com os próprios cursos já existentes em turnos matutino e atividades a tarde, e nem sei mensurar, acho que três ou quatro, não tenho muita certeza, de faculdades particulares. Então essa possibilidade do ensino superior faz com que esse aluno não tenha tanto interesse, desde sempre é esse desejo de ir para a universidade. Então assim, alguns que saíram daqui até já foram para a mesma área, mas no ensino superior. Primeiro querem terminar uma universidade para depois atuarem ou na área que já fizeram o curso técnico ou em área diferente. Então a crise seria do instituto, mas seria do contexto educacional que o país passa e que termina oportunizando, provocando isso. Já entram e aí não é porque é no curso de apicultura, porque assim, eu entro, eu faço uma escolha já sabendo, independente de que curso eu venha, eu não quero atuar na área técnica. Alguns até se identificam tanto que terminam fazendo, ou dizendo: eu quero fazer um curso superior na mesma área. Mas, sem ter um dado formal, eu ousaria dizer que 95% dos alunos entram aqui com essa convicção, deles e da família, inclusive.

P: Vamos voltar para uma questão que você colocou quando falou da imagem. O ano passado, duas alunas concluintes de apicultura fizeram um trabalho de conclusão de curso e nessa pesquisa, quase a totalidade dos alunos de apicultura se disseram vítima de preconceito e esse preconceito viria da comunidade externa (familiares, sociedade) e também de professores aqui do campus e alunos dos outros cursos. No âmbito da Diretoria Acadêmica, você identificou esse problema? Se sim, que impactos essa situação pode ter nas perspectivas de sucesso dos estudantes de apicultura?

Diretora Acadêmica: Sim, esse trabalho, salvo engano, foi até que eu participei da banca de avaliação deles. Se foi um que foi orientado pelo professor Lucas eu até fiz parte da banca de avaliação. Tenho conhecimento. E tem, como eu disse, tem com todos já tivemos e apicultura vez ou outra, nenhuma reclamação formalizada, mas aparece essa história. O ruim é que as vezes as pessoas por não conhecerem, inclusive docentes, por não conhecerem, já chegam, a gente tem uma rotatividade muito grande de docentes, onde muitas vezes nem conhece o histórico e a história da gente fazer a pré-avaliação o preconceito que se tem com determinadas coisas antes do conhecimento e aí, muitas vezes pensam: ah, as turmas de primeiro ano de apicultura são mais fracas, o IRA foi mais baixo, que nem sempre isso acontece. Isso tem uma rotatividade muito grande, a depender do ano. Pronto, eu tenho muitas pessoas conhecidas aqui na cidade que as vezes ligam, pedem orientação, ah eu escrevo meu filho em que? Em apicultura é mais fácil de passar? Eu digo não, não existe um curso mais fácil de passar, são as mesmas provas e se você pegar, por exemplo, um histórico das médias, primeiro a concorrência, teve ano, como eu disse, que no início era menos concorrido, já teve ano aqui que o curso mais concorrido foi apicultura tarde, por exemplo. Isso é muito rotativo a cada ano, da mesma forma como a nota de ingresso. Isso também muda de ano para ano, de curso para curso, não tem esse determinante. Agora a gente já teve sim, casos de turma que chegou aqui de apicultura que deu trabalho, do primeiro ao quarto ano. Como já tivemos turma de informática que chegou, que deram trabalho do primeiro ao quarto ano. Tem muito isso e as vezes a gente diz assim: essa turma de apicultura é muito trabalhosa. Na minha avaliação, não é por causa do curso. Isso já aconteceu em todos os cursos. Muitas vezes a gente termina reproduzindo. O que a gente tenta fazer é desconstruir. Isso é muito importante, a desconstrução especialmente junto aos alunos. Eu acredito sim, que se a

gente não for muito enfático no esclarecimento dessas situações, termina desmotivando um pouco o aluno. Assim, a gente precisa deixar muito claro. Não sei nem se você tem alguma coisa sobre, por exemplo, a vinda do Globo Rural (reportagem da TV GLOBO que circulou nacionalmente), no ano passado, isso foi um ponto muito positivo. Porque assim, desconstruiu um pouco disso, que a gente não faz nada, que a gente é inferior. Foi um momento em que os alunos tiveram assim, uma autoestima bem melhorada e aí isso ajudou muito. Quanto têm algumas ações e como muitas vezes a gente não tem tanto campo de atuação, as vezes eles se sentem mais desmotivados, mas quando tem eventos, o que a gente percebe é que quando conseguem participar e que vão em outros lugares, eventos das áreas, que conseguem perceber que eles elaboraram artigos, vão fazer apresentação de trabalhos, que junto com alunos de cursos superiores, o nível deles está da mesma forma ou as vezes até superior, com relação ao que eles têm pesquisado. Isso é muito positivo no retorno.

P: Você acha que essa questão do preconceito é determinante para que o aluno não queira seguir na área?

Diretora Acadêmica: Não, não acho que seja determinante. Porque, como eu disse, para mim ele já chega sabendo que não quer seguir na área. Ele pode desmotivar para ele ser assim, um aluno aplicado. De dizer assim, a gente já é visto como aluno preguiçoso mesmo, isso aqui eles até repetem. Mas, de seguir na área não, porque eles já chegam com isso muito claro, que não querem seguir na área técnica.

P: Então não seria mais fácil cursar só o ensino médio em uma escola regular da rede pública?

Diretora Acadêmica: Mas, como eu disse, eles procuram o ensino médio de qualidade. Isso eles não vão encontrar na rede estadual e, ousou dizer, nem tão bom na rede privada da região. Então, é isso que eles buscam, eles e todos os outros, no meu ponto de vista, a busca pelo ensino médio de qualidade.

P: Não é complicado para uma escola técnica, formar técnicos que não querem ser técnicos?

Diretora Acadêmica: Sim, por isso que quando eu falo que o instituto vive uma crise é isso. Mas o que a gente pode fazer é garantir a qualidade, não só da formação propedêutica, mas também da área técnica. E aí assim, eu acredito que isso hoje é uma realidade em todo país, mas eu posso falar pelo Rio Grande do Norte que é uma realidade que eu conheço de forma mais aprofundada. O que a gente pode fazer e acho que é uma obrigação nossa, e o IFRN tem feito isso muito bem, é também dar a formação técnica. Se esse aluno desejar, ele termina com toda a condição de seguir uma formação técnica naquela área. A gente dá essas condições. E até depois, porque a gente tem um trabalho com os egressos, a parceria com o mundo do trabalho. Forçar esse aluno a gente não pode, mas a gente dá as condições.

P: É isso, acho que tratamos das questões centrais. Gostaria de agradecer pela disponibilidade de participar da nossa pesquisa.

## **ANEXOS**

## Autorização para Coleta de Dados

À Diretora-Geral  
Campus Pau dos Ferros  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

Senhora Diretora-Geral, tendo em vista o desenvolvimento das atividades do Curso de Mestrado em Ciências da Educação na Área de Sociologia da Educação e Políticas Educativas, junto a Universidade do Minho-Portugal, solicitamos autorização para aplicação de instrumentos de coleta de dados (questionários) para professores e estudantes do Campus Pau dos Ferros do IFRN.

Esclarecemos que a pesquisa está sendo desenvolvida sob a orientação do professor Doutor Carlos Alberto Gomes, do Departamento de Ciências Sociais da Educação do Instituto de Educação da Universidade do Minho, e que, em razão dos princípios éticos que norteiam nosso trabalho, nenhum dos professores e estudantes que responderem aos questionários serão identificados.

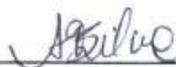
Certos de que seremos autorizados, desde já ficam os nossos agradecimentos.

Cordialmente,

Erasmus José Pereira de Oliveira

### Espaço para autorização:

AUTORIZO A APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS E O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DE PESQUISA NAS INSTALAÇÕES DO CAMPUS PAU DOS FERROS.



Assinatura da Diretora-Geral

Data: 10/06/19

Antonia Francimar da Silva  
Diretora-Geral  
Del Comp. Port nº 1088/2018



Ministério da Educação  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
 REITORIA  
 REITORIA  
 Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, NATAL / RN, CEP 59015-300

Carta de Anuência 13/2020 - RE/IFRN

17 de junho de 2020

### CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Josué de Oliveira Moreira, Matrícula Siape nº 1296005, representante legal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), localizado no endereço Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, Natal/RN, CEP 59015-300, venho, através deste documento, conceder anuência para a realização da pesquisa intitulada “Um curso sem sentido? Estratégias institucionais *versus* estratégias individuais dos estudantes do curso de Apicultura do Campus Pau dos Ferros”, no âmbito deste Instituto Federal, submetida pelo pesquisador Erasmo José Pereira de Oliveira, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Gomes, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação (Mestrado), Área de Especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas, da Universidade do Minho (UMinho).

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nessa pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) o cumprimento das determinações éticas da Resolução nº 466/12 CNS/MS;
- 2) a garantia do participante em solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa; e
- 3) liberdade do participante de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalidade ou prejuízos.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento das determinações éticas propostas na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e suas complementares. O descumprimento desses condicionamentos assegura-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

JOSUÉ DE OLIVEIRA MOREIRA  
 Reitor *Pro Tempore*  
 (Portaria nº 405/MEC, de 17/04/2020, publicada no DOU de 20/04/2020)

Documento assinado eletronicamente por:

- Josue de Oliveira Moreira, REITOR - CD0001 - RE, em 17/06/2020 16:22:52.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 17/06/2020. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifrn.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 210705  
 Código de Autenticação: 738bcc943d





**Ministério da Educação**  
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte**  
**REITORIA**

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, NATAL / RN, CEP 59015-300

Fone: (84) 4005-0768, (84) 4005-0750

**DECLARAÇÃO 13/2020 - RE/IFRN**

Declaro, para os devidos fins, que estou de acordo com a utilização do nome do INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE, por mim representado legalmente, nos termos do Decreto Presidencial de 15 de abril de 2016 (Diário Oficial da União Ano LVII N°-73), na pesquisa intitulada “Um curso sem sentido? Estratégias institucionais *versus* estratégias individuais dos estudantes do curso de Apicultura do Campus Pau dos Ferros” submetida pelo aluno **Erasmio José Pereira de Oliveira**, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Gomes, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação (Mestrado), Área de Especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas, da Universidade do Minho (UMinho).

**JOSUÉ DE OLIVEIRA MOREIRA**

Reitor *Pro Tempore*

(Portaria nº 405/MEC, de 17/04/2020, publicada no DOU de 20/04/2020)

(assinado eletronicamente)

Documento assinado eletronicamente por:

- **Josue de Oliveira Moreira, REITOR - CD0001 - RE**, em 19/06/2020 15:54:39.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 19/06/2020. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifrn.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 211283

Código de Autenticação: 8f489c30f2

